

**FACULDADE NOVOS HORIZONTES**  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO *STRICTO SENSU* EM  
ADMINISTRAÇÃO  
**MESTRADO ACADÊMICO EM ADMINISTRAÇÃO**

**SENTIDO DO TRABALHO**  
DISCURSO DOS TRABALHADORES DE UMA ORGANIZAÇÃO DO  
TERCEIRO SETOR EM BELO HORIZONTE

ELIETE AUGUSTA DE SOUZA VIANA

BELO HORIZONTE  
2008

ELIETE AUGUSTA DE SOUZA VIANA

## **SENTIDO DO TRABALHO**

### **DISCURSO DOS TRABALHADORES DE UMA ORGANIZAÇÃO DO TERCEIRO SETOR EM BELO HORIZONTE**

Dissertação apresentada ao curso de Mestrado Acadêmico em Administração, da Faculdade Novos Horizontes, como requisito parcial para obtenção do título de mestre em Administração.

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Marília Novais da Mata Machado.

Linha de pesquisa: Relações de Poder e Dinâmica das Organizações.

Área de concentração: Organização e estratégias.

**BELO HORIZONTE  
2008**

V614s Viana, Eliete Augusta de Souza  
Sentido do trabalho: discurso dos trabalhadores de uma  
organização do terceiro setor em Belo Horizonte. / Eliete  
Augusta de Souza Viana. – Belo Horizonte: FNH, 2008.  
179 f.

Orientadora: Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Marília Novais da Mata Machado  
Dissertação (mestrado) – Faculdade Novos Horizontes,  
Programa de Pós-graduação em Administração

1. Relações trabalhistas. 2. Terceiro setor. 3. Satisfação  
no trabalho. 4. ONG Comupra. I. Machado, Marília Novais  
da Mata. II. Faculdade Novos Horizontes, Programa de  
Pós-graduação em Administração. III. Título

CDD: 658.31422

## **AGRADECIMENTOS**

A Deus, que me abençoou com uma vida cheia de saúde e oportunidades para ser uma pessoa feliz e próspera;

Ao meu marido, Adair Viana, pelo seu apoio quase incondicional na realização dos meus sonhos;

Aos meus filhos maravilhosos, Natan Viana e Larissa Viana, pela sabedoria que tiveram em apoiar-me e compreender-me durante esta jornada;

Aos trabalhadores do Comupra, que colaboraram comigo na realização desta pesquisa;

À minha orientadora, Marília Novais da Mata Machado, pela dedicação, paciência, carinho e atenção dispensados durante o mestrado;

A Nilcéia Lage, Fabiane Clemente, Raimundo Barros e ao professor Rubens Nascimento, que me ajudaram nos momentos de dificuldades e contribuíram para a conclusão deste trabalho;

À minha primeira orientadora, Ester Eliane Jeunon, que não me fez mudar de idéia para agradá-la e me apoiou para manter o meu tema;

Aos professores da comissão examinadora Dr.a Ester Eliane Jeunon e Dr. Marcos Vieira Silva, que com excelência agregaram mais conhecimento ao meu trabalho e a à minha vida acadêmica.

A minha mãe, que me deu incentivo para estudar desde a minha infância;

A todas as pessoas de minha convivência que contribuíram de alguma forma para a realização deste trabalho;

A todos os meus amigos e familiares, que me acompanharam nesse período de luta e crescimento pessoal e profissional.

Um homem se humilha  
Se castram seus sonhos  
Seu sonho é sua vida  
E vida é trabalho  
E sem o seu trabalho  
O homem não tem honra  
E sem a sua honra se morre, se mata.

Versos extraídos da canção “Um homem também chora (Guerreiro Menino)”  
de Luiz Gonzaga Jr. (Gonzaguinha)

## RESUMO

Esta pesquisa teve como objetivo principal explicitar o discurso enunciado por trabalhadores do Comupra, uma ONG de Belo Horizonte, sobre a relação sentido positivo/prazer e negativo/sofrimento do trabalho. Acompanhando a literatura revista no referencial teórico, este estudo considera o trabalho como central na vida dos indivíduos e da sociedade. Um dos seus campos de expansão atualmente é o Terceiro Setor, ainda pouco estudado. Esta pesquisa, de natureza descritiva e abordagem qualitativa, que teve como instrumento de coleta de dados a entrevista semi-estruturada, procurou contribuir para uma maior compreensão sobre a questão do sentido do trabalho no Terceiro Setor. Investigou especificamente uma ONG que atua com trabalho comunitário. O tratamento das informações foi feito utilizando-se a análise do discurso. Foram realizadas entrevistas com seis trabalhadores do Comupra, cujas análises revelaram que o sentido positivo do trabalho tem predominância sobre o negativo. As vivências que promovem o prazer são mais significativas do que aquelas que causam o sofrimento, mostrando que a escolha por trabalhar no Terceiro Setor está associada a uma expectativa de transformação pessoal e da comunidade. Ou seja, trabalha-se por uma causa pessoal e social.

Palavras-chave: Sentido do trabalho. Prazer e sofrimento no trabalho. Organizações não governamentais. Trabalho comunitário.

## **ABSTRACT**

This research work has as main objective to make explicit the discourse enunciated by the workers of the Comupra, a Non-governmental Organization – NGO, about the positive/pleasure or negative/suffering meaning they attribute to their work. Following the adopted theoretical referential, this study considers the work as something central in individual and societal lives. The research work was qualitative and descriptive. The main tool for data collection was the semi-structured interview. The aim was to contribute for a better comprehension about the meaning of the work in the third sector (NGOs). It was investigated a NGO of community origin. The obtained information was treated by means of discourse analysis. Six workers of the Comupra were interviewed. The analyses showed that the positive meaning of the work surpass the negative meaning. The situations in which pleasure occurs are taken as more important than those provoking suffering, showing that the choice for working in the third sector is strongly associated to an expectation of individual and community changes. In other words, the workers labor for a personal and a social cause.

Keywords: Work meaning. Pleasure and suffering in the work. Non-governmental Organization - NGO. Community work.



## LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ABONG	Associação Brasileira de Organizações não-governamentais
AIC	Associação de Imagem Comunitária
CEB	Comunidades Eclesiais de Base
COMUPRA	Conselho Comunitário Unidos pelo Ribeiro de Abreu
COMUSAN	Conselho Municipal de Segurança Alimentar e Nutricional
COPASA	Companhia de Saneamento
CRISP	Centro de Estudos de Criminalidade e Segurança Pública
DER	Departamento de Estradas e Rodagem
FASFIL	Fundações Privadas e Associações sem Fins Lucrativos no Brasil
GASMIG	Companhia de Gás de Minas Gerais
GIFE	Grupo de Institutos, Fundações e Empresas
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
ICNPO	Internacional Classification of Non-Profit Organizations
IPEA	Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada
MOW	Meaning of Working Internacional
ONG	Organização não-governamental
ONU	Organização das Nações Unidas
URBEL	Companhia Urbanizadora de Belo Horizonte

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Esquema do referencial teórico .....	16
Figura 2 – Mapa de Belo Horizonte – bairro Ribeiro de Abreu .....	40
Figura 3 – Mapa do bairro Ribeiro de Abreu.....	41
Figura 4 – Fotos do Bairro Ribeiro de Abreu e seu entorno.....	41
Figura 5 – Horta comunitária na Escola Estadual Bolívar Tinoco Mineiro... ..	46
Figura 6 – Projeto estufa na Horta Comunitária do Comupra – Escola Estadual Bolívar Tinoco Mineiro .....	47
Figura 7 – Alunos da Escola E. Bolívar Tinoco Mineiro colhendo as verduras da horta.....	47
Figura 8 – Metodologia de pesquisa.....	53

## LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Pesquisas sobre sentidos do trabalho .....	30
Quadro 2 – Dimensões de um trabalho com sentido. ....	30
Quadro 3 – Propósitos e vantagens do uso do estudo de caso. ....	55
Quadro 4 – Informações gerais sobre os entrevistados. ....	61
Quadro 5 – Sobre a documentação dos entrevistados .....	61
Quadro 6 – Algumas informações socioeconômicas dos entrevistados.....	62
Quadro 7 – Informações complementares sobre condições socioeconômicas dos entrevistados .....	62
Quadro 8 – Síntese do número de expressões enunciadas pelos trabalhadores sobre o sentido do trabalho no Comupra. ....	82
Quadro 9 – Expressões que sintetizam o sentido atribuído ao trabalho pelos trabalhadores do Comupra.....	83
Quadro 10 – Interpretação com expressões que sintetizam o sentido atribuído ao trabalho pelos trabalhadores do Comupra. ....	125

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>11</b>
1.1	Problemática.....	13
1.2	Justificativa.....	14
1.3	Objetivos.....	15
<b>2</b>	<b>REFERENCIAL TEÓRICO .....</b>	<b>16</b>
2.1	O trabalho.....	17
2.2	Terceiro setor e organizações não-governamentais.....	19
2.3	Comunidade, voluntariado e trabalho comunitário no Terceiro Setor.....	25
2.4	Sentido do trabalho.....	29
<b>3</b>	<b>CARACTERÍSTICAS GERAIS DA ORGANIZAÇÃO</b>	
	<b>PESQUISADA.....</b>	<b>38</b>
3.1	Região e abrangência.....	38
3.2	Origem, características e atividades do Comupra.....	42
<b>4</b>	<b>METODOLOGIA.....</b>	<b>53</b>
4.1	Esquema da estruturação metodológica da pesquisa.....	54
4.2	Tipo e natureza da pesquisa.....	53
4.3	Os instrumentos para a coleta de informações.....	56
4.4	Papel da entrevistadora na co-construção da entrevista.....	56
4.5	Procedimentos de entrevista.....	57
4.6	Seleção dos sujeitos da pesquisa.....	59
4.7	Características dos entrevistados.....	60
4.8	Tratamento das entrevistas.....	63
4.8.1	Transcrições e revisões: a construção dos corpora.....	63
4.8.2	Análise do discurso.....	64

<b>5</b>	<b>ANÁLISES E RESULTADOS .....</b>	<b>66</b>
5.1	As condições de produção do discurso .....	66
5.2	Sentido positivo (prazer) .....	72
5.3	Sentido negativo (sofrimento) .....	79
5.4	Outros resultados.....	81
5.5	Sínteses numéricas dos resultados .....	82
<b>6 DISCUSSÃO DOS RESULTADOS E CONSIDERAÇÕES FINAIS</b>		<b>85</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>		<b>91</b>
<b>APÊNDICES .....</b>		<b>99</b>
<b>ANEXOS .....</b>		<b>128</b>

## 1 INTRODUÇÃO

Vários estudos apontam que o trabalho é central na vida das pessoas, engajando toda a subjetividade do trabalhador: “é e continuará central em face da construção da identidade e da saúde, da realização pessoal, da formação das relações entre homens e mulheres, da evolução da convivência e da cultura” (DEJOURS, 2007a, p. 21). O trabalho, cada vez mais, pode ser causa de sofrimento e prazer. Para compreender sentidos positivos e negativos do trabalho, faz-se necessário estudar os aspectos da subjetividade, como prazer e sofrimento na atividade laboral (MORIN, TONELLI; PLIOPAS, 2003).

Na década de 1970 ocorreram profundas transformações no que diz respeito às atividades laborais: mudança tecnológica, intensificação do processo produtivo, precarização, informalidade, terceirização, etc. Com isso, a “classe-que-vive-do-trabalho” (ANTUNES, 2006a, p. 186) sofreu a mais aguda crise do século XX, que atingiu não só a materialidade do trabalho como também a subjetividade do trabalhador.

Conseqüentemente, essas mudanças afetaram as condições de trabalho e a relação do trabalhador com a organização do trabalho. Aumentou o número de pessoas que sofrem com as diversas formas de precarização, isto é, com a falta de condições dignas e de sentido para quem realiza o trabalho, o que pode levar ao adoecimento e ao desequilíbrio psíquico (DEJOURS, 1992) e de pessoas excluídas do mercado formal por falta de qualificação (ANTUNES, 2006a).

Na mesma época, surgiram no Brasil as primeiras organizações não-governamentais (ONGs), consolidando o chamado “Terceiro Setor”. Muitas difundem valores relacionados a cidadania, justiça social e igualdade. E, buscando minimizar os efeitos sociais da precarização do trabalho e da exclusão social, promovem a inclusão de trabalhadores (OURIQUES; RAMOS, 2006).

No Brasil, o trabalho realizado no Terceiro Setor por algumas ONGs herdou princípios dos trabalhos comunitários de transformação social fundamentados nas

Comunidades Eclesiais de Base (CEB), movimento de renovação da Igreja Católica. Esses trabalhos se caracterizam pelo exercício da cidadania de forma coletiva em prol da sociedade, principalmente dos excluídos. Assim, as ONGs tornaram-se uma opção de trabalho. Algumas delas apóiam-se no princípio da transformação social e diferenciam-se dos demais setores por não terem como finalidade o lucro financeiro.

Paralelamente, a reflexão teórica apontou a relevância do sentido do trabalho. Dejourns, Abdoucheli e Jayet (2007) postulam que ele é construído pelo trabalhador de acordo com as características das tarefas realizadas, a organização do trabalho e as diferenças individuais. Conseqüentemente, o sentido dependerá do modo como os trabalhadores subjetivam a vivência laboral nas novas formas de organização do trabalho experienciada por eles nos diversos setores produtivos da sociedade.

Nesse contexto, este estudo visa compreender o discurso dos trabalhadores sobre o sentido do trabalho no Conselho Comunitário Unidos pelo Ribeirão de Abreu (COMUPRA), que é uma ONG.

A metodologia utilizada foi o estudo de caso. O principal instrumento de coleta de dados foram entrevistas, tratadas por análise do discurso.

Este trabalho encontra-se estruturado em sete capítulos, incluindo esta Introdução, que trata da contextualização do problema, da justificativa e dos objetivos da pesquisa. No segundo, descreve-se o referencial teórico. No terceiro, apresentam-se as características gerais da organização pesquisada. No quarto, desenvolve-se a metodologia, detalhando tipo e natureza de pesquisa, os instrumentos de coleta e tratamento de informações, os procedimentos de entrevista, a definição dos sujeitos de pesquisa, as características dos entrevistados, o tratamento das entrevistas, as limitações do método e o esquema de estruturação metodológica da pesquisa. No quinto faz-se a apresentação e análise dos resultados. No sexto, discutem-se os resultados. No sétimo, formulam-se as considerações finais.

## 1.1 Problemática

Pesquisas realizadas no Terceiro Setor apontam que as pessoas abraçam esse tipo de trabalho por compartilharem valores, crenças e o desejo de ajudar o próximo (solidariedade) e de contribuir para a transformação social (CORULLÓN, MEDEIROS FILHO, 2002; SARAIVA, 2006).

Houve crescimento de 71% do Terceiro Setor entre 1995 e 2002, passando a empregar em torno de 1,5 milhão de assalariados. Só em Belo Horizonte o Ministério Público apurou 1.321 organizações do Terceiro Setor em 2006 (GRUPO DE INSTITUTOS FUNDAÇÕES E EMPRESAS, 2006?).

A organização do Terceiro Setor estudada é a ONG Conselho Comunitário Unidos pelo Ribeiro de Abreu (COMUPRA), situada no bairro Ribeiro de Abreu, periferia de Belo Horizonte. Este bairro localiza-se na região nordeste de Belo Horizonte, marcado por problemas como ocupação desordenada, violência e pobreza (CONSELHO COMUNITÁRIO UNIDOS PELO RIBEIRO DE ABREU, 2003). Como exemplo, cita-se o aumento, entre 1998 a 2003 (CENTRO DE ESTUDOS DE CRIMINALIDADE E SEGURANÇA PÚBLICA, 2002?), do número de casos de homicídio, de quatro para 25, e de roubo à mão armada, de 50 para 346. Dos moradores do bairro, 14% são analfabetos e 12% dos responsáveis pelo domicílio não têm nenhum rendimento (INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA, 2004b).

Em 2002, os trabalhadores do Comupra detectaram algumas prioridades e anseios da comunidade do bairro Ribeiro de Abreu, por meio da realização da primeira atividade de ação integrada, em que entrevistaram 800 pessoas moradoras do bairro. Com base nesses resultados, os trabalhadores iniciaram os procedimentos para a criação do Projeto RIBAS (Ribeiro de Abreu Social), de desenvolvimento local integrado, com vistas a impulsionar mudanças na região a partir da mobilização social (ANEXO A).



Para o Comupra conseguir atuar no bairro por meio do trabalho comunitário, de modo a efetivar as diversas ações do RIBAS, fez-se necessário arremeter um número razoável de trabalhadores que permitisse realizar uma divisão equilibrada das tarefas, fato que nem sempre aconteceu, o que acabou sobrecarregando os trabalhadores que lá estão.

Tendo em vista que a causa do Comupra é a melhoria das condições de vida da comunidade, é preciso contar com trabalhadores que estejam engajados com as premissas básicas do Terceiro Setor para que permaneçam na ONG, fator que se apresenta como grande dificuldade, pois o número de trabalhadores para as diversas atividades é insuficiente. Mas o grupo tem se organizado e efetuado o trabalho comunitário no bairro, muitas vezes sobrecarregando alguns membros. Nessas condições, pergunta-se: Qual é o sentido que os membros do Comupra atribuem ao trabalho que realizam nessa ONG?

## **1.2 Justificativa**

Os estudos sobre o sentido do trabalho estão em evidência, principalmente as pesquisas que tratam do adoecimento pelo trabalho. Segundo Morin (2006, p. 10), empresas no Canadá gastaram cerca de “20 milhões de dólares canadenses para compensar faltas ao trabalho provocadas por transtornos mentais”. A autora mostra que o sentido do trabalho é um tema fundamental para ser estudado, pois “construir, ou reconstruir, os sentidos do trabalho é projeto de renovada importância, tanto para os profissionais como para as empresas” (MORIN, 2002, p. 71).

Considerando que o trabalho é atividade central na vida das pessoas, compreender seu sentido para os trabalhadores de uma organização do Terceiro Setor na periferia de Belo Horizonte torna-se relevante. Além disso, há carência de estudos sobre o sentido do trabalho com pessoas de classe social menos favorecida, como são os trabalhadores do Comupra.

A escolha do Comupra para esta pesquisa foi definida por ser esta uma organização do Terceiro Setor com projetos diversificados e de relevância para a comunidade. Atua localmente, mas com preocupações globais, como a preservação da vida, da mata e da água, e a geração de trabalho e renda. Suas ações são arrojadas, o que lhe valeu premiação pelos trabalhos realizados. Em 2007, ganhou o segundo lugar no Prêmio Maria Regina Nabuco, do Conselho Municipal de Segurança Alimentar e Nutricional, com o projeto Horta Comunitária.

Outro fator de escolha foi a facilidade de acesso, decorrente de contatos anteriores da pesquisadora com seus trabalhadores.

Outro aspecto determinante para a escolha do tema da pesquisa e da instituição foi a realização de entrevistas, em 2003, pela pesquisadora, com as trabalhadoras da Horta Comunitária, que, em suas falas, ressaltaram que o trabalho realizado por elas no Comupra proporcionou-lhes inserção social na comunidade e deu-lhes visibilidade, reconhecimento social e valorização pessoal. O discurso dessas trabalhadoras causou uma inquietação na pesquisadora quanto à importância de estudar o tema em uma ONG com esse tipo de participação na comunidade.

### **1.3 Objetivos**

O objetivo geral consiste em: apreender o discurso enunciado por trabalhadores do Comupra, ONG de Belo Horizonte, sobre o sentido do trabalho que realizam.

Os objetivos específicos são:

- a) Apreender o sentido positivo (prazer) que os trabalhadores atribuem ao trabalho realizado no Comupra;
- b) Apreender o sentido negativo (sofrimento) que os trabalhadores atribuem ao trabalho realizado no Comupra.

## 2 REFERENCIAL TEÓRICO

O esquema apresentado na figura 1 traz os principais autores utilizados na construção do referencial teórico desta pesquisa.

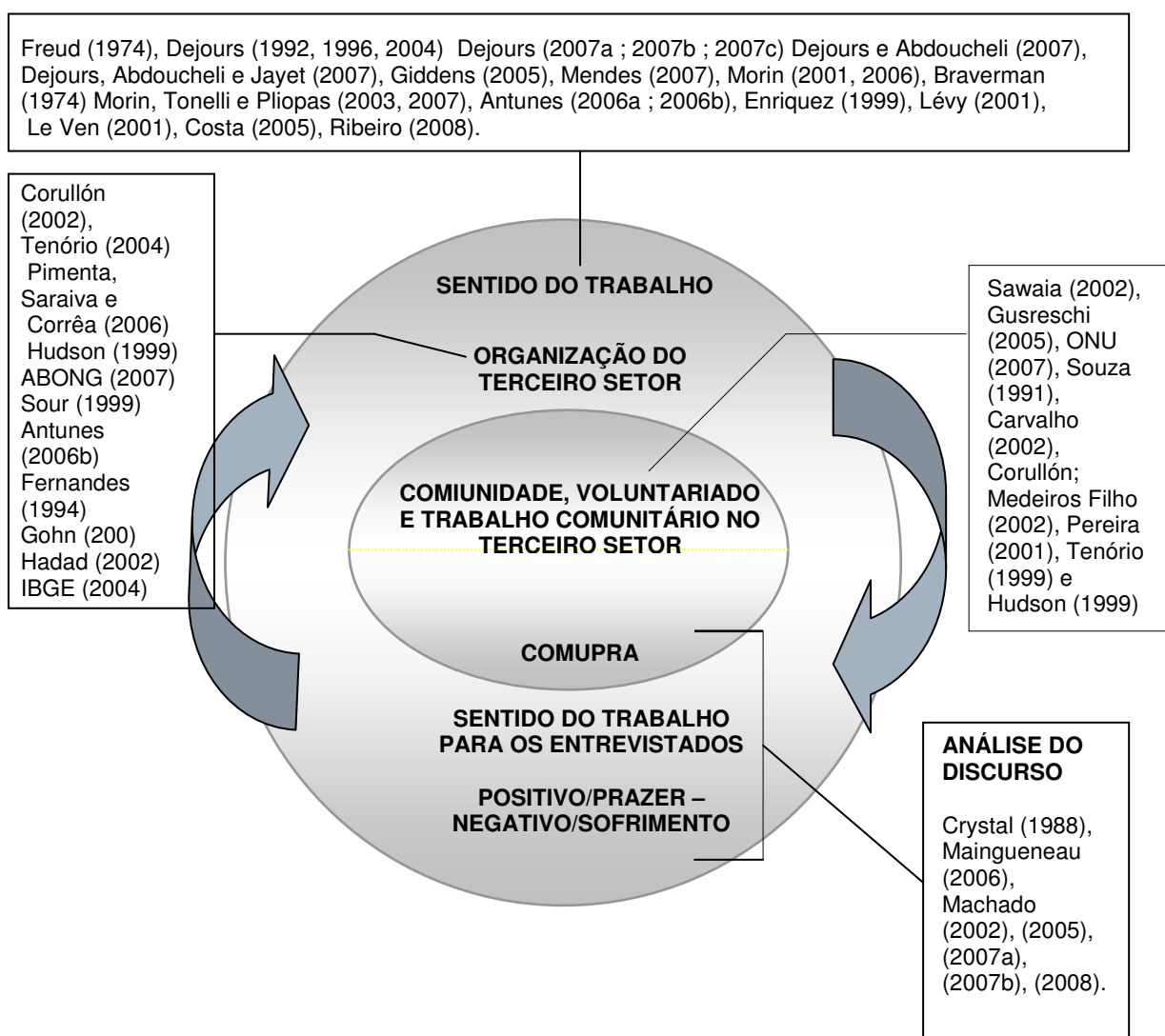


Figura 1 – Esquema do referencial teórico

Fonte: Elaborado pela autora

## 2.1 O trabalho

O tema “trabalho” tem sido estudado e discutido por diversas disciplinas, a partir de abordagens teórico-metodológicas diferentes. Há um debate controvertido quanto ao lugar que ele ocupa na sociedade contemporânea. Em vários desses estudos, o trabalho é considerado como parte da condição humana, porque as pessoas e a sociedade se constituem a partir dele. Ou seja, a maior parte da vida da maioria dos indivíduos é ocupada mais pelo trabalho do que por outra atividade. Conseqüentemente, o trabalho, em sua centralidade, desempenha papel fundamental para a realização do sujeito.

Freud (1974, p. 99), argumenta que o trabalho é a atividade que proporciona certa direção à vida, noção de realidade, e, também, representa uma possibilidade de vínculos entre as pessoas. Em sua teoria, podem-se identificar idéias que traduzem a importância do trabalho para a humanidade:

Quando numa pessoa não existe uma disposição especial que prescreva imperativamente a direção que seus interesses na vida tomarão, o trabalho profissional comum, aberto a todos, pode desempenhar o papel a ele atribuído [...]. Nenhuma outra técnica para a conduta da vida prende o indivíduo tão fortemente à realidade quanto a ênfase concedida ao trabalho, pois este, pelo menos, fornece-lhe um lugar seguro numa parte da realidade, na comunidade humana. A possibilidade que essa técnica oferece de deslocar uma grande quantidade de componentes libidinais, sejam eles narcísicos, agressivos ou eróticos, para o trabalho profissional, e para os relacionamentos humanos a ele vinculados, empresta-lhe um valor que de maneira alguma está em segundo plano quanto ao de que se goza como algo indispensável à preservação e justificação da existência em sociedade. A atividade profissional constitui fonte de satisfação especial, se for livremente escolhida [...].

Define Dejours (2004, p. 28) que:

Trabalho é aquilo que implica, do ponto de vista humano, o fato de trabalhar: gestos, *saber fazer*, um engajamento do corpo, a mobilização da inteligência, a capacidade de refletir, de interpretar e de reagir às situações; é o poder de sentir, de pensar e de inventar, etc; [...] para o clínico o trabalho não é em primeira instância a relação salarial ou o emprego; é o <trabalhar>, isto é, um certo modo de engajamento da personalidade para responder a uma tarefa delimitada por pressões (materiais e sociais).

Giddens (2005, p. 306) afirma:

Nas sociedades modernas, ter um emprego é importante para manter a auto-estima. Mesmo nos lugares em que as condições de trabalho são relativamente desagradáveis, e as tarefas monótonas, o trabalho tende a representar um elemento estruturador na composição psicológica das pessoas e no ciclo de suas atividades diárias. Diversas características do trabalho são relevantes neste ponto:

Dinheiro (o salário é o principal recurso do qual muitas pessoas dependem);

Nível de atividade (o trabalho proporciona uma base para a aquisição e o exercício das aptidões e das habilidades);

Variedade (o trabalho proporciona um acesso a contextos que contrastam com o meio doméstico);

Estrutura temporal (para quem tem emprego regular, o dia normalmente se organiza em torno do ritmo do trabalho);

Contatos sociais (o ambiente de trabalho muitas vezes proporciona amizades e oportunidades de participação em atividade comuns com outras pessoas);

Identidade pessoal (normalmente, valoriza-se o trabalho pela sensação de identidade social estável que ele oferece).

Todos esses fatores apontam para a centralidade do trabalho na vida das pessoas. Trabalhar, ou não, influencia o equilíbrio psíquico e a manifestação da subjetividade dos sujeitos.

Essa perspectiva da centralidade é fortalecida por Dejours (2007a, p. 21) com a seguinte afirmação:

O trabalho é e continuará central em face da construção da identidade e da saúde, da realização pessoal, da formação das relações entre os homens e mulheres, da evolução da convivência e da cultura.

Mendes (2007, p. 45), a partir dos pressupostos dejourianos, sustenta a mesma proposta: “O trabalho na sua centralidade exerce papel fundamental para a realização do sujeito [...]”. Assim, reafirma a importância da relação do homem com as atividades desenvolvidas para se estruturar enquanto pessoa.

Enriquez (1999) chama atenção para as consequências sobre os indivíduos da falta de trabalho. Segundo ele, sabe-se que sua perda provoca uma ferida profunda na identidade das pessoas, concorrendo para a desagregação de suas personalidades. Trabalhar não é somente produzir; é também transformar a si mesmo.

Nas sociedades modernas, muitas vezes, o trabalho é pensado somente como sinônimo de emprego remunerado. Porém, essa visão é parcial, pois grande parte

do trabalho realizado na economia informal<sup>1</sup> não aparece nas estatísticas oficiais de empregos (GIDDENS, 2005) e é importante tanto para os trabalhadores quanto para a sociedade. Portanto, é necessário pensar o trabalho de forma mais ampla, pois ele extrapola os limites da formalidade e da produção estritamente capitalista, como se verá no próximo item.

## 2.2 Terceiro setor e organizações não-governamentais

Adota-se nesta pesquisa a tipologia dos três setores que regem as atividades das pessoas. O Primeiro Setor compreende o Estado, que utiliza o dinheiro público para fins públicos. O Segundo Setor compreende o mercado, em que empresas privadas utilizam o dinheiro privado para fins privados (lucro). O Terceiro Setor compreende as instituições que se relacionam com práticas sociais sem fins lucrativos.

O termo *Terceiro Setor*, no Brasil, passou a ser utilizado a partir do início dos anos de 1990 para designar as organizações da sociedade civil sem fins lucrativos criadas e mantidas principalmente pela participação voluntária, visando à solução de problemas sociais (SOUR, 1999).

A definição de Terceiro Setor ainda é muito polêmica. França Filho (2002, p. 9) conceitua-o como “um espaço de vida social e de trabalho intermediário entre as esferas do Estado e do mercado”.

A concepção jurídica é baseada na *Internacional Classification of Non-Profit Organizations* (ICNPO):

[...] integram o Terceiro Setor, por sua natureza jurídica, as seguintes entidades sem fins lucrativos: as organizações sociais, as organizações de sociedade civil de interesse público, outras fundações mantidas com recursos privados, filiais de fundações ou associações estrangeiras e outras formas de associação (PIMENTA; SARAIVA; CORRÊA, 2006, p. VIII).

---

<sup>1</sup> Esse termo refere-se às transações que ocorrem fora do emprego regular, às quais às vezes envolvem troca de dinheiro por serviços prestados, mas que geralmente também envolvem a troca direta de mercadorias ou serviços (GIDDENS, 2005, p. 306).

Sabe-se que no bojo do Terceiro Setor estão diversas organizações que se orientam pelos princípios da convergência, unidade e indiferenciação, assumindo um propósito capitalista. Contudo, algumas instituições se diferenciam, porque se voltam principalmente para as lutas contra a exclusão, a concentração de renda e a violação dos direitos dos cidadãos. Mas, em função da definição jurídica, todas as organizações que compõem esse setor, independente dos seus princípios e propósitos, encontram-se classificadas de maneira homogênea e indiferenciada.

Na busca por retratar melhor o Terceiro Setor, organizações, como a Associação Brasileira de Organizações Não governamentais (ABONG), o Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA), o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) e o Grupo de Institutos, Fundações e Empresas (GIFE), realizaram conjuntamente, baseando-se em critérios e classificações internacionais, um estudo sobre as instituições privadas sem fins lucrativos atuantes no Brasil. Fizeram um recorte nesse universo de instituições com base em cinco critérios, que estabelecem uma identidade comum a um determinado grupo de organizações: ser privadas; não ter fins lucrativos; ser institucionalizadas; ser auto-administradas; e ser voluntárias.

Essas organizações têm como principal característica o fato de serem voluntárias, autônomas e privadas, sendo constituídas por cidadãos e cidadãos que se reúnem livremente em torno de objetivos comuns. Observou-se que as instituições que atendem simultaneamente a estes cinco critérios enquadram-se nas figuras jurídicas de fundações privadas ou associações sem fins lucrativos (INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA, 2004a, p. 49).

Foram encontradas 276 mil instituições (55% do total das 500.155 entidades) que se enquadram nesses cinco critérios, as quais foram então batizadas pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (2004) como “Fundações Privadas e Associações sem Fins Lucrativos no Brasil” (FASFIL).

Segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (2004a, p. 50), “as Fasfil representam 5% do total de organizações (públicas, privadas lucrativas e privadas não lucrativas) formalmente cadastradas no País”. São organizações jovens, na medida em que em sua maioria, foram criadas a partir da década de 1990. Entre os anos de 1996 a 2002, o número das Fasfil aumentou 157%, passando de 105 mil para 276 mil.

A maior concentração das Fasfil está na região Sudeste (44%), predominantemente nos estados de São Paulo (21%) e Rio de Janeiro (13%). As demais encontram-se nas regiões Sul (23%), Nordeste(22%), Norte (4%) e Centro-oeste (7%).

Elas são, “em sua grande maioria, pequenas organizações: 77% delas não possuem qualquer empregado e somente 7% contam com 10 ou mais assalariados” (INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA, 2004b, p. 50). “Enquanto cerca de 2,5 mil entidades (1% do total) absorvem quase um milhão de trabalhadores” (GRUPO DE INSTITUTOS FUNDAÇÕES E EMPRESAS, 2007).

Segundo o Grupo de Institutos Fundações e Empresas (2007), essas 276 mil organizações empregam 1,5 milhão de assalariados, o que corresponde a 5,5% dos empregados de todas as organizações formalmente registradas no País.

As Fasfil desenvolvem atividades nas seguintes áreas: “habitação, saúde, cultura e recreação, educação e pesquisa, assistência social, religião, associações patronais e profissionais, meio ambiente e proteção animal, desenvolvimento e defesa de direitos e outras instituições” (PIMENTA, SARAIVA, CORREA, 2006, p. VIII).

Para Pimenta, Saraiva e Corrêa (2006), o conceito baseado no parâmetro de natureza jurídica pode ser questionado, na medida em que exclui uma série de associações não formais e, até mesmo, formais que implementam políticas públicas e sociais. Outra questão que para estes autores é de maior importância diz respeito

[...] à insistência com que o Terceiro Setor vem sendo considerado como um espaço social privilegiado para o exercício da cidadania pelos atores da sociedade civil, que estariam a construir um novo modelo de articulação sociopolítica centrado na generalização de competências civis descentralizadas, por um lado com base no trabalho voluntário e, por outro, na responsabilidade social das empresas. Nesse sentido, ele apresentaria as potencialidades de (re)construção de um espaço político pela sociedade civil para além do Estado e do mercado, constituindo-se em uma alternativa econômica e conceitual ao modo capitalista (PIMENTA, SARAIVA, CORRÊA, 2006, p. VIII).

Saraiva (2006) acrescenta que o Terceiro Setor vem se ampliando e tornando-se importante porque tem desempenhado os papéis que eram tradicionalmente



exercidos pelo governo, que se reduziu ao Estado mínimo, pela influência do neoliberalismo. Para esse autor:

A sociedade civil, “suporte dinâmico para toda atividade social”, transforma-se e passa a ser compreendida em oposição não apenas ao Estado, mas também ao mercado. Representa, assim, uma terceira dimensão da vida pública, diferente do governo e do mercado – e isso deu base à emergência do Terceiro Setor (SARAIVA 2006, p. 23).

Alguns críticos do Terceiro Setor chamam a atenção para o fato de haver transferência das funções públicas para a sociedade civil, que, por sua vez, não tem recursos necessários para uma atuação tão abrangente quanto necessária. Nessa visão, o trabalho voluntário torna-se um bom negócio, apropriado pelo sistema capitalista. Conforme Pimenta, Saraiva e Corrêa (2006), o Terceiro Setor não seria capaz de solucionar as demandas que lhes são apresentadas, por ser destituído dos instrumentos e recursos institucionais para realizar uma atuação mais abrangente e também porque é perpassado por interesses diversos e lógicas conflitantes, como cidadania e capitalismo.

Por isso, Saraiva (2006, p. 34) destaca a importância das organizações do Terceiro Setor enquanto campo de discussão e luta pelos valores da solidariedade e da democracia nos regimes liberais do Ocidente. Quer que “seus mitos sejam encarados como construções sociais e discutidos à luz da realidade em que se situam as organizações não-governamentais”.

Antunes (2006b, p. 112) defende:

O crescimento do “terceiro setor” decorre da retração do mercado de trabalho industrial e também da redução que começa a sentir o setor de serviços, em decorrência do desemprego estrutural. Em verdade, ele é consequência da crise estrutural do capital, da sua lógica destrutiva vigente, bem como dos mecanismos utilizados pela reestruturação produtiva do capital visando reduzir o trabalho *vivo* e ampliar o trabalho *morto*.

O autor mostra que o Terceiro Setor absorve somente uma pequena parcela dos trabalhadores expulsos do mercado de trabalho e que “não é uma alternativa efetiva e duradoura ao mercado de trabalho capitalista” (ANTUNES, 2006b, p. 113). Ele avalia o setor como uma alternativa limitada, mas que se faz necessária para abrir um espaço de sociabilidade às pessoas que se vêem desempregadas e excluídas. É

um espaço em que os indivíduos podem realizar atividades que têm algum sentido social.

Diante das concepções e controvérsias a respeito das definições e da atuação do Terceiro Setor, alguns autores se posicionam a favor de um conceito que universaliza e anula as diferenças. Fernandes (1994), por exemplo, considera que é preciso ultrapassar a nomenclatura da ICNPO e pensar em um Terceiro Setor latino-americano e brasileiro que reúna diversas organizações, entre as quais as tradicionais de ajuda mútua, os movimentos sociais, as associações civis, as ONGs e a filantropia empresarial.

Portanto, as discussões e discordâncias em torno das definições para o Terceiro Setor continuam.

Por tudo isso o Terceiro Setor é um tipo “Frankenstein”: grande, heterogêneo, construído de pedaços, desajeitado, com múltiplas facetas. É contraditório, pois inclui tanto entidades progressistas como conservadoras. Abrange programas e projetos sociais que objetivam tanto a emancipação dos setores populares e a construção de uma sociedade mais justa, igualitária, com justiça social, como programas meramente assistenciais, compensatórios, estruturados segundo ações estratégico-racionais, pautadas pela lógica de mercado. Um ponto em comum: todos falam em nome da cidadania (GOHN, 2000, p. 60)

No conjunto dessas complexas definições ainda encontram-se ONGs que estão inseridas do ponto de vista formal no Terceiro Setor. Juridicamente, toda ONG é uma associação civil ou uma fundação privada, porém nem toda associação civil ou fundação é uma ONG (ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE ORGANIZAÇÕES NÃO GOVERNAMENTAIS, 2007).

No Brasil, a origem dessas organizações relaciona-se

[...] à luta da sociedade civil pela redemocratização do País nos anos 60 e 70. Nesse período, surgiram as primeiras ONGs, com a missão principal de reconstruir o tecido social que havia se rompido com a ditadura, defender os direitos humanos e praticar a educação popular (HADDAD, 2002, p.1).

Esse movimento refletia os pressupostos da Teologia da Libertação utilizados pelas Comunidades Eclesiais de Base (CEBs), pautados nos princípios de educação popular proposto por Paulo Freire. A missão educativa das Cebes “não se realizava

descolada de uma intencionalidade política, e a prática educativa era, ao mesmo tempo, um ato de organização e mobilização da comunidade” (HADDAD, 2002, p.1).

Segundo o sociólogo Herbert de Souza, o Betinho, citado no site da Associação Brasileira de Organizações Não Governamentais (2007, p. 2):

[...] uma ONG se define por sua vocação política, por sua positividade política: uma entidade sem fins de lucro cujo objetivo fundamental é desenvolver uma sociedade democrática, isto é, uma sociedade fundada nos valores da democracia – liberdade, igualdade, diversidade, participação e solidariedade [...].

A Abong se alinha a essa definição de Betinho e segue princípios políticos que se contrapõem à primazia do mercado sobre a sociedade e traduzem os seguintes compromissos das ONGs representadas por ela:

[...] luta contra a exclusão e pela redução das desigualdades sociais – com ênfase na luta contra a desigualdade racial e de gênero – a promoção e a defesa dos direitos humanos (com ênfase nos direitos econômicos, sociais e culturais), a busca de um novo modelo de desenvolvimento que privilegie a geração de emprego e renda, socialmente justo e ambientalmente sustentável (DURÃO, 2004, p.2).

A Abong, para manter uma identidade entre as organizações ligadas à Associação, define as seguintes características das ONGs:

Não são empresas lucrativas (seu trabalho é político e cultural), não são entidades de defesa de interesses corporativos de seus associados ou de quaisquer segmentos da população, não são entidades assistencialistas de perfil tradicional; [...] [São organizações que] servem à comunidade, realizam um trabalho de promoção da cidadania e defesa dos direitos coletivos (interesses públicos, interesses difusos), lutam contra a exclusão, contribuem para a formação de suas lideranças, visando à constituição e ao pleno exercício de novos direitos sociais, incentivam e subsidiam a participação popular na formulação, monitoramento e implementação das políticas públicas (ADMINISTRAÇÃO E FINANÇAS PARA O DESENVOLVIMENTO COMUNITÁRIO; ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE ORGANIZAÇÕES NÃO GOVERNAMENTAIS, 2003, p. 19).

Apesar da tentativa da ABONG de manter de maneira clara a identidade das ONGs, muitas organizações não guardam, na prática, semelhança com os esses princípios de mobilização e transformação da sociedade e submetem-se aos valores capitalistas.

Esta pesquisa respalda-se nos autores e nas instituições que vêem as ONGs e o Terceiro Setor como um espaço aberto para os cidadãos que desejam se organizar e lutar pela construção diária do processo de cidadania.

### **2.3 Comunidade, voluntariado e trabalho comunitário no Terceiro Setor**

O termo *trabalho comunitário* refere-se à união de pessoas em prol de um único objetivo: melhorar a vida de um determinado grupo ou comunidade. A partir desse objetivo comum, as pessoas se organizam em grupos para realizar os trabalhos necessários à demanda do local onde estão inseridos (CORULLÓN; MEDEIROS FILHO, 2002).

Segundo Sawaia (2002), a comunidade é um espaço para estas pessoas/cidadãs se transformarem e transformarem seu entorno, na medida em que se comprometem socialmente, assumindo o papel de atores sociais que ajudam a construir a própria realidade.

Para Guareschi (2002, p. 95) comunidade significa:

Uma vivência em sociedade onde a pessoa, além de possuir um nome próprio, isto é, além de manter sua identidade e singularidade, tem possibilidade de participar, de dizer sua opinião, de manifestar seu pensamento, de ser alguém.

Nesta pesquisa, o termo *comunidade* refere-se à reunião de pessoas que se juntam, mantendo sua singularidade e diferenças, para ter voz e vez, e para lutar pelos seus direitos e deveres enquanto cidadãos(ãs).

Para colocar em prática suas lutas, as comunidades contam, em grande parte, com a participação voluntária nos trabalhos que realizam. Segundo Hudson (1999, p. 12), muitas *pessoas* “acreditam na criação de um mundo mais justo, mais compreensivo, mais esclarecido e mais saudável” e por esse credo trabalham voluntariamente.

Por definição da ONU (2007),

[...] o voluntário é o jovem ou o adulto que, devido a seu interesse pessoal e ao seu espírito cívico, dedica parte do seu tempo, sem remuneração, a diversas formas de atividades de bem estar social, ou outros campos.

Para autores como Souza (1991) e Carvalho (2002), o voluntário é um ator social e agente de transformação que presta serviços não remunerados em benefício da comunidade, doa seu tempo e conhecimentos, e realiza um trabalho gerado pela energia de seu impulso solidário, atendendo às necessidades do próximo, aos imperativos de uma causa ou às suas próprias motivações pessoais, sejam essas de caráter religioso, cultural, filosófico, político ou emocional.

No Brasil, a idéia de comunidade e de voluntariado tem raízes no sistema produtivo, que foi organizado em grandes plantações movidas pelos escravos. Três sentimentos, nesse movimento, agem como molas propulsoras do voluntariado: a compaixão, a solidariedade e a indignação (CORULLÓN; MEDEIROS FILHO, 2002). A compaixão é inspirada na religiosidade; a solidariedade é um sentimento que leva um grupo de pessoas a se unir para se auto-ajudar; e a indignação é uma reação contra as misérias da humanidade. Os três sentimentos “se transformam em lutas assumidas por pessoas geralmente de militância política” (CORULLÓN; MEDEIROS FILHO, 2002, p. 24).

A expansão da idéia de voluntariado é resultado principalmente do trabalho comunitário, que ganhou força no Brasil a partir da década de 1960 e foi definido como:

Toda ação coletiva que visa a passagem da imobilidade ou passividade à mobilidade organizativa e participativa. Implica em defender os direitos ameaçados, em conseguir os objetivos do coletivo, reeducar a sociedade com novos valores, desfazendo os padrões hegemônicos, preconceituosos e dominadores de uma determinada classe sobre a outra (PEREIRA, 2001, p. 61).

O trabalho comunitário “é um aglomerado de saberes ou conjunto de idéias políticas e filosóficas que nasceram no bojo dos movimentos sociais sob a forma de resistência da Cultura Popular e da Educação Popular” (PEREIRA, 2001, p. 63) e pode ser considerado como:

[...] o resultado de uma série de transformações políticas e culturais de um povo. Tem como premissa básica a valorização do que é orgânico aos interesses das classes menos favorecidas como processo dinâmico de organização e mobilização desses segmentos, visando uma transformação do social, da singularidade em busca de novas e originais formas de subjetivação (PEREIRA, 2001, p. 61).

Na concepção teórica revolucionária-socialista, o trabalho comunitário é pautado em uma proposta de ação dialógica que prioriza “a organização popular para criar em torno dela mesma seu próprio poder e saber, visando a autogestão da comunidade” (PEREIRA, 2001, p. 155). Assim:

A participação popular tem por finalidade transformar [...] a ordem social mediante um processo de criação do poder popular. Nota-se uma valorização da participação dos moradores, promovendo-se novos tipos de relacionamento comunitário, criando-se espaços e estratégias para a formação do senso crítico e a valorização do cotidiano e do concreto da vida das pessoas (PEREIRA, 2001, p. 155).

Um dos modelos de trabalho comunitário que segue essa perspectiva é o modelo das Comunidades Eclesiais de Base (CEB), que é um movimento pautado em uma clara opção pela transformação social e que, a partir do pensamento de católicos ligados à Teologia da Libertação, criou alguns passos metodológicos para o trabalho comunitário. Nessa concepção:

A comunidade aparece como um lugar de *problemas, de situações de subsistência* no âmbito do bairro, onde faltam luz, água, linha de ônibus, onde se organizam as creches e associações de moradores, onde se estabelecem relações estreitas de vizinhança [...]. O conceito de comunidade aparece também como dispositivo de trabalho, de produção pedagógica. Nesse espaço poderão ocorrer três situações: de conscientização, de participação/ mobilização e de solidariedade (a mística de amor que une o grupo). Assim, a comunidade é um lugar imaginário e simbólico entendido como uma escola popular (PEREIRA, 2001, p. 160).

O trabalho comunitário das Cebbs se alicerça no tripé ver/julgar/agir. O ver requer uma inserção na comunidade para conhecer a história, as lutas, os problemas, os desafios, as situações e condições de opressão e dominação, e as questões econômico-políticas, religiosas, culturais e artísticas da comunidade (PEREIRA, 2001). O julgar é orientado pelos ensinamentos bíblicos e “textos de conteúdo socioeconômico-político utilizados para auxiliar na interpretação analítica e crítica de uma *praxis* transformadora” (PEREIRA, 2001, p. 160) O agir “é fruto da tomada de consciência do sentido de transformação do mundo” (PEREIRA, 2001, p. 161). Portanto, os trabalhos comunitários foram desenvolvidos respeitando esses pilares difundidos nas diversas comunidades. Assim, esse modelo das Cebbs influenciou

decisivamente as diversas organizações sociais, incluindo os movimentos populares (PEREIRA, 2001).

Como conseqüência da influência das Cebes e de outros modelos de transformação social, a partir dos anos de 1990, destacou-se no Brasil um voluntariado organizado que supera a visão assistencialista e promove a cidadania. Nessa proposta, a ênfase passa a ser na educação e capacitação profissional, ultrapassando a idéia de somente socorrer as necessidades emergenciais das pessoas, desenvolvendo a consciência do que é ser cidadão (CORULLÓN; MEDEIROS FILHO, 2002).

O movimento de pessoas atuando como voluntárias ganhou maior visibilidade no Brasil a partir da campanha contra a fome, iniciada por Herbert de Souza Viana, o movimento “Natal Sem Fome”, que despertou em muitos brasileiros a compaixão pela dor do outro e, juntamente, o sentimento de solidariedade e de cidadania. Entende-se por cidadania a luta pelos direitos de cada pessoa (TENÓRIO, 1999).

Alguns voluntários são cidadãos voltados para ações comunitárias (CORULLÓN; MEDEIROS FILHO, 2002). Buscam ingressar no Terceiro Setor, mais especificamente nas ONGs, porque essas organizações visam contribuir para um processo de desenvolvimento voltado para as transformações estruturais da sociedade. Com esse objetivo, procuram minimizar as mazelas da humanidade, como pobreza, violência, doenças, poluição ambiental e conflitos religiosos, étnicos, sociais e políticos, problemas que resultam do desenvolvimento capitalista. Essas organizações surgem do encontro da solidariedade com a cidadania, e os cidadãos representam um papel decisivo na luta pelos interesses de toda a humanidade (HUDSON, 1999).

O trabalho comunitário de ONGs como o Comupra implica práticas transformadoras e diferencia-se das atividades laborativas em organizações do primeiro e segundo setores. Entretanto, esses dois setores têm importância na atuação do terceiro, quer como financiadores, quer como apoiadores.

## 2.4 Sentido do trabalho

Há diferentes teorizações a respeito do sentido do trabalho. Algumas o vêem como experiência psicossocial de prazer e sofrimento; outras, de adoecimento mental; e outras, de equilíbrio psíquico.

Na área da Administração, um dos primeiros estudos sobre o sentido do trabalho foi realizado por Hackman e Oldham (1975), citados por Tolfo e Picinini (2007, p. 39). Para Hackman e Oldham (1975), um trabalho com sentido precisa ser importante, útil e legítimo para quem o realiza e apresenta três características fundamentais: a variedade das tarefas; não ser um trabalho alienante, isto é, deve oferecer a possibilidade de realizar algo do começo ao fim com resultado; e, ainda, precisa oferecer o retorno ao trabalhador sobre seu desempenho.

Ainda nessa linha, pesquisas realizadas pelo grupo *Meaning of Working Internacional Research Team – MOW*, entre 1981 a 1993, em diversos países, chegaram a várias definições de trabalho e concluíram que:

[...] o sentido do trabalho é compreendido como um componente da realidade social construída e reproduzida que interage com diferentes variáveis pessoais e sociais e influencia as ações das pessoas [...] num dado momento histórico (citado por TOLFO; PICCININI, 2007, p. 40).

Morin (2001) e Morin, Tonelli e Pliopas (2007) inspiraram-se nos estudos do grupo MOW (1987) para realizar pesquisas com estudantes de administração e administradores de nível médio e superior com atividade remunerada em Quebec. Elas identificaram seis características do trabalho que tem sentido, evidenciando que os entrevistados têm uma concepção positiva do trabalho:

- a) É uma atividade produtiva que agrega valor a alguma coisa.
- b) É intrinsecamente satisfatório (o prazer e o sentimento de realização na execução das tarefas dão um sentido ao trabalho).
- c) É moralmente aceitável (deve ser feito de maneira socialmente responsável).
- d) É fonte de experiências de relações satisfatórias.
- e) Garante a segurança e a autonomia (emprego).
- f) É um trabalho que mantém ocupado (MORIN, 2001, p. 16-17).

Morin, Tonelli e Pliopas (2003) incluem uma síntese dos principais estudos sobre os sentidos do trabalho, apresentadas no quadro 1.



**Quadro 1**  
**Pesquisas sobre sentidos do trabalho**

<b>Principais autores</b>	<b>Principais conceitos</b>
MOW (1987)	<ul style="list-style-type: none"> <li>O trabalho acrescenta valor a alguma coisa.</li> <li>O trabalho é central na vida das pessoas.</li> <li>O trabalho é uma atividade que beneficia os outros.</li> <li>O trabalho não é agradável.</li> <li>O trabalho é exigente física e mentalmente.</li> <li>O trabalho é uma atividade regular remunerada.</li> </ul>
Emery (1964, 1976) Trist (1978) Jacques (1978)	<ul style="list-style-type: none"> <li>O trabalho apresenta variedade [de tarefas e] é desafiador.</li> <li>O trabalho traz aprendizagem contínua.</li> <li>O trabalho permite autonomia e decisão.</li> <li>O trabalho é reconhecido.</li> <li>O trabalho traz contribuição social.</li> <li>O trabalho pode ser usado como uma defesa contra a angústia.</li> </ul>
Morin (1996, 1997, 2002)	<ul style="list-style-type: none"> <li>O trabalho é eficiente e produz um resultado útil.</li> <li>Há prazer na realização da tarefa.</li> <li>O trabalho permite autonomia.</li> <li>O trabalho é fonte de relações humanas satisfatórias.</li> <li>O trabalho mantém as pessoas ocupadas.</li> <li>O trabalho é moralmente aceitável.</li> </ul>

Fonte: MORIN; TONELLI; PLIOPAS (2003, p. 3).

Essa síntese, que retoma pesquisas realizadas desde a década de 1960, torna clara a representação social que os trabalhadores construíram sobre o sentido do trabalho.

Em pesquisa realizada no Brasil com 15 estudantes do Curso de Especialização em Administração, Morin, Tonelli e Pliopas (2003, p. 6) encontraram os seguintes resultados sobre o trabalho com e sem sentido, como mostra o quadro 2:

**Quadro 2**  
**Dimensões de um trabalho com sentido**

<b>Dimensão</b>	<b>Um trabalho tem sentido se...</b>	<b>Um trabalho não tem sentido se...</b>
Dimensão Individual	Promove satisfação pessoal, autonomia, prazer; é um desafio a ser superado; permite o exercício da criatividade, a sobrevivência, a aprendizagem e o crescimento; gera uma identidade positiva.	É enfadonho; não permite crescimento nem uso do potencial de quem o exerce; não dá espaço para o exercício da responsabilidade, da criatividade e descoberta.
Dimensão Organizacional	É útil; possibilita relacionamento e o reconhecimento por parte da organização.	É inútil para a organização e ninguém dá importância.
Dimensão Social	Oferece inserção social; contribui para a sociedade; é considerado ético e moralmente aceitável.	—

Fonte: Adaptado de Morin, Tonelli e Pliopas (2003) pela autora.

Morin (2006, p. 14) afirma, a partir dos resultados das suas pesquisas, que o “trabalho é o centro de desenvolvimento da identidade da pessoa. É ele que dá sentido a vida”, pois

[...] o trabalho continua sendo uma maneira excelente de organizar o tempo e de manter ocupado. As ocupações por ele engendradas proporcionam uma estrutura de defesa contra a ansiedade da morte e do vazio (MORIN, 2001, p. 17).

[...] para que um trabalho tenha sentido, é importante que quem o realiza saiba para onde ele conduz; em outras palavras, é essencial que os objetivos sejam claros e valorizados e que os resultados tenham valor aos olhos de quem o realiza (MORIN, 2001, p. 18).

As pesquisas de Morin (2001) demonstraram que a maioria das pessoas continuaria a trabalhar mesmo que tivessem dinheiro para viver confortavelmente. Esse resultado confirma que o trabalho não é só uma fonte de sustento; é um meio de se relacionar com os outros, de se sentir como parte integrante de um grupo ou da sociedade, de ter uma ocupação e de ter um objetivo a ser atingido na vida.

Esses estudos ratificam que o trabalho é algo central para as pessoas, extrapola seu valor monetário, é condição para a existência saudável do sujeito.

Para conhecer o sentido que os trabalhadores dão às atividades que realizam, é preciso considerar a relação que eles mantêm com as tarefas que realizam e com a organização do trabalho. Informações sobre suas histórias de vida e subjetividades são também relevantes.

No que diz respeito às tarefas, é importante lembrar que, dada a divisão social do trabalho ocorrida com a industrialização, trabalhar passa a significar repetição, falta de criatividade e, eventualmente, adoecimento e alienação do trabalhador:

Enquanto a divisão social do trabalho subdivide a *sociedade*, a divisão parcelada do trabalho subdivide o *homem*, e enquanto a subdivisão da sociedade pode fortalecer o indivíduo e a espécie, a subdivisão do indivíduo, quando efetuada com menosprezo das capacidades e necessidades humanas, é um crime contra a pessoa e contra a humanidade (BRAVERMAN, 1974, p. 72).

No que diz respeito à subjetividade, o fato de não se poder criar no trabalho causa repercussões psíquicas profundas e negativas, especialmente sobre a classe-que-vive-do-trabalho, tornando-a sofrida e embotada para a vida (ANTUNES, 2006a).

Essa visão é corroborada por Dejours (2004, p. 33):

A evolução contemporânea das formas de organização do trabalho, de gestão e de administração, depois da virada neoliberal, repousa sobre os princípios que sugerem, precisamente, sacrificar a subjetividade em nome da rentabilidade e da competitividade.

Organização do trabalho e subjetividade, de fato, se inter-relacionam. Na perspectiva de sua *psicopatologia do trabalho*, Dejours (1996, p. 162) afirma que “a organização científica do trabalho cria entre os trabalhadores uma clivagem entre o corpo e o pensamento”, e com isso a *organização do trabalho* influencia sobremaneira o equilíbrio psíquico e a saúde mental do trabalhador. Ele entende por *organização do trabalho* “a divisão do trabalho, o conteúdo da tarefa, o sistema hierárquico, as modalidades de comando, as relações de poder, as questões de responsabilidade etc” (DEJOURS, 1992, p. 25) e por condições de trabalho, o ambiente físico, químico e biológico, as condições de higiene e de segurança e as características antropométricas do posto de trabalho.

A organização do trabalho pode ser causadora de sofrimento psíquico e físico na vida do trabalhador porque:

[...] a organização do trabalho exerce, sobre o homem, uma ação específica, cujo impacto é no aparelho psíquico. Em certas condições, emerge um sofrimento que pode ser atribuído ao choque entre uma história individual, portadora de projetos, de esperanças e de desejos, e uma organização do trabalho que as ignora. Esse sofrimento, de natureza mental, começa quando o homem, no trabalho, já não pode fazer nenhuma modificação na sua tarefa no sentido de torná-la mais conforme às suas necessidades fisiológicas e a seus desejos psicológicos – isso é quando a relação homem-trabalho é bloqueada (DEJOURS, 1992, p. 133).

Para Dejours e Abdoucheli (2007, p. 141), o sentido diz respeito àquilo que o sujeito atribui à sua relação na vivência com o trabalho. “[...] o sentido que o sujeito constrói é fortemente singularizado pela forma através da qual a situação atual de trabalho se encaixa, faz ressonância com as experiências passadas e expectativas atuais do sujeito; [...]”.

Portanto, um trabalho com sentido negativo está associado ao sofrimento, devido à falta de autonomia, à divisão do homem e ao menosprezo às habilidades e necessidades humanas por parte das organizações.

Com a *psicodinâmica do trabalho*, Dejours (2004, p. 30) amplia seus estudos e procura compreender como o trabalhador preserva o equilíbrio psíquico diante das pressões no trabalho. Nessa concepção,

[...] o trabalho não é reduzido a uma atividade de produção no mundo objetivo. O trabalho sempre coloca à prova a subjetividade [...]. Trabalhar não é somente produzir, é, também, transformar a si mesmo e, no melhor dos casos, é uma ocasião oferecida à subjetividade para se testar, até mesmo para se realizar.

Para Dejours (2007b, p. 25), prazer-sofrimento inscreve-se numa relação subjetiva da pessoa com seu trabalho: “se um trabalho permite a diminuição da carga psíquica, ele é equilibrante. Se ele se opõe a essa diminuição, ele é fatigante”.

Então, o trabalho pode ser uma forma de descarga psíquica para o sujeito e a maneira como ele irá lidar com o impasse psíquico gerado definirá se a vivência permanecerá como sofrimento ou se transformará em prazer.

Nessa nova teoria, Dejours (2007c) propõe estudar o campo da normalidade, entendendo que normalidade não implica ausência de sofrimento nem o sofrimento exclui o prazer. Para Dejours e Abdoucheli (2007, p. 127), “o conflito entre a organização do trabalho e funcionamento psíquico pode ser reconhecido como fonte de sofrimento”. Esse sofrimento suscita as *estratégias defensivas*, isto é, reações do trabalhador para lidar de forma equilibrante com o conflito entre organização do trabalho e o próprio funcionamento psíquico: “São defesas elaboradas pelo trabalhador para lutar contra a doença, a loucura e a morte” (DEJOURS, 1992, p. 165). Por meio delas, o trabalhador lida com as situações de desprazer e as transforma, de alguma maneira, em prazerosas.

Essas estratégias resultam do uso da *inteligência astuciosa* para criar alternativas diante dos obstáculos que surgem entre o trabalho prescrito e o trabalho real. Relacionam-se com a autonomia da pessoa ao criar soluções para as questões que surgem entre o prescrito, o real e sua vida. Por isso, o sentido do trabalho é

construído de maneira singular, sendo adoeecedor quando a pessoa não encontra espaço para atuar criativamente e equilibrante quando a pessoa usa autonomia para criar (DEJOURS e ABDOUCHELI, 2007).

Mendes (2007, p. 43), partidária da corrente dejouriana, afirma que o sentido do trabalho depende “da relação entre a subjetividade do trabalhador, do saber fazer e do coletivo do trabalho”. Para ela, dependendo do seu contexto, trabalho pode ser fonte de patologias, de adoecimentos ou de saúde e estará sempre associado ao binômio prazer-sofrimento. Em todas essas situações, o trabalhador atribui novas significações às relações dinâmicas entre organização do trabalho e processo de subjetivação. Entende-se por subjetivação o “processo de atribuição de sentido com base na relação do trabalhador com sua realidade de trabalho, expresso em modos de pensar, sentir e agir individuais ou coletivos” (MENDES, 2007, p. 30). Segundo a autora:

[...] para transformar um trabalho que faz sofrer em um trabalho prazeroso, é necessário que a organização do trabalho propicie maior liberdade ao trabalhador para remanejar seu modo operatório, usar sua inteligência prática, engajar-se no coletivo, identificando ações capazes de promover vivências de prazer (MENDES, 2007, p. 34).

Então, sofrimento não é o único sentido encontrado pelo trabalhador. As atividades laborais podem ser acompanhadas por prazer, dependendo da significação que cada trabalhador atribui a seu trabalho.

Mendes (2007, p. 51) afirma que um dos sentidos do trabalho é o prazer que emerge quando:

[...] o trabalho cria identidade. Possibilita aprender sobre um fazer específico, criar, inovar e desenvolver novas formas para a execução da tarefa, bem como são oferecidas condições de interagir com os outros, de socialização e transformação do trabalho.

Mendes (2007, p. 172) complementa que as vivências de prazer se manifestam pelo

[...] reconhecimento social, pela satisfação em trabalhar numa área [...] que permite aprendizagens constantes, pela autonomia para organizar o horário de trabalho e a relação saudável entre os colegas. Tais vivências constituem-se indicadores de saúde no trabalho, ao proporcionar a estruturação psíquica, a identidade e expressão da subjetividade no trabalho.

Portanto, para a corrente da psicodinâmica do trabalho, é possível

[...] vivenciar prazer, mesmo em contextos precarizados, desde que a organização do trabalho ofereça condições para o trabalhador desenvolver três importantes ações: mobilização da inteligência prática, do espaço público da fala e da cooperação (MENDES, 2007, p. 51).

A partir dos resultados das suas pesquisas, Mendes (2007, p. 366) define algumas palavras e expressões que representam vivências positivas e negativas. As positivas são caracterizadas pelas seguintes palavras e expressões:

Liberdade com a chefia para negociar o que precisa, para falar sobre o meu trabalho com os colegas, para expressar minhas opiniões no local de trabalho, para usar a minha criatividade, para falar sobre o meu trabalho com as chefias, solidariedade, confiança e cooperação entre os colegas, satisfação, motivação, orgulho pelo que faço, bem-estar, realização profissional, valorização, reconhecimento, identificação e gratificação pessoal com as minhas tarefas.

Quanto às vivências negativas, Mendes (2007, p. 366) apresenta mais um rol de palavras e expressões que representam esse sentido:

Esgotamento emocional, estresse, insatisfação, sobrecarga, frustração, insegurança, medo, falta de reconhecimento do meu esforço, falta de reconhecimento do meu desempenho, desvalorização, indignação, inutilidade, desqualificação, injustiça e discriminação.

A abordagem da psicodinâmica do trabalho busca descobrir, a partir do discurso do trabalhador, o sentido do trabalho e as estratégias defensivas suscitadas que possibilitam a transformação do sofrimento em prazer. Nessa ótica, o trabalho sempre passará pela dimensão sofrimento/prazer e o sentido será construído pelo trabalhador de acordo com o seu contexto de trabalho e seus modos de subjetivação.

Giust-Desprairies (2001), com a visão da *psicossociologia*, amplia a abordagem dejouriana ao sustentar que o sentido do trabalho não depende somente das questões do âmbito privado, individual, mas também dos aspectos que se referem ao social, pois a subjetividade diz da relação do sujeito consigo mesmo, com os outros e com o seu entorno.

A partir do exposto, pode-se considerar que os fatores sociais, econômicos, políticos e outros interferem concomitantemente com a *organização do trabalho* e a subjetividade do trabalhador. Portanto, o sentido do trabalho será construído pelo sujeito conforme a sua maneira de lidar com todos os fatores no seu dia-a-dia.

Continuando na perspectiva da *psicossociologia*, Enriquez (2001, p. 58), de certa maneira, reforça a importância do trabalho como fator de equilíbrio psíquico na vida das pessoas com a seguinte afirmação:

[...] o homem sem trabalho ou não reconhecido em seu trabalho, ou ainda não encontrando nenhum interesse em seu trabalho, está próximo da depressão e comumente chega a este ponto de ruptura. Pois o trabalho, em nossa sociedade, é o modo privilegiado de fazer uma obra (por menor que ela seja), de existir, de ter (ou de pensar ter) uma identidade. O trabalho é, atualmente, o melhor método para vencer a loucura.

Com essas palavras Enriquez (2001) confere ao trabalho, primordialmente, o sentido positivo de prazer. Portanto, por esse prisma pode-se dizer que um trabalho com sentido é aquele por meio do qual a pessoa transforma algo e a si mesma.

Para finalizar, são mencionadas duas pesquisas realizadas no Brasil, especificamente sobre o sentido do trabalho no Terceiro Setor.

A pesquisa de Costa (2005) sobre voluntariado foi realizada em uma associação religiosa em São Paulo (Fraternidade Espírita Cristã Bатуíra). Foram feitas 12 entrevistas, 5 com trabalhadores remunerados e 7 com voluntários, e aplicados 54 questionários para trabalhadores remunerados e voluntários. Para esses trabalhadores, o sentido do trabalho está associado a: ser moralmente aceitável; ser realizado de forma eficiente e levar a um resultado; ser fonte de experiência e de relações humanas satisfatórias; ocupar o trabalhador; promover o prazer; permitir segurança; e possibilitar autonomia (COSTA, 2005, p. 100). Esses resultados confirmam as pesquisas de Morin (2001) e Morin, Tonelli e Pliopas (2003).

Ribeiro (2008, p. 66) realizou uma pesquisa sobre o sentido do trabalho para trabalhadores voluntários e remunerados de três organizações não-governamentais situadas em Belo Horizonte. Entrevistou um trabalhador remunerado e um voluntário em cada uma das três ONGs.

Identificou que o trabalho tem sentido predominantemente positivo e representa muito na vida dessas pessoas: “o trabalho representa sustento, independência, felicidade, oportunidade de servir e fazer o bem, conviver com as pessoas, realizar aspirações e a vocação” (RIBEIRO, 2008, p. 66).

Como sentido negativo apareceram: “sentimentos de insatisfação, em especial, com relação aos recursos financeiros e a carga de trabalho” (RIBEIRO, 2008, p. 58).

Diante das discussões que mostram o sentido positivo e o sentido negativo do trabalho, buscam-se as palavras de Le Ven (2001, p. 150-151) para corroborar com os autores citados a respeito do que o trabalho ainda pode representar em nossa sociedade:

Sabemos que o trabalho é o lugar do conflito, sendo um dos nós que tecem as relações sociais e políticas. Durante o século XX, ele foi glorificado oficialmente e ao mesmo tempo desqualificado na prática. [...] o trabalho não é nem paraíso nem inferno. Ele é do homem, lugar da criação, momento de auto-realização, espaço da obra coletiva e da solidariedade. Muitas formas existem para realizá-lo na complexidade da sociedade dos homens.

A partir das discussões de diferentes autores apresentadas, pode-se dizer que a predominância do sentido positivo ou negativo dependerá da relação entre aspectos subjetivos do trabalhador, organização do trabalho e contexto sociohistórico em que a pessoa vivencia suas atividades laborais.

O presente estudo está centrado no discurso do trabalhador sobre o sentido do trabalho em uma ONG que se caracteriza por adotar perspectiva produtiva não capitalista e por estar voltada para a transformação das condições sociais de vida de seus membros e da comunidade em torno.



### **3 CARACTERÍSTICAS GERAIS DA ORGANIZAÇÃO PESQUISADA**

O Conselho Comunitário Unidos pelo Ribeiro de Abreu (COMUPRA) foi fundado em 2001, após a extinção do Grupo de Amigos Renovando Ribeiro de Abreu (GARRA), que sobrevivera durante oito anos. Sua sede, *Casa da Cidadania*, está localizada na Rua Remi Pereira Lopes, 75, no bairro Ribeiro de Abreu. É gerenciada pelos seus próprios trabalhadores, que, em sua maioria, são moradores da região. Em dezembro de 2007, foi declarada Instituição de Utilidade Pública Municipal.

O Comupra conta com a parceria de comerciantes vizinhos, instituições filantrópicas, órgãos públicos, instituições de ensino, ONGs e outras entidades para manter suas ações na comunidade e com o trabalho de seus membros participantes.

A missão do Comupra é:

Atender as premissas básicas de melhoria das condições de vida da comunidade através de ações coletivas nas áreas de educação, trabalho, lazer, geração de renda, ecologia e consciência de cidadania (ANEXO A).

Seus valores são:

União dos esforços para realizar, respeito às diferenças, respeito aos acordos, liberdade para sonhar, aprender a trabalhar em equipe, responsabilidade e compromisso com a missão do Comupra (ANEXO A).

#### **3.1 Região e abrangência**

A área de atuação da ONG é o bairro Ribeiro de Abreu e adjacências. Nascido de um processo de ocupação desordenada por volta de 1955, o Ribeiro de Abreu é considerado um dos maiores bairros de Belo Horizonte. É marcado pelos problemas comuns às regiões de periferia das grandes cidades brasileiras: carência de infraestrutura urbana, pobreza, poluição e violência. Segundo a matéria *Moradores do Ribeiro de Abreu mobilizam-se através do Comupra* (2003, p. 1), 46% das ruas do

bairro não têm água tratada, esgoto e coleta de lixo. O bairro conta com uma população de, aproximadamente, 30 mil pessoas, sendo que 42 % dos responsáveis pelos domicílios têm renda mensal que varia entre um e três salários mínimos. A maioria da população é constituída por famílias de operários da construção civil, trabalhadores da área de serviço e indivíduos sem ocupação definida (INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA, 2004b).

De acordo com Lacerda (2004, p. 8):

No bairro são 71 ruas das quais 21 não possuem saneamento básico. O Ribeirão do Onça, um dos maiores afluentes e poluidores do Rio da Velhas na região, corta todo o território no sentido sul-norte. No trecho, há quatro formações de cachoeiras de pequeno e médio porte, uma beleza escondida debaixo do entulho e lixo. As águas são foco de doenças e miséria. As margens, tidas como de altíssimo risco, passam por inundações pelo menos uma vez por ano.

Conforme dados oficiais, o bairro Ribeiro de Abreu possui quatro áreas, ou aglomerados, e a população, em sua grande maioria, é composta por famílias sem condições de segurança alimentar. No mapa da fome da cidade, o bairro aparece com 29% das crianças abaixo do peso ideal. Além disso, tem ocupado lugar de destaque em estatísticas de violência na área de abrangência da 24<sup>a</sup> Companhia de Polícia Militar (CENTRO DE ESTUDOS DE CRIMINALIDADE E SEGURANÇA PÚBLICA, 2002?).

A Rodovia MG-20, que cruza a região, permaneceu até 2006 ocupada irregularmente por invasão, com aproximadamente 500 famílias. Ao lado da rodovia e delimitando a fronteira entre as regiões Norte e Nordeste de Belo Horizonte, existe uma grande extensão do Córrego do Onça, poluído e com as margens invadidas, o que tem gerado muitos problemas relativos a saúde, segurança e dignidade da população (ANEXO A).

A figura 2 mostra a localização do bairro Ribeiro de Abreu dentro do mapa de Belo Horizonte. A figura 3 mostra o mapa do bairro. A figura 4 mostra fotos da região.

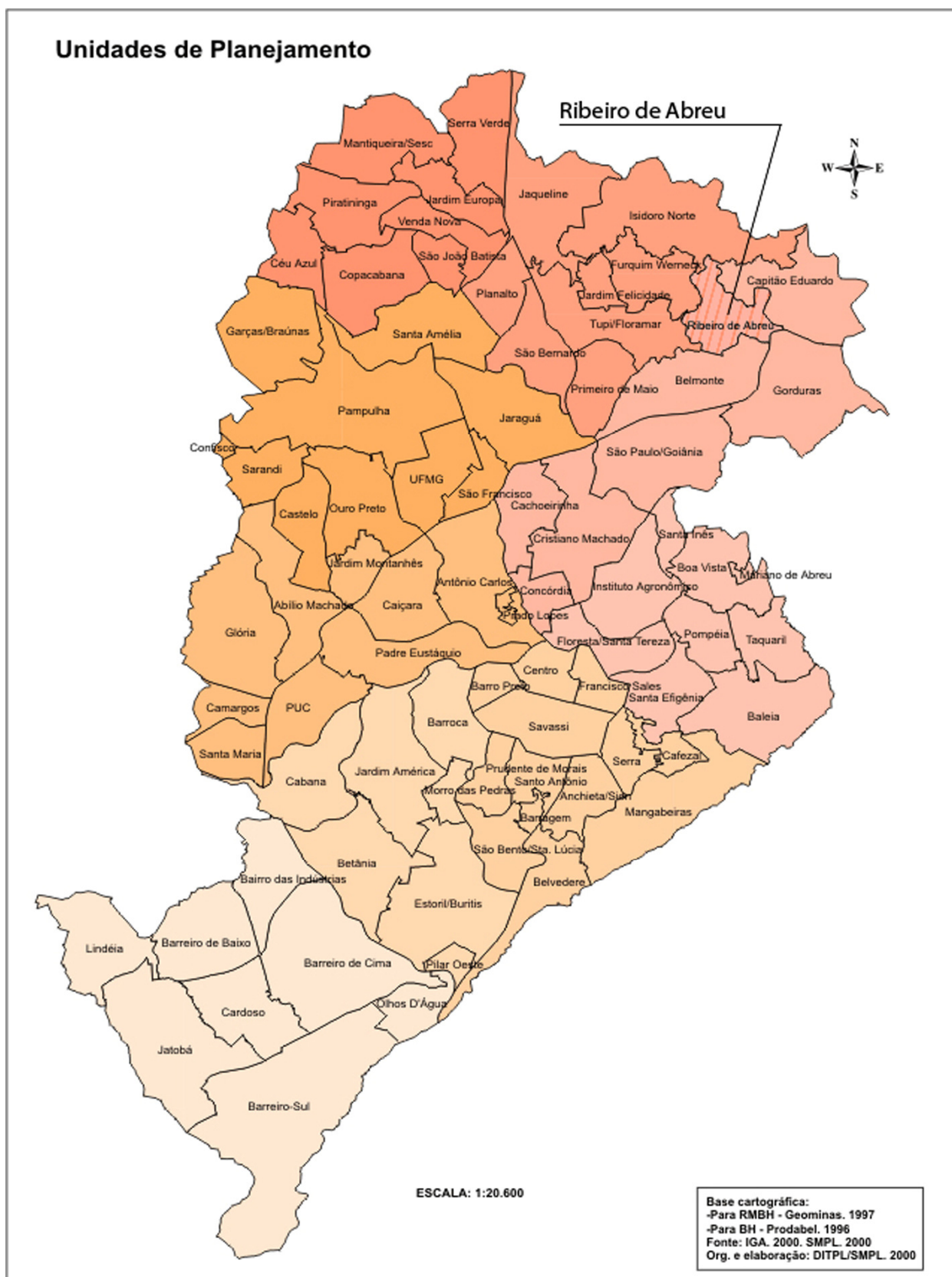


Figura 2 – Mapa de Belo Horizonte – Bairro Ribeiro de Abreu.

Fonte: Prodabel, 2002.

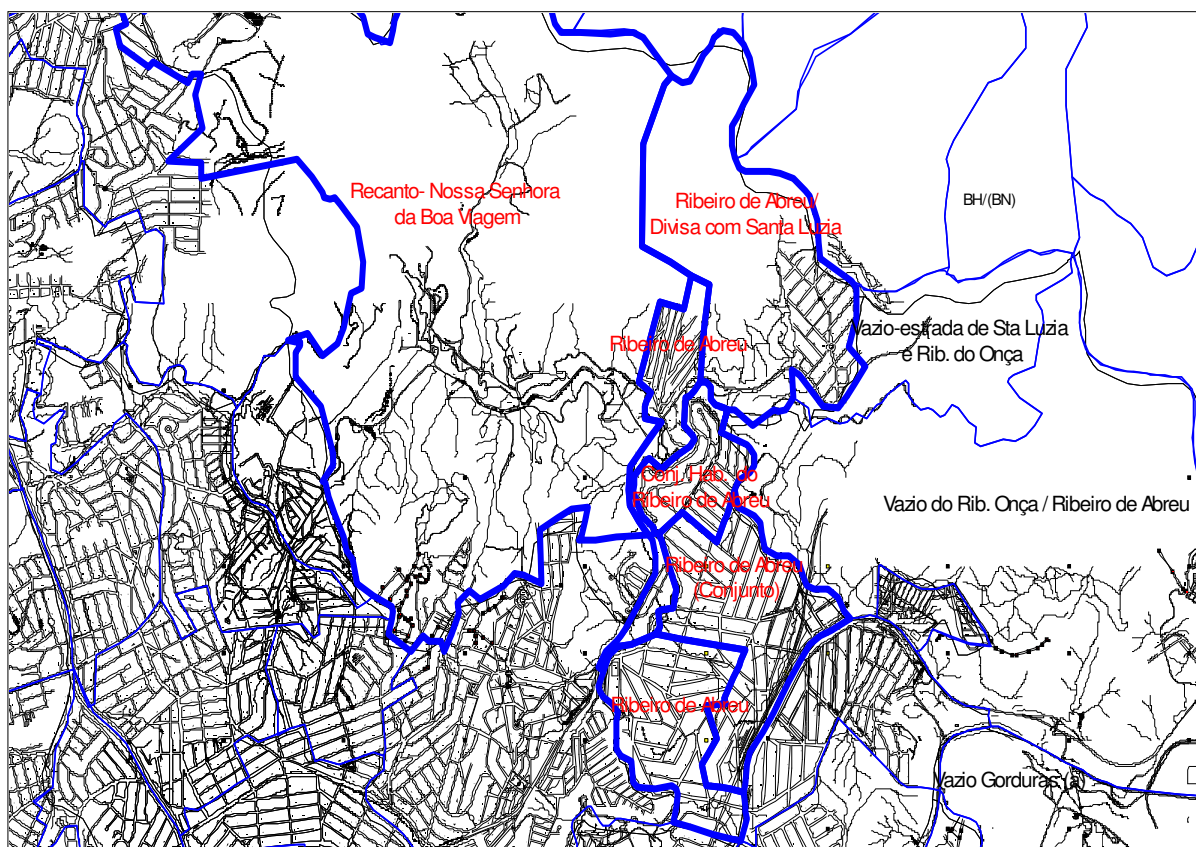


Figura 3 – Mapa do Bairro Ribeiro de Abreu

Fonte: (INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA, 2004c)

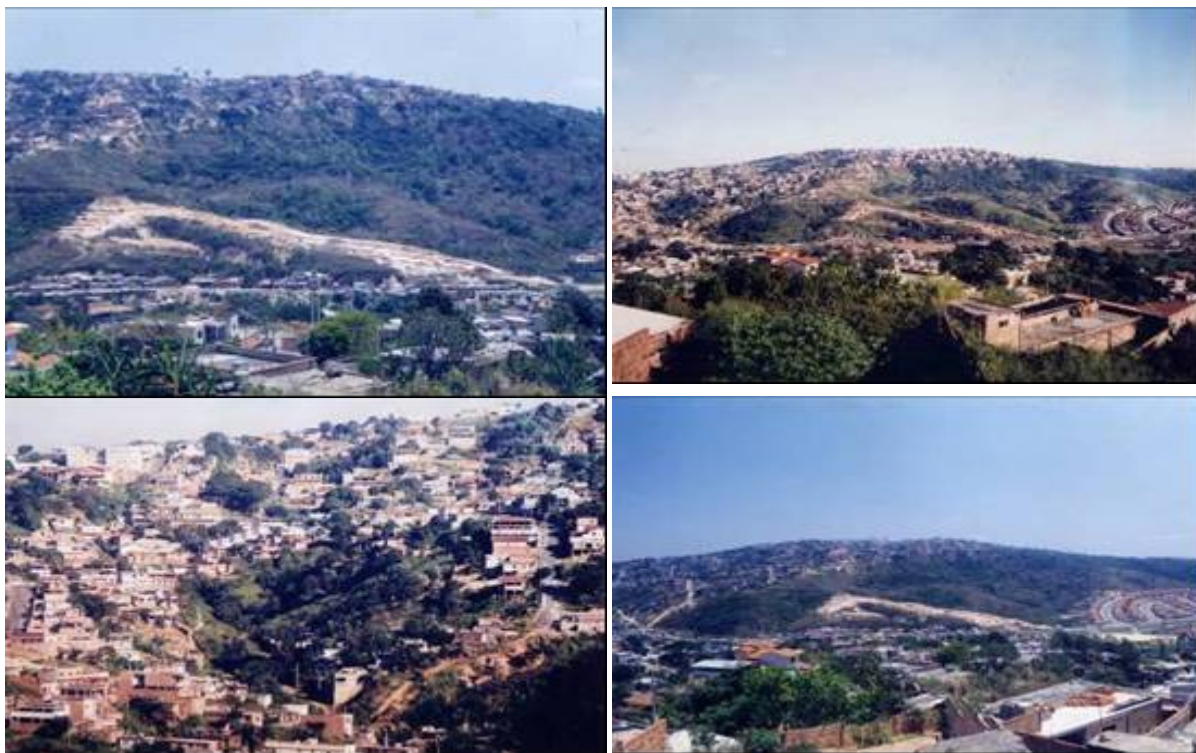


Figura 4 – Fotos do Bairro Ribeiro de Abreu e seu entorno

Fonte: Conselho Comunitário Unidos pelo Ribeiro de Abreu, 2008.

### 3.2 Origem, características e atividades

Os documentos *Projeto Ribas/Correio* (Anexo A) e *Relatório Projeto Ribas/Correio* (Anexo B) trazem informações detalhadas sobre a ONG Conselho Comunitário Unidos pelo Ribeiro de Abreu, fruto de uma longa história de luta social de um coletivo de pessoas – grupos, movimentos e instituições – que vem atuando há anos com iniciativas comunitárias em defesa da dignidade humana e da promoção da cidadania ativa.

Um dos idealizadores do Comupra, Itamar de Paula, em conversas com a pesquisadora, revelou que a denominação “Conselho Comunitário” surgiu a partir do conhecimento de práticas de tribos indígenas. Os índios nomeiam um conselho formado por pessoas com pensamentos e experiências diferentes, a fim de discutir as soluções para as questões da tribo, dialogar, respeitando as diferenças, e tomar decisões. Itamar de Paula defende o Conselho como uma possibilidade de várias organizações atuarem conjuntamente em prol da melhoria dos problemas do bairro Ribeiro de Abreu. Assim, o Comupra adotou o nome para retratar a proposta de reunir as diferentes instituições existentes dentro e fora do bairro, a fim de discutirem as ações necessárias à comunidade.

A entidade nasceu de mobilizações coletivas em curso desde os anos de 1970 no bairro Ribeiro de Abreu e redondezas. Surgiu dos movimentos comunitários que se prontificavam a criar associações locais e a lutar por garantia de saneamento básico, construção de escolas, creches e espaços públicos voltados ao lazer e a práticas esportivas, além de experiências de mobilização nas Comunidades Eclesiais de Base.

Um dos marcos do processo de articulação da comunidade do Ribeiro de Abreu foi a constituição do Grupo Garra, que reuniu, no início dos anos 80, jovens e adultos engajados na luta comunitária. Algumas das conquistas das ações desse grupo foram: participação na construção de uma creche comunitária, regularização do bairro junto ao poder público, implantação de saneamento básico e de um posto de saúde local, construção de grande parte do muro da Escola Estadual Bolívar Tinoco Mineiro, entre outras (ANEXO A).

A falta de ações sociais contínuas por parte do Poder Público dificulta a situação de carência, o que provocou o crescimento de um grande bolsão de miséria no bairro e no seu entorno, agravando a diminuição da auto-estima da comunidade e a proliferação da violência. Diante desse cenário, a própria comunidade, que vinha se articulando intensamente desde a década de 1970, criou, em janeiro de 2001, o Comupra. O objetivo era consolidar a organização e constituí-la legalmente. A entidade sem fins lucrativos tem desenvolvido ações de mobilização da comunidade e articula uma rede de parceiros, visando enfrentar seus problemas e contribuir para a melhoria da qualidade de vida da população (ANEXO A).

O objetivo do Comupra é viabilizar parcerias envolvendo moradores, outras ONGs, Poder Público e empresas para a construção de um projeto amplo de desenvolvimento para a região. A idéia é desenvolver iniciativas e atuar para que sejam implantadas políticas públicas de desenvolvimento que contemplem as especificidades históricas, sociais, geográficas e ambientais do bairro e adjacências (ANEXO A).

De acordo com o atual presidente, em conversas informais com a pesquisadora, a autogestão é a orientação do Comupra, pois as decisões são tomadas com base no diálogo e na partilha de saberes entre os trabalhadores e a comunidade. Todos os projetos ou ações desenvolvidas surgiram em função da demanda da própria comunidade. A instituição busca conciliar com sua missão as diferentes idéias que existem dentro e fora do grupo. Os trabalhadores não idealizam uma vivência harmônica. Pelo contrário, vivenciam os conflitos inerentes à diferença como parte da dinâmica do trabalho na instituição. Independente da formação, experiência ou cargo dentro da instituição, os trabalhadores participam do planejamento, da execução e da avaliação das ações.

O Comupra tem atuado no sentido de valorizar as iniciativas da comunidade, buscando realizar ações coletivas capazes de gerar impactos concretos na qualidade de vida dos moradores. Para isso, a concepção dos projetos se dá numa perspectiva sistêmica, com ações interconectadas nos campos da educação, geração de trabalho e renda, meio ambiente, agroecologia, cultura e arte, mobilização, articulação e atuação em rede, como forma de promover a inserção



das pessoas no sistema social, econômico e político (ANEXO A). Para os trabalhadores do Comupra, o conceito de mobilização comunitária é vivenciado na prática.

Outro foco considerado importante pelos trabalhadores do Comupra

[...] é a promoção da consciência da ecologia integral (entendendo que a promoção do desenvolvimento humano é inseparável da preservação do ambiente), tendo em vista que o bairro possui duas grandes riquezas naturais: o Ribeirão da Onça e uma área verde de 350 mil m<sup>2</sup>, zona de preservação ambiental permanente, que é parte da única mata nativa preservada em toda a região norte/nordeste da cidade e que é permanentemente ameaçada pelo processo de ocupação desordenada da região e pela especulação imobiliária (ANEXO A).

O Comupra está muito empenhado em realizar ações que possam vir a promover maior ação do Poder Público na região. Um exemplo disso foi a luta, em 2006, pela desocupação da MG-20, em que o Ministério Público foi acionado para tomar providência quanto às áreas invadidas que são da responsabilidade da Gasmig, Copasa e DER. O resultado foi a parceria entre a Urbel e o Comupra para gerenciar a transferências de 630 (seiscentos e trinta) famílias para outras áreas de assentamento (COSME, 2007, p. 2).

Essa obra de reurbanização, abertura da MG-20 e assentamento das famílias, foi estimada em R\$24 milhões. Essa conquista foi reconhecida por uma juíza do Ministério Público como resultado da ação do Comupra (MINAS GERAIS, 2005).

Segundo Cosme (2007, p. 2):

Esta obra teve grande impacto no mercado imobiliário, valorizando os imóveis deste vetor e abrindo possibilidades para o desenvolvimento socioeconômico do bairro Ribeiro de Abreu e adjacências. [...] Neste processo [de luta] o Comupra teve papel preponderante, articulando uma ampla rede em torno dos objetivos de duplicar e municipalizar a via, recuperar ambientalmente o Onça, melhorar a cidadania e propor o planejamento urbano desse vetor.

A partir dessas ações empreitadas pelo Comupra, espera-se que haja melhoria da auto-estima dos moradores do bairro por valorizarem a si mesmos e o local onde moram.

Em abril de 2002, o Comupra realizou a 1ª Ação Integrada na Comunidade, mediante consulta popular feita por um grupo de voluntários do bairro junto a 689 pessoas da região, que apontaram alguns anseios e perspectivas. Foi apurado que, na opinião dos entrevistados, um dos principais fatores que contribui para a situação de violência e de crescente consumo de drogas é a falta de ações e de espaços públicos de cultura, lazer e educação para os jovens e crianças, problemas que estariam diretamente associados ao enfraquecimento dos laços comunitários. Além disso, tem sido constatada a crescente demanda da população por atividades como cursos e oficinas que possam contribuir para a geração de renda e a inserção no mercado de trabalho (ANEXO A).

Apoiando-se nessas informações, iniciou-se a elaboração do Projeto *RIBAS – Ribeiro de Abreu Social*, construído pela comunidade e pelos trabalhadores do Comupra para impulsionar mudanças na região. O Ribas foi pensado como um projeto guarda-chuva, que contém diversas ações integradas, visando contribuir para o desenvolvimento da inclusão e participação social, o fortalecimento dos laços comunitários, a conscientização ecológica e o aprimoramento da auto-estima e da cultura de solidariedade e paz (ANEXO A).

As propostas e objetivos que norteiam o Projeto Ribas são: “combate à miséria e à situação de risco, geração de renda e trabalho, valorização e resgate da cidadania, implantação da coleta seletiva, eliminação/redução do lixo lançado no Ribeirão do Onça” (CONSELHO COMUNITÁRIO UNIDOS PELO RIBEIRO DE ABREU, 2003, p. 1).

As seguintes ações, criadas a partir da demanda da comunidade, estão em andamento desde 2003: horta comunitária, inclusão digital, alfabetização, biblioteca comunitária, artesanato, arte educação, culinária e oficina de futebol.

- Casa da Cidadania – é a sede do Comupra e o lugar onde acontece a maioria das ações voltadas para o planejamento e a tomada de decisão da ONG. É também local de funcionamento de algumas das ações do Projeto RIBAS. Para manter a Casa aberta, a fim de disponibilizar as atividades à



comunidade; conta-se com duas pessoas (secretárias) que revezam seus horários entre 8h e 22h.

- Horta comunitária – suas ações começaram em 2003, na Escola Estadual Bolivar Tinoco Mineiro, situada no bairro. No início, envolvia os alunos da escola. Segundo as primeiras trabalhadoras, a construção da horta promoveu a inserção de pessoas que estavam à margem da sociedade e teve o papel importante de dar-lhes visibilidade como trabalhadores e cidadãos, possibilitando-lhes o reconhecimento pela comunidade. A partir desse trabalho, várias pessoas conseguiram ser remunerados. Segundo os trabalhadores do Comupra, essa experiência é tida como modelo por várias instituições públicas e privadas, como Colégio Marista Dom Silvério, Correios e Banco do Brasil. Durante a realização da presente pesquisa, havia 8 pessoas trabalhando nos cuidados da horta.



Figura 5 – Horta comunitária na Escola Estadual Bolivar Tinoco Mineiro

Fonte: Conselho Comunitário Unidos pelo Ribeiro de Abreu, 2008.



Figura 6 – Projeto estufa na Horta Comunitária do Comupra – Escola Estadual Bolivar Tinoco Mineiro

Fonte: Conselho Comunitário Unidos pelo Ribeiro de Abreu, 2008.



Figura 7 – Alunos da Escola E. Bolivar Tinoco Mineiro colhendo as verduras da horta.

Fonte: Conselho Comunitário Unidos pelo Ribeiro de Abreu, 2008.

- Oficinas de futebol de areia – antes vinculadas ao Comupra, já acontecem independentemente da ONG, em uma quadra na comunidade, antigo ponto de tráfico de drogas. Objetivam oferecer atividades para as crianças e jovens durante o período em que não estão na escola. Esta ação visou diminuir o risco de envolvimento desse público com a marginalidade, por falta de opção de atividades (ANEXO A).
- Ações da inclusão digital – funcionam na Casa da Cidadania. Viabilizam o acesso da comunidade à tecnologia. São oferecidos curso e acesso aos computadores e à rede de internet para pessoas da comunidade, por valores simbólicos.
- Biblioteca comunitária – também funciona na Casa da Cidadania. Proporciona à população do bairro o contato com os diversos tipos de literatura Sem nenhum custo para os usuários. As várias obras disponíveis para a população foram conseguidas por meio de doações.
- Ações de alfabetização – começaram após a primeira campanha do “Natal Sem Fome”, em 2002, e foram voltadas para a população de jovens e adultos analfabetos da região. Uma pedagoga idealizou, juntamente com outras professoras, um projeto de alfabetização de acordo com a necessidade da comunidade (ANEXO A).

A partir de setembro de 2006 até agosto de 2007, o Comupra foi uma das instituições selecionadas em concurso nacional dos Correios. Recebeu patrocínio para realizar as ações do Projeto RIBAS, tendo por objetivos: desenvolver atividades educativas e frentes de articulação e capacitação comunitária para a geração de trabalho e renda; e atender prioritariamente a moradores do bairro Ribeiro de Abreu, de todas as faixas etárias, em situação de risco social pertencentes a famílias com renda média entre um e três salários mínimos, moradores das áreas carentes de infra-estrutura urbana básica e de equipamentos esportivos e culturais com alta densidade populacional por moradia e altos índices de vulnerabilidade social (IVS) (ANEXO B).

Essas atividades envolveram uma rede de aproximadamente 30 entidades para atender diretamente 245 famílias (880 cidadãos) e gerar melhorias que beneficiaram todo o bairro (ANEXO B).

O contrato de parceria do Comupra com os Correios buscou

[...] ampliar as oportunidades de geração de renda e de inserção no mercado de trabalho, fomentando assim o desenvolvimento socioeconômico da comunidade, juntamente com a discussão coletiva sobre temas cotidianos ligados ao contexto social, político e ambiental (ANEXO A).

Para desenvolver essa proposta, definiram-se as seguintes ações para o *Projeto Ribas*

- Formar 30 adultos e idosos em oficinas de alfabetização, ampliando suas perspectivas de inserção social (por meio da inclusão no universo da leitura e escrita);
- Formar 20 jovens através de oficinas de inclusão digital e comunicação, para ampliar suas perspectivas de inserção social por meio do uso criativo das tecnologias digitais e da participação em iniciativas de comunicação comunitária que divulgarão o RIBAS;
- Promover a formação e criar perspectivas de geração de trabalho e renda para 60 jovens e adultos, através de um programa integrado de economia popular solidária envolvendo um centro de produção de alimentos e prestação de serviços e um centro de reciclagem e artesanato, buscando também incentivar e concretizar os princípios da economia solidária na região, contribuindo assim para a evolução do paradigma individualista do mercado para uma preocupação cada vez mais voltada para a solidariedade e o bem estar coletivo;
- Desenvolver atividades lúdicas e educativas com 30 crianças (de sete a 14 anos) da região, potencializando suas habilidades artísticas, oferecendo também uma solução para os pais que não têm onde deixar as crianças no horário alternativo ao escolar;
- Sensibilizar e capacitar 30 multiplicadores através de oficinas de educação ambiental e cidadania em uma Horta Comunitária funcionando dentro de uma escola do bairro, visando também a disseminação de uma cultura de ecologia integral e construção de conhecimentos acerca de nutrição saudável, interdependência ecológica e preservação ambiental.
- Promover ampla mobilização da comunidade em torno de um projeto comum de desenvolvimento local do Ribeiro de Abreu, realizando encontros semestrais, com a participação de representantes dos diversos grupos e entidades locais. Envolver em torno de 75 participantes por encontro, para a avaliação das atividades do Projeto RIBAS e elaboração coletiva de novas propostas de atuação (ANEXO A).

Quanto ao público infanto-juvenil, o Projeto Ribas orientou-se para as atividades que contribuíssem com

[...] a descoberta de talentos, o desenvolvimento lúdico e emocional das crianças. Além de ajudar as crianças na integração saudável com a comunidade, criar referências de atividades para o tempo livre que pudessem

ser multiplicadas em outros espaços da comunidade como nas famílias e nas escolas (ANEXO A).

A realização do *Projeto Ribas / Correios* vislumbrou transformações por meio de uma rede de iniciativas interconectadas com a comunidade propostas para o período entre 2006/2007 que podem ser vistas detalhadamente no ANEXO A.

Essa parceria do Comupra/ Correios atingiu 855 pessoas entre crianças, jovens e adultos, e apresentou os seguintes resultados:

**Público indireto:** os encontros de sensibilização e mobilização comunitária envolveram representantes de no mínimo 15 entidades comunitárias, com efeito multiplicador dentro da comunidade.

**Número de empregos diretos gerados:** o projeto trabalhou na perspectiva de geração de oportunidades formativas para o empoderamento individual e coletivo. Não previa, assim, a geração de empregos diretos. Esperava-se, contudo, a geração de oportunidades de trabalho e renda para 90 pessoas (usuários das oficinas de produção de alimentos e prestação de serviços, reciclagem e artesanato e horta comunitária) (ANEXO B).

No total de 2.450 horas/aula, efetuaram-se a construção do site do Comupra e a criação de um pôster e do jornal *O RIBEIRIN*, informativo com fotos da história do Comupra, dos moradores e das atividades desenvolvidas na comunidade.

Outros resultados considerados positivos pelo atual presidente do Comupra, Itamar de Paula, foram o crescimento do número de parceiros e o comprometimento deles na luta compartilhada pelo ideal de melhoria de vida dos moradores da região.

No mês de setembro de 2007, findou-se o contrato com os Correios, o que significou falta de verba para continuar as ações. Com a falta de recursos financeiros, muitas pessoas se desligaram do Comupra, deixando de atuar no Projeto Ribas.

Algumas pessoas atendidas pela parceria com os Correios, reivindicaram a continuidade das ações. Nesse momento, outras parcerias, embora com um menor aporte financeiro, foram firmadas para sanar as necessidades básicas de funcionamento da Casa da Cidadania.

Por meio desses novos acordos, o Comupra continuou algumas atividades e iniciou outras. Segue abaixo a relação dessas ações.

- Oficina de teatro – parceria com o Programa Fica Vivo<sup>2</sup> que destinou R\$717,00 para o pagamento dosicineiros da inclusão digital e do teatro. Com essa verba foi possível pagar o lanche das crianças e algumas despesas da Casa da Cidadania. Nessa oficina são atendidas 12 pessoas de 12 a 25 anos de idade. A maioria delas é de alunos da E.E. Bolivar Tinoco Mineiro. A ex-aluna Dourvina, após participar do Projeto Ribas em parceria com os Correios, decidiu fazer o lanche para os alunos da oficina de teatro voluntariamente.
- Inclusão digital/informática – parceria com o Programa Fica Vivo, com 24 alunos e ajuda de custo de R\$150,00 por mês.
- Alfabetização – parceria com o Instituto Educacional Manoel Pinheiro, com uma ajuda de custo de R\$120,00 reais mês para cada 10 alunos.
- Horta Comunitária – continua o seu desenvolvimento, independentemente de parcerias.
- Movimento “Deixe o Onça beber água limpa”, em parceria com 33 instituições, dando origem ao evento de mesmo nome realizado no dia 26/04/2008 na beira do Onça, no bairro Ribeiro de Abreu.

Como consequência dos bons resultados alcançados, o Comupra concorreu com 1.574 instituições, em nível nacional, ao prêmio Itaú Unicef 2007. Ficou como semifinalista. Também conquistou o segundo lugar no Prêmio Maria Regina Nabuco, do Conselho Municipal de Segurança Alimentar e Nutricional (COMUSAN) em dezembro de 2007, pela realização do projeto “Horta Comunitária”.

---

<sup>2</sup> O Fica Vivo é um programa que visa principalmente, a redução do homicídio nas áreas mais violentas dos municípios. Foi concretizado em agosto de 2002 por iniciativa do Centro de Estudos em Criminalidade e Segurança Pública da Universidade Federal de Minas Gerais - CRISP/UFMG em parceria com as polícias, Ministério Público, governo e sociedade civil (PEIXOTO, ANDRADE e AZEVEDO, 2007)

Segundo avaliação dos trabalhadores do Comupra,

[...] apesar das graves dificuldades sociais, econômicas e ambientais, a comunidade do Ribeiro de Abreu tem demonstrado grande capacidade de articulação e participação nas ações locais. Prova disso é o número crescente de apoiadores e voluntários que têm contribuído para dar força e legitimidade para o Conselho Comunitário Unidos pelo Ribeiro de Abreu, o que também é fruto da dedicação, do trabalho árduo e do acúmulo de experiência dos fundadores e integrantes da ONG nas lutas comunitárias. [...] é indispensável destacar a importância da participação ativa e da corresponsabilidade daqueles que manifestam interesse em colaborar nos diversos projetos e que vem gerando resultados positivos de valorização do potencial humano local, com a melhoria da auto-estima e do comprometimento dos envolvidos (ANEXO A).

Assim, as diversas ações desenvolvidas pelos trabalhadores do Comupra têm beneficiado tanto a eles quanto à comunidade, como comprovam recortes de jornais, revistas e conversas informais, que mostram como se dá a construção de um trabalho de cunho comunitário que não se propõe a ser assistencialista, e sim transformador de uma realidade degradada pela pobreza em seus vários sentidos.

## 4 METODOLOGIA

### 4.1 Esquema da estruturação metodológica da pesquisa

A fig. 8 apresenta um esquema da estrutura geral do trabalho.

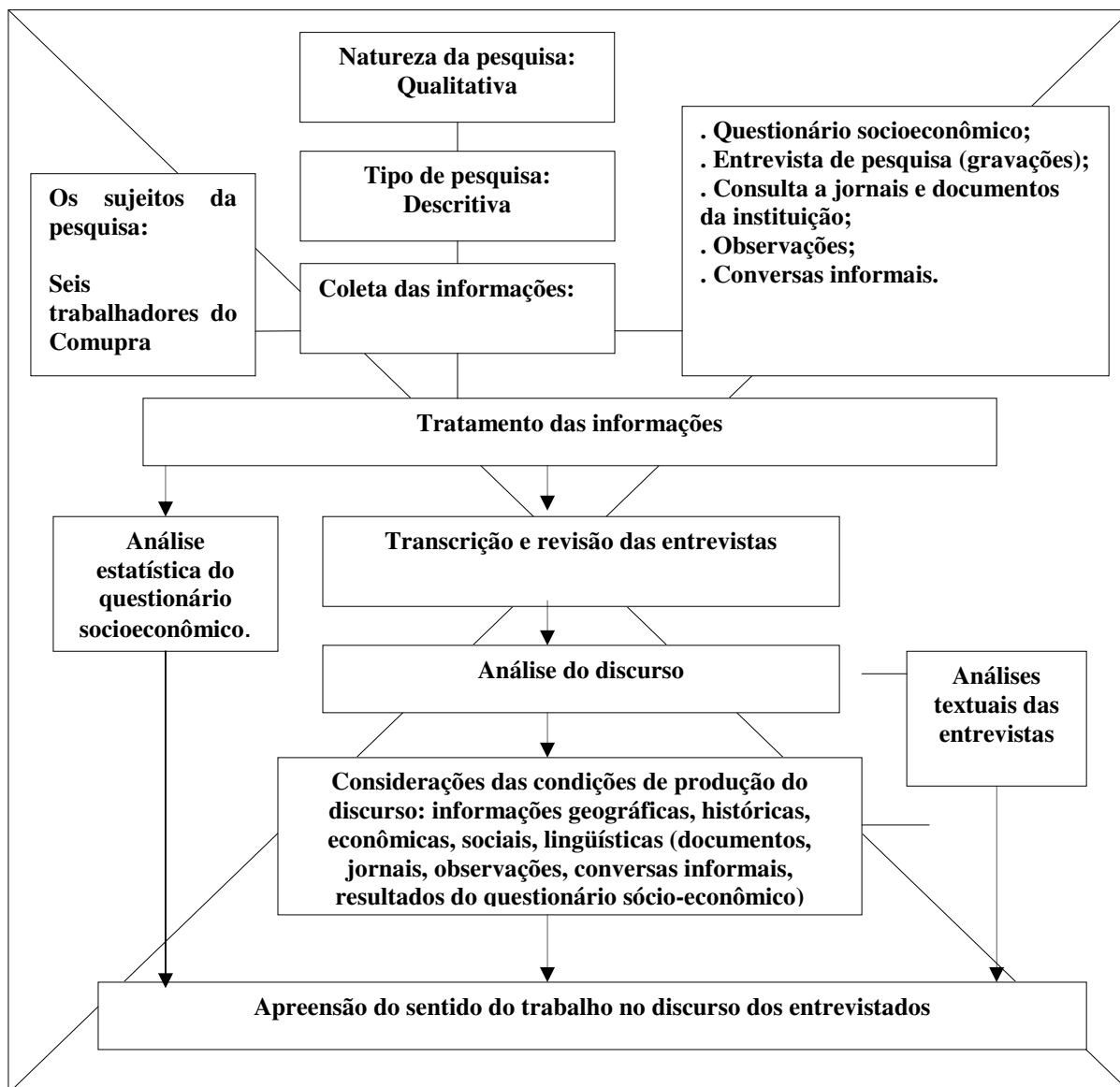


Figura 8 – Metodologia de pesquisa

Fonte: Elaborado pela autora



## 4.2 Tipo e natureza da pesquisa

A pesquisa sobre o sentido do trabalho para os trabalhadores do Comupra foi descritiva e qualitativa. Descritiva porque buscou identificar e obter informações sobre um problema proposto e qualitativa por privilegiar dados subjetivos sobre o problema (COLLIS; RUSSEY, 2005), tendo como

[...] universo de significados, motivos, aspirações, crenças valores, atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis (MINAYO, 2000, p. 21-22).

Godoy (1995, p. 58) lista as características principais de uma pesquisa qualitativa:

Considera o ambiente como fonte direta dos dados e o pesquisador como instrumento chave; possui caráter descritivo; o processo é o foco principal de abordagem e não o resultado ou o produto; a análise dos dados foi realizada de forma intuitiva e indutivamente pelo pesquisador; não requereu o uso de técnicas e métodos estatísticos; e, por fim, teve como preocupação maior a interpretação de fenômenos e a atribuição de resultados.

A pesquisa qualitativa, *a priori*, não se propõe a enumerar e/ou medir os eventos estudados. De maneira geral, não utiliza estatística para a análise dos dados. Procura obter informações descritivas sobre pessoas, lugares e processos relacionais por meio do contato direto do pesquisador com a realidade a ser estudada, buscando compreender os fenômenos segundo a perspectiva dos sujeitos envolvidos na situação em estudo (GODOY, 1995).

Esta pesquisa pode ser caracterizada como um estudo de caso, pois investiga poucos objetos e permite o conhecimento detalhado e aprofundado do sentido do trabalho para os trabalhadores do Comupra.

O estudo de caso se caracteriza como pesquisa qualitativa por excelência, fundamentada na discussão da ligação e na correlação de dados e informações.

Para Yin (2003, p. 23), o estudo de caso é um estudo empírico que investiga um fenômeno atual em seu contexto de realidade, quando não se têm muitas informações sobre o objeto.

Segundo Michel (2005, p. 55), é um método que permite, “mediante o estudo de casos isolados ou de pequenos grupos, entender determinados fatos sociais”.

Estuda uma unidade, ou seja, grupo social, família, instituição, situação específica e empresa, entre outras. É uma boa estratégia para examinar acontecimentos contemporâneos. Tem como propósitos e vantagens:

### Quadro 3

#### Propósitos e vantagens do uso do estudo de caso

<b>PROPÓSITOS</b>	<b>VANTAGENS</b>
<p>Explorar situações da vida real cujos limites não estão claramente definidos.</p> <p>Descrever o contexto em que está sendo feita determinada investigação.</p> <p>Explicar as variáveis causais de determinado fenômeno em situações muito complexas que não possibilitam a utilização de levantamentos e experimentos.</p>	<p>Possibilidade de penetração na realização social, o que não é conseguido pela pesquisa quantitativa.</p> <p>Pode contar com observação direta e entrevistas das pessoas nele envolvidas.</p> <p>Tem como diferencial a capacidade de lidar com uma ampla variedade de evidências como documentos, artefatos, entrevistas e observações.</p> <p>As conclusões são comprovadas pela robustez da análise, que se dá em função do número de vezes que o fenômeno ocorre.</p>

Fonte: Elaborado pela autora a partir de Yin (1998)

Pode-se escolher trabalhar com caso único ou múltiplos casos. Nesta pesquisa, optou-se pelo caso único por ele ser representativo e revelador do sentido do trabalho para sujeitos trabalhadores em uma organização do Terceiro Setor.

### 4.3 Os instrumentos para a coleta de informações

Para a coleta das informações, foram utilizados:

- a) questionário socioeconômico, apresentado no APÊNDICE A;
- b) entrevista de pesquisa aberta semi-estruturada (APÊNDICE B), realizada para apreender o discurso dos trabalhadores sobre o sentido do trabalho;
- c) recortes de jornais, dos quais foram extraídas informações divulgadas na mídia impressa e eletrônica sobre as atividades realizadas pela entidade;
- d) documentos como o Estatuto do Comupra e relatórios de atividades e projetos destinados a parceria da ONG com diversas instituições;
- e) observações *in loco*, por meio das quais se obtiveram informações sobre as condições e organização do trabalho na ONG; e
- f) conversas informais, que permitiram obter informações adicionais, registradas no *diário de campo* da pesquisadora.

A entrevista de pesquisa foi o principal instrumento utilizado para obter o discurso dos trabalhadores sobre o sentido do trabalho no Comupra.

### 4.4 Papel da entrevistadora na co-construção da entrevista

A participação dos membros do Comupra nesta pesquisa foi negociada, num primeiro momento, com o presidente da organização, que sugeriu que a entrevistadora conversasse com os trabalhadores para saber do interesse deles em participar do estudo.

A entrevistadora, por ser voluntária na organização desde 2002, com a atividade de intervenção psicossocial perante o grupo, teve facilidade para conseguir a participação das pessoas que lá trabalhavam e para acessar os documentos da ONG.

Suas intervenções haviam sido esporádicas, acontecendo quando o grupo demandava uma escuta para auxiliá-los nas relações interpessoais e nas tomadas de decisões. O presidente mantém a pesquisadora informada dos eventos, mudanças, conquistas, problemas e dificuldades vividas pelo grupo. Muitas vezes, esses contatos se dão por telefone.

Durante a entrevista de pesquisa, a pesquisadora optou por uma postura não diretiva de escuta atenta e sem interferência, próxima da escuta clínica, para apreender aspectos da subjetividade dos trabalhadores. Assim, permitiu-se ao entrevistado um momento de reflexão em voz alta sobre o sentido do trabalho para si mesmo, sobre sua história de vida e sobre a relação com o trabalho desenvolvido na organização pesquisada (MACHADO, 2007a).

#### **4.5 Procedimentos de entrevista**

As entrevistas foram centrais para conhecer a organização e o sentido do trabalho para as pessoas que atuam no Comupra. Cobriram aspectos como organização do trabalho, voluntariado e participação na comunidade.

Segundo Quivy (1998), a entrevista semidirigida

[...] não é inteiramente aberta e nem encaminhada por um grande número de perguntas precisas. Geralmente, [o pesquisador] dispõe de uma série de perguntas-guias, relativamente abertas, a propósito das quais é imperativo receber as informações por parte do entrevistado. Mas não colocará necessariamente todas as perguntas pela ordem em que as anotou e sob a formulação prevista. Tanto quanto possível, < deixará > andar o entrevistado para que este possa falar abertamente, com as palavras que desejar e pela ordem que lhe convier.

A entrevista semi-estruturada, que se assemelha à não-diretiva, foi escolhida com o objetivo de deixar o entrevistado mais livre para expressar-se em relação à sua vivência de trabalho no Comupra. Nela “cada sujeito entrevistado é tratado como único, central, porta-voz de uma determinada formação sócio-histórica” (MACHADO, 2002, p. 37). A adoção dessa posição facilitou a interação entre entrevistado e entrevistadora.

A entrevistadora optou por deixar os entrevistados à vontade e propôs que cada um escolhesse o local para a realização da entrevista.

Cinco entrevistas foram feitas na sede atual do Comupra, que é uma casa sem portas internas. Por isso, em alguns momentos houve interrupção, porque as pessoas passavam e cumprimentavam ou conversavam com os entrevistados. Durante uma das entrevistas, uma trabalhadora ficou na mesma sala com a entrevistadora e, às vezes, intervia na entrevista da colega.

A entrevista com Itamar de Paula, o presidente, foi realizada na casa dele. Aconteceram várias interrupções (interfone, telefone, conversas com o pessoal que estava na casa) e latidos de cachorros, que dificultaram o entendimento das falas no momento da transcrição.

A entrevistadora abriu as entrevistas pedindo a cada trabalhador que falasse livremente sobre a sua história de vida e a relação com o trabalho no Comupra: Como foi o ingresso na ONG, como esse trabalho era realizado e qual o sentido do trabalho executado. Cabe ressaltar que o roteiro (APÊNDICE B) serviu como norteador, sem que necessariamente as questões tivessem que ser respondidas numa ordem. Ele orientou o entrevistado sobre o que a entrevistadora desejava saber, mas a pessoa respondia livremente. Ao longo de cada entrevista, a entrevistadora interagiu com o entrevistado fazendo outras perguntas, para elucidar pontos de dúvidas ou clarear o entendimento sobre o que foi dito. Portanto, uma entrevista se diferenciou de outra.

A entrevista mais curta durou quinze minutos e a mais longa, uma hora e vinte e três minutos.

Foram usados os recursos de anotação e gravação, prevendo a análise das informações.

As entrevistas com os trabalhadores iniciaram-se em novembro de 2007 e terminaram em janeiro de 2008 (No dia 11 de novembro de 2007, foram

entrevistadas Iolanda e Lucinéia; no dia 16 de novembro, Itamar; no dia 18 de novembro, Fernando e Antônia; e no dia 13 de janeiro, Izabel).

#### **4.6 Seleção dos sujeitos da pesquisa**

Os entrevistados foram os trabalhadores em atividade na instituição. O critério de acessibilidade foi adotado, pois o momento da negociação da pesquisa coincide com o término da parceria financeira com os Correios e o conseqüente afastamento de várias pessoas da entidade. Poucos trabalhadores (em torno de dez) ficaram para dar continuidade aos projetos do Comupra.

Assim, foram entrevistadas as pessoas que se encontravam em atividade na organização e que se disponibilizaram a participar de entrevista. Os contatos foram feitos por telefone, para agendar horário, de acordo com a disponibilidade da entrevistadora e do entrevistado.

Cinco dos entrevistados concordaram em participar da pesquisa e uma se ofereceu. Outras pessoas que trabalhavam na ONG manifestaram interesse em participar, o que foi impossível em função de incompatibilidade de horários deles e da entrevistadora.

Assim, seis trabalhadores do Comupra participaram da pesquisa. Todos responderam ao questionário socioeconômico (APÊNDICE A). Um termo de consentimento livre e esclarecido autorizando a divulgação dos nomes dos entrevistados na pesquisa foi assinado (APÊNDICE C). As entrevistas foram gravadas com o consentimento dos trabalhadores.

#### 4.7 Características dos entrevistados

A equipe responsável pelas ações do Comupra, no momento da entrevista, era formada por dez trabalhadores. Não eram contratados nem remunerados financeiramente pelo trabalho. Alguns não têm um emprego formal, vivem de “bicos” e recebem ajuda de custo, que é variável, podendo ser em dinheiro ou em produtos como cesta básica e alimentos da horta.

A ajuda de custo só é repassada quando o Comupra dispõe de recurso para isso, o que é pouco freqüente, pois a ONG não disponibiliza de montante financeiro fixo.

As pessoas, então, trabalham como voluntárias e organizam seus dias e horários de acordo com a disponibilidade de cada uma. Para elas, o trabalho comunitário que realizam não é uma ação de assistencialismo; é a promoção do exercício da cidadania, embora em algumas situações seja importante também atender às necessidades básicas da população em situação de risco.

Foram entrevistados:

- a) o presidente, um dos idealizadores da organização;
- b) a professora idealizadora do Curso de Alfabetização de Adultos;
- c) a secretária da organização;
- d) um trabalhador da horta comunitária;
- e) a auxiliar administrativa responsável pelo relatório das atividades da instituição;
- f) uma instrutora da inclusão digital.

Seguem os quadros com as informações gerais sobre os entrevistados.

Quadro 4  
Informações gerais sobre os entrevistados.

	ENTREVISTADOS					
	Itamar	Fernando	Antônia	Lucinéia	Iolanda	Izabel
<b>Sexo</b>	Masculino	Masculino	Feminino	Feminino	Feminino	Feminino
<b>Idade</b>	49 anos	31 anos	52 anos	31 anos	20 anos	47 anos
<b>Estado civil</b>	Casado	Casado	Casada	Casada	Solteira	Viúva
<b>Números de filhos</b>	Dois	Três	Dois	Um	Nenhum	Dois
<b>Escolaridade</b>	1º grau incompleto	1º grau completo	3º grau completo	2º grau completo	2º grau completo	2º grau incompleto
<b>Ocupação profissional</b>	Aposentado	Desempregado/seguro desemprego	Pedagoga	Confeiteira autônoma	Oficineira do Fica Vivo.	Desempregada

Fonte: Elaborado pela autora

Sobre a documentação possuída pelos entrevistados, todos os 6 possuem carteira de identidade, certidão de nascimento e carteira de trabalho; 5 possuem cartão de vacina; 1 possui carteira de estudante; e 2 possuem carteira de habilitação (quadro 5).

Quadro 5  
Sobre a documentação dos entrevistados

<b>Tipos de documentos</b>	Quantos entrevistados possuem	Quantos entrevistados não possuem
Carteira de identidade	6	0
Certidão de nascimento	6	0
Carteira de trabalho	6	0
Cartão de vacina	5	1
Carteira de estudante	1	5
Carteira de habilitação	2	0

Fonte: Elaborado pela autora



Seguem os quadros com informações socioeconômicas dos entrevistados.

Quadro 6  
Algumas informações socioeconômicas dos entrevistados

Entrevistados						
Situação socioeconômica	Itamar	Fernando	Antônia	Lucinéia	Iolanda	Izabel
Renda	2 SM	1 SM	2SM	0	½ SM	0
Casa própria	Sim	Não	Sim	Sim	Sim	Sim
Situação fundiária da casa	Própria	Invasão	Própria	Própria	Invasão	Própria
Números de cômodos	8	3	6	6	6	12

Fonte: Elaborado pela autora

Além das informações apresentadas no quadro 6, observa-se que todos os entrevistados têm casa de alvenaria, servida de água encanada e luz elétrica. Somente 1 não tem sua casa servida de esgoto e coleta de lixo (quadro 7).

Quadro 7  
Informações complementares sobre condições socioeconômicas dos entrevistados

Situação socioeconômica	Número de entrevistados servidos de:	Número de entrevistados que não são servidos de:
Água encanada	6	0
Luz elétrica	6	0
Esgoto	5	1
Coleta de lixo	5	1

Fonte: Elaborado pela autora

A fim de tornar mais precisa a descrição da situação socioeconômica, perguntou-se também aos entrevistados se eles tinham em casa facilidades domésticas: todos 6 responderam que têm fogão, geladeira, liquidificador e televisão; 1 não possui ferro elétrico, filtro de água, aparelho de som e computador; e 2 entrevistados não possuem internet.

## 4.8 Tratamento das entrevistas

### 4.8.1 Transcrições e revisões: a construção dos corpora

A partir da gravação, foi feita a transcrição integral e minuciosa das falas dos trabalhadores (registrando, em detalhe, repetições, silêncios, pausas, risos, hesitações, exclamações, etc.). Dessa maneira, formou-se o *corpus* que é definido como

[...] um conjunto de dados lingüísticos, seja em textos escritos ou em uma transcrição de uma fala gravada, que pode ser usado como ponto de partida para uma descrição lingüística ou uma maneira de verificar uma hipótese a respeito da língua” (CRYSTAL, 1988, p.70)

Segundo Machado (2007b, p. 3) o *corpus* consiste em “dados lingüísticos sobre os quais os tratamentos analíticos são realizados”. Nesta pesquisa, cada entrevista é uma unidade de análise ou um *corpus*. O conjunto deles (*corpora*) forma o arquivo da pesquisa.

Efetou-se várias leituras do material transcrito, com constantes retornos às gravações, a fim de tentar compreender segmentos de falas inaudíveis e momentos mais densos da entrevista. Essas revisões levaram a numerosas correções da transcrição.

### 4.8.2 Análise do discurso

O tratamento das entrevistas se deu por meio da análise do discurso. Entende-se por discurso:

Tomada em sua acepção mais ampla, aquela que ele tem precisamente na *análise do discurso*, esse termo designa menos um campo de investigação delimitado do que um certo modo de apreensão da linguagem: este último não é considerado aqui como uma estrutura arbitrária, mas como a atividade de sujeitos inscritos em contextos determinados (MAINGUENEAU, 2006, p. 43).

Leva-se em conta que:

Discurso pode aparecer sob a forma de um documento (ata, carta, etc.), uma entrevista transcrita ou oral, um artigo de um jornal, um livro. Não importa seu tamanho, mas o fato de poder ser tomado como uma unidade conexa. Sua materialidade se expressa por morfemas, palavras, semântica, sintaxe, fonemas, etc. Seu contexto, junto à sua materialidade, lhe dá sentido (MACHADO, 2008, p. 3).

Todo discurso, incluindo aquele obtido por meio de entrevistas, reflete o contexto sócio-histórico no qual os entrevistados estão inseridos. De acordo com Machado, (2005, p. 60):

Discursos são produzidos a partir de lugares definidos na organização e estruturação sociais e endereçados a interlocutores que, supostamente, compartilham a mesma comunidade discursiva e uma mesma história coletiva.

Entende-se por análise do discurso:

A disciplina científica cujo principal objeto é a ideologia e cujos procedimentos permitem avaliar um escrito ou uma fala a partir de leitura ou escuta cuidadosa, considerando não apenas o funcionamento da língua e suas características gramaticais, sintáticas, léxicas e semânticas, mas também as condições em que o texto foi escrito ou falado e, para isso, coloca questões como: quem foi seu autor, por que o escreveu ou falou, para quem, que razões levaram à formulação daquele texto, que pressupostos estão subjacentes a ele, qual é o sentido dele, como é possível interpretá-lo? (MACHADO, 2008, p. 11).

No contexto da administração, Machado (2008, p. 2), após revisão de trabalhos recentes, resume AD:

[...] a análise do discurso (AD) entrou no território da administração e apresenta, aí, a riqueza conceitual que a caracteriza. Ora é vista como uma técnica, ora como abordagem ampla. Ora é usada isoladamente, ora apoiando procedimentos diversos de tratamento de informações. Em todos os casos, a AD requer um discurso a ser analisado.

A análise do discurso articula uma análise textual e a consideração das condições de produção.

A *análise textual* da fala dos trabalhadores do Comupra foi feita sobre cada *corpus*, do qual foram extraídas as seqüências discursivas relativas ao sentido do trabalho (APÊNDICE D). O critério utilizado de seleção dessas seqüências foi o referencial teórico apresentado. Além disso, foram consideradas as *condições de produção do discurso*, isto é, as informações já apresentadas no capítulo 3 e neste capítulo metodológico relativas ao contexto e à situação do Comupra e de seus

trabalhadores, obtidas com o questionário socioeconômico, consultas a jornais e documentos diversos da entidade, observação in loco e conversas informais.

Sobre esse material vivo, procurou-se entender o que cada entrevistado quis dizer, especialmente no que concerne ao sentido do trabalho realizado por ele no Comupra.

Uma das limitações do método usado nesta pesquisa refere-se à impossibilidade de generalização do estudo realizado. Mas não houve aqui o propósito de generalização.

## 5 ANÁLISES E RESULTADOS

### 5.1 As condições de produção do discurso

Na busca das condições de produção do discurso, há que se considerar questões de autoria, intencionalidade, fundamentação e significação. Para tanto, além de informações sobre contexto, busca-se o eixo articulador do discurso e indaga-se a respeito do ganho do entrevistado ao conceder a entrevista. Tomando-se cada entrevistado como sujeito de seu próprio discurso, busca-se responder a essas questões.

Seguem abaixo informações sobre os seis trabalhadores do Comupra entrevistados, as quais dizem respeito ao contexto em que as entrevistas foram feitas e às condições de produção do discurso então construído.

1) Itamar – 49 anos, nascido em Belo Horizonte, casado. Mora no bairro Ribeiro de Abreu com a esposa e os dois filhos. Possui certidão de nascimento, carteira de identidade, carteira de trabalho, carteira de habilitação e cartão de vacina. Mora em casa própria em alvenaria, com laje, telha, oito cômodos e servida de água encanada, esgoto e coleta de lixo. Possui fogão, geladeira, filtro de água, ferro elétrico, liquidificador, televisão, aparelho de som e computador ligado à internet. Possui o primeiro grau incompleto (7ª série). Fez o curso profissionalizante de mecânico geral e torneiro mecânico. Aposentou-se por ter se tornado deficiente físico, o que lhe vale uma renda mensal de dois salários mínimos. Perdeu uma perna quando trabalhava como torneiro mecânico em Carajás, em 1983, depois que caiu e ficou preso dentro de um buraco durante horas, aguardando socorro. Trabalha, em média, oito horas diárias, de segunda a sábado, no Comupra. Não tem nenhuma ajuda de custo e ainda entra com o seu dinheiro para manter algumas despesas da ONG. O entrevistado, desde sua juventude, participa de movimentos comunitários. Iniciou-se nas Comunidades Eclesiais de Base, com o padre Pitt, responsável pela igreja Nossa Senhora da Glória, no bairro Primeiro de Maio. A partir da sua adolescência, vive a crise de desemprego do País. Em 1979, teve de mudar-se de Belo Horizonte para conseguir trabalho. Casou-se e foi para o bairro

Ribeiro de Abreu, enfrentando novamente o que já havia passado com os pais no bairro Primeiro de Maio, pois no Ribeiro faltavam infra-estrutura urbana e saneamento básico. Depois de perder a perna em Carajás, enveredou nas lutas pela melhoria das condições de vida dos deficientes físicos, participando da Associação Mineira de Paraplégicos. Levou essa experiência de lutas e conquistas para a causa da comunidade do Ribeiro de Abreu, com a formação do grupo Garra e, depois, do Comupra.

A entrevista, realizada na casa do entrevistado, teve várias interrupções e muita interferência dos cachorros, que latiam sem parar.

Itamar declarou veementemente seu sonho de fazer as pessoas da comunidade felizes e sua intenção de mudar a imagem e a realidade do bairro Ribeiro de Abreu. Esse sonho é resultado da sua história como deficiente físico, que lhe deu uma nova visão sobre a vida. Essa nova perspectiva é ter sempre um sonho para ser transformado em realidade. Segundo ele, o bairro, além de ser visto como um reduto onde a criminalidade impera, é tratado pela sociedade como um local onde só se encontram pessoas pobres, sem formação e que realizarão os piores tipos de trabalho nas empresas. Segundo ele, as empresas procuram lá peão de obra, doméstica, porteiro, *office boy* e jardineiro, trabalhadores menos qualificados que se sujeitam a qualquer tipo de trabalho. É como se o bairro representasse um navio negreiro. Diz ser muito difícil passar desse nível. Diz sentir-se muito triste com isso. Ele fala do lugar de militante dos movimentos comunitários e de presidente do Comupra, seu cargo atual. Dono de poder de persuasão, exerce grande influência sobre as pessoas de diversos níveis sociais. Essa influência tem um efeito de amor ou ódio. Não há meio termo. As pessoas se agradam dele e das suas idéias ou o odeiam e se afastam em função da sua maneira determinada de ser. A entrevista pareceu ser uma boa oportunidade para ele reivindicar a contribuição das faculdades de ensino superior para construir um mundo melhor. Mostra a necessidade da contrapartida pela disponibilidade das pessoas do Comupra para contribuir com a entrevista numa pesquisa de mestrado. Afirma convictamente que o Comupra é uma fonte de estudos muito interessante. Como uma das funções que exerce no Comupra é a de negociador, ele não perdeu a oportunidade de deixar registrado o distanciamento das pessoas que vão até a ONG “olhar” como as coisas

funcionam e não deixam nenhuma contrapartida. Ou seja, ele faz retornar à entrevistadora as perguntas: “Quem é você (pesquisadora)?”, “Por que pesquisa?”, “Para quem?”, “Que razões a levaram a produzir determinada fala durante a entrevista?”, “Que pressupostos estão subjacentes a entrevistadora?” e “Qual o sentido da pesquisa acadêmica? Assim, mostrou a importância do seu trabalho.

2) Fernando – 31 anos, nascido em Peçanha/MG. É casado e mora no bairro Ribeiro de Abreu com a esposa e três filhas dela. Atualmente recebe o seguro desemprego no valor de um salário mínimo. Possui segundo grau incompleto (primeiro ano). Trabalha em média seis horas por dia, cinco vezes por semana, no Comupra, e atualmente não recebe nenhuma ajuda de custo. Possui certidão de nascimento, carteira de identidade, carteira de trabalho, carteira de estudante e cartão de vacina. Mora em casa de alvenaria, laje e três cômodos, em área de invasão, servida por água encanada, mas não por coleta de lixo e esgoto. Possui fogão, geladeira, liquidificador e televisão. Não possui filtro de água, ferro elétrico, aparelho de som e computador. Veio de Peçanha para Belo Horizonte em 2001. Na sua cidade natal, trabalhava plantando eucalipto. Relata ter tido muitas dificuldades para viver em Belo Horizonte e para conseguir um emprego. Foi a partir da sua inserção no Comupra que conseguiu se equilibrar emocionalmente para entrar no mercado de trabalho formal. É deficiente físico (tem problema de locomoção em uma das pernas). No momento da entrevista, estava recebendo seguro desemprego por ter se desligado da rede de hipermercados Extra. A sua entrevista foi realizada no Comupra e, em função do espaço físico ser aberto, houve interrupções e ruídos, que dificultaram a transcrição do material gravado. Concedeu duas entrevistas porque a primeira delas não foi gravada por problema da entrevistadora com o equipamento de gravação.

Fernando relatou em alguns pontos de sua entrevista que passou por importantes mudanças na sua vida. Sugere que sua experiência no Comupra pode realmente ser objeto de uma pesquisa de mestrado. O trabalho no Comupra lhe dá uma condição que talvez não teria em outro lugar, permitindo que ele saia, de certa maneira, do lugar comum e ganhe um lugar privilegiado de quem faz uma história que estará registrada e será contada. A entrevista já cumpriu o papel de tirá-lo mais uma vez da banalidade da vida comum. Como ele mesmo disse, não quer ser apenas um

número ao nascer e outro ao morrer, quer deixar algo para a história. Outro papel da entrevista foi de ser terapêutica, ajudando-o na elaboração das suas questões pessoais e no fortalecimento da sua auto-estima, principalmente porque ele foi o único a ser escutado duas vezes.

3) Antônia – 31 anos, nascida em Belo Horizonte, é casada e mora com o marido e dois filhos no bairro Guarani, próximo ao Ribeiro de Abreu. Possui terceiro grau completo (pedagogia). Trabalha seis horas por dia, de segunda a sexta, como orientadora/supervisora numa escola da rede estadual. No Comupra, trabalha, aproximadamente, seis horas por semana, sem nenhuma ajuda de custo. Possui certidão de nascimento, carteira de identidade, carteira de trabalho, cartão de vacina e carteira de habilitação. Mora em casa própria, em alvenaria, com laje, seis cômodos, servida de água encanada, esgoto e coleta de lixo. Possui fogão, geladeira, filtro de água, ferro elétrico, liquidificador, televisão, aparelho de som, computador ligado à internet. No momento da entrevista, estava retornando para trabalhar no Comupra, de onde havia se afastado por dificuldades de horário. A biblioteca do Comupra tem o nome dela, em homenagem à sua dedicação em favor da criação do projeto de alfabetização para a comunidade.

Antônia faz da entrevista uma forma de divulgar os fundamentos do Comupra. Fala do encontro entre a sua história de vida enquanto militante e a proposta do trabalho comunitário. Busca ressaltar os pontos favoráveis e enfatiza o aspecto terapêutico do trabalho e, talvez, da própria entrevista. Após o término da entrevista, deu-se continuidade por duas horas a uma conversa informal a respeito do relacionamento com as pessoas no Comupra. Nesse caso, Antônia demanda a escuta clínica da entrevistadora. Ela é a única no grupo de entrevistados que possui formação superior. É pedagoga e atua em uma escola estadual.

4) Lucinéia – 31 anos, nascida em Belo Horizonte, mora há vinte anos no bairro Ribeiro de Abreu. É casada e tem um filho. Possui segundo grau completo (técnico em contabilidade), certidão de nascimento, carteira de identidade, carteira de trabalho e cartão de vacina. Mora em casa própria, de alvenaria, laje, seis cômodos e servida de água encanada, esgoto e coleta de lixo. Possui fogão, geladeira, filtro de água, ferro elétrico, liquidificador, televisão, aparelho de som, computador ligado



à internet. Trabalha, em média, 12 horas por dia, quatro vezes por semana, no Comupra. Está no Comupra desde 2005, atuando, principalmente, no controle administrativo e caracteriza seu trabalho como voluntário, pois recebe uma ajuda de custo mensal de R\$150,00 (cento e cinquenta reais) quando a instituição tem algum dinheiro em caixa disponível para isso, o que é raro. Seu marido sai às 5 horas da manhã para trabalhar e só chega às 21 horas. Antes do Comupra, Lucinéia trabalhou por dois anos na Prefeitura de Santa Luzia. Nos finais de semana, trabalha em casa como confeitadeira. Ainda dedica um dia na semana como voluntária no Hospital Sofia Feldman.

Lucinéia, com sua objetividade, faz da entrevista um momento de pontuar a que veio. Gosta de números e, talvez, de falar pouco, ou seja, o necessário para dar aquilo que a entrevistadora quer saber. Mas deixa escapar, em poucas palavras e com naturalidade, o sentido positivo e o negativo vivenciados ali no Comupra e o porquê de se encontrar tão dedicada a esse trabalho. Sua inspiração de vida está ali na energia de algumas pessoas que querem e lutam para transformar sua parte do mundo. Seu trabalho é este: ajudar alguém a realizar o próprio sonho. E seu sonho parece ser realizar o desejo do outro.

5) Iolanda – 19 anos, solteira, grávida do primeiro filho. Mora com os pais em uma casa de seis cômodos em alvenaria, na beira do Onça (favela). A casa é servida de água encanada, luz elétrica, esgoto e coleta de lixo. Possui fogão, geladeira, filtro de água, ferro elétrico, liquidificador, televisão, aparelho de som e computador ligado à internet. Possui certidão de nascimento, cartão de vacina, título de eleitor, CPF, carteira de identidade e de trabalho. Tem o segundo grau completo e diplomas nas áreas de informática e telemarketing. Começou a trabalhar no Comupra desde o surgimento da ONG (2001). Após um ano foi trabalhar na ONG AIC, em função da parceria com o Comupra. Retomou seus trabalhos no Comupra em 2006, principalmente com a oficina de informática, cumprindo, de segunda a sexta, uma carga horária de seis horas diárias. Para isso recebe uma ajuda de custo de R\$150,00 (cento e cinquenta reais) por mês. Por morar na beira do Onça, Iolanda já teve a casa invadida por enchentes nos períodos de chuva. No ano de 2005, perdeu de 23 anos, assassinado no bairro por causa de um assalto.

Iolanda fala da sua transformação e crescimento por meio da aprendizagem e do conhecimento. O trabalho no Comupra lhe deu a oportunidade de estabelecer novas relações, novos conhecimentos e uma nova posição dentro da própria instituição e do bairro. Entrou no Comupra para ajudar e aprender. Retorna à instituição para ensinar. São posições diferentes. Fala com tranquilidade desse processo. A entrevista parece ser um momento para expressar sua imensa satisfação em ter participado desse processo e, hoje, em ver o resultado do trabalho voltar para si mesma.

6) Izabel – 47 anos, nascida em Niterói – RJ. Com sete anos de idade, seus pais foram morar em Governador Valadares. Está viúva e mora sozinha. Tem um casal de filhos do primeiro casamento. Atualmente, mora no bairro Minaslândia, próximo ao Ribeiro de Abreu. Estava desempregada na data da entrevista. Quando veio para Belo Horizonte, começou a trabalhar na Assembléia Legislativa. Trabalhou durante 23 anos no estado e nos últimos três anos e seis meses esteve no Conselho Estadual de Saúde. Deixou o Estado após esses anos. Fez vários pequenos cursos, como atualização gramatical. cursou o segundo ano do ensino médio e irá cursar o terceiro ano em 2008. Possui certidão de nascimento, carteira de identidade, carteira de trabalho, carteira de estudante e cartão de vacina. Mora em casa própria, de doze cômodos, em alvenaria, com laje e servida de luz elétrica, água encanada, esgoto e coleta de lixo. Possui fogão, geladeira, filtro de água, ferro elétrico, liquidificador, televisão, aparelho de som e computador sem internet. Após a morte do marido, começou a sonhar com o trabalho em um ONG. Por intermédio de uma amiga que trabalha no Comupra, resolveu dedicar-se ao Comupra, seis horas por dia, duas vezes por semana, sem nenhuma ajuda de custo. Disponibilizou-se para ser uma das entrevistadas para esta pesquisa.

Izabel, em boa parte de sua entrevista, pareceu ver na pesquisa uma oportunidade de falar e de ser ouvida sobre suas angústias existenciais e de ser ajudada na elaboração do luto do seu marido. Refletiu sobre sua trajetória de vida e sobre o sentido do trabalho no Comupra, que associou como algo espiritual e como fonte de aprimoramento pessoal. Rememorou boa parte da sua vida, da infância, da fase adulta, dos piores aos melhores momentos. Verbalizou posteriormente em conversas informais o seu ganho com a entrevista.

Além dessas informações a respeito dos entrevistados, os dados socioeconômicos e as histórias de vida deles, apresentadas anteriormente apontaram as condições de produção do discurso. Outros dados de contexto são apresentados na descrição do Comupra, capítulo 3, e nos ANEXOS A e B.

## 5.2 Sentido positivo (prazer)

Para analisar as entrevistas dos seis trabalhadores do Comupra, levaram-se em consideração os *corpora*, especialmente as seqüências discursivas selecionadas teoricamente (APÊNDICE D), além das condições em que as entrevistas foram produzidas (determinações sociais, econômicas, históricas e lingüísticas que se apresentam imbricadas no discurso).

De cada *corpus*, isto é, de cada entrevista transcrita e transformada em uma unidade de análise, retirou-se um conjunto de seqüências discursivas apontando o sentido positivo (prazer) e negativo (sofrimento) do trabalho (APÊNDICE D).

Quando o trabalho representa oportunidade de aprender, adquirir conhecimento, transformar e criar, ele é gratificante e prazeroso, de acordo com o referencial teórico. Essas situações de aprendizagem, criação e transformação encontram-se nas falas dos entrevistados, como exemplificadas nas seqüências discursivas a seguir:

Tô aprendendo. Ontem mesmo eu tava aprendendo a mexer na máquina fotográfica digital ali, lendo o manual, testando aqui, e fiz um filme com a Angélica, e tal, beleza, pra ver. Então, assim, se eu tivesse dentro de casa à toa, onde é que eu ia aprender isso? Na faculdade? Eu não tenho como acessar isso aí. Agora a gente tá fazendo na prática, né, e se virando, [...] (ITAMAR).

Eu digo que hoje aqui no Comupra, é um espaço muito rico, onde a gente aprende muito, a gente tem oportunidades para estar fazendo o que a gente acredita, né? (ANTÔNIA).

A gente começou do início cavacando terra dura, fazendo um trabalho, um projeto com mais de trinta família na época. Todos nós organizamos e começamos aaa mexer. Então, a gente foi é... aprendendo (FERNANDO).

[...] uma coisa eu aprendi demais na horta, o ouvir [...] (FERNANDO).

[...] a horta não é só verdura, não é só planta medicinal; é conhecimento. (FERNANDO).

Então hoje eu cresci, nó! Demais, como pessoa! Igual hoje, hoje eu participo de reuniões, eu vou em qualquer lugar (FERNANDO).

[...] a gente vai fazer pra mudar [as coisas na comunidade] (FERNANDO).

[...] o Comupra tem essa proposta, né? Filosófica, que contribui para o desenvolvimento social, aquele olhar de ser humano, enquanto um ser capaz, né! Que não teve sua oportunidade. A gente busca criar essas oportunidades pras pessoas. Então o Comupra hoje para mim é isso daí. Vai garantir, né? Essa transformação, não só social, mas humana mesmo. Através do projeto de alfabetização, a gente percebe muito isso, é muito gratificante. O projeto Horta. A gente até fala que a Horta, por exemplo, é uma vitrine. A pessoa chega até lá cheia de problemas, doenças, sem esperanças. Aos poucos a pessoa se transforma, né? Consegue, às vezes, assim, realizar outros projetos, arrumam um bom trabalho. Então é como uma fonte, né? Pra aquilo que ela estiver buscando realizar [...] (ANTÔNIA).

Então, é um sentimento... muito gratificante, né? (ANTÔNIA).

[...] Dentro desse processo aí, tudo isso a gente tem reflexo disso e consegue enxergar isso dentro do Comupra. Algumas coisas com mais clareza, outras coisas nem tanto. Mais aprende, vai aprendendo, vai aprendendo, vai aprendendo (ITAMAR).

[...] uma das coisas que a gente começou a fazer foi de criar oportunidade em que a alegria pudesse fazer parte da vida das pessoas. Aí a gente usou aquela escola, fazendo eventos, construindo, né, as coisas. [...] nesses encontros, né? É que você vê e aprende muita coisa [...]. É legal que aí cê transforma também e cê sabe que cê fez parte daquela transformação. E isso é muito gratificante! [...] é um trem assim, muito legal isso. É, é poder criar. [...] e isso me ensinou demais, entendeu? (ITAMAR).

Porque é um negócio, a MG – 20, pra mim, que acompanhei a situação um pouco mais de perto, tive em todas reuniões, ela me ensinou muita coisa, muita coisa mesmo (ITAMAR).

E então, é ... hoje, dentro destas perspectivas, [...] invés do cê ficar fazendo trem que não tem nada a ver, e ser só mais um que vai ficar aí no mundo, ocê conseguir mudar alguma, ocê transformar alguma coisa, porque se não passar por esse caminho da transformação, se você não se preocupar, se não se colocar aquilo que ocê pensa, não tem porquê, num existe porque. E quando cê consegue atingir isso, né, e a comunidade também sente o reflexo disso, ô, isso aí é bom demais! (ITAMAR).

Então tem que haver uma mudança, sim. Eu acho que esse trabalho comunitário ele tem um papel fundamental de mostrar isso, entendeu? (ITAMAR)

Quando fala do terceiro setor, que hoje é, sim, um grande viés de mudança das comunidades de periferia (ITAMAR).

Observa-se em outras seqüências discursivas que a organização do trabalho mostra-se flexível, sem divisão fixa de tarefas. A pessoa tem liberdade de escolher participar dos projetos de que gosta. Tem liberdade para organizar seus horários,

tarefas e tomar algumas decisões. Há uma diversidade de atividades que permite a interação do trabalhador com todas as questões tratadas pela ONG, e isso promove sua participação ampla. Há liberdade para criar e atuar de maneira dinâmica, característica associada ao sentido positivo, de prazer:

E... e aqui no caso, né, a minha atuação não restringe só ao alfabetizar. Enquanto educadora, é, eu, eu... assim, transito né (risos), um pouco em cada área. Na, na parte administrativa, na parte de das ações mesmo em relação a...a tudo. Então, a gente participa de uma forma assim mais ampla (ANTÔNIA).

Várias vertente que a gente pega desde o começo é a mata, é a horta é a casa aqui mesmo. Então é o Onça, então são várias lutas que passam por aqui, e a gente acaba participando de todas um pouquinho (IOLANDA).

Faço porque quero fazer, entendeu (ITAMAR).

Então eu vi que... vários projetos do Comupra pra mim não me abrangia aquilo que eu queria, que era mexê com planta, mexê com as pessoas. Mas... a planta pra mim era importante e... e aí eu entrei (FERNANDO).

[O trabalho no Comupra] te dá a liberdade de você trabalhar. Ele te dá a liberdade de você tentar. Coisas que o pessoal acha que não, mas ele te dá essa liberdade docê dá com os burros n'agua. Mas não tem problema, não, mas ocê vai tenta fazer (ITAMAR).

Aqui não tem definido o que a gente faz. Aqui a gente faz assim, precisou, não tem outra pessoa pra fazer, você vai lá e faz. Eu que decido como vou fazer...[o trabalho].[...] continuo no financeiro, mando ofício, e agora quando precisa eu vou dar aula [...] (LUCINÉIA).

O fato de se tratar de trabalho coletivo, comunitário, traz igualmente o sentido de prazer:

[...] questão do trabalho comunitário em si é um trabalho como qualquer outro, entendeu? Como qualquer outro e talvez ele seja mais importante que alguns tipos de trabalho, porque ele é um trabalho voltado para o coletivo. Não é um trabalho voltado pra a questão pessoal. Meu! Ah, não eu vou fazer isso! Que eu vou ser doutor, eu vou ser o bom! Não é nada disso. Você está realizando um trabalho que vai atingir pessoas que você nem conhece elas, entendeu? Aí seu grande ganho nisso vai ser a experiência, o aprendizado, o encontro com outras pessoas e a certeza de que você fez alguma coisa, entendeu? Esse é que é o grande ganho. Logicamente a experiência de vida, experiência de ter enfrentado situações que você nunca pensou que iria enfrentar na sua vida e você enfrentar e tá trabalhando dentro dela, e tá aprendendo, e tá buscando, toma uma derrubada aqui, ganha um ponto ali.

[...] Então tem que haver uma mudança, sim. Eu acho que esse trabalho comunitário ele tem um papel fundamental de mostrar isso, entendeu? (ITAMAR).

Além dessas, outras seqüências discursivas apontam que o trabalho é algo que dá sentido positivo à vida, que ajuda a ocupar a cabeça e o tempo:

[...] a horta nos deu essa chance... de viver. É uma chance de viver viu! (FERNANDO).

[...] a horta pra mim é minha vida (FERNANDO).

[...] Comupra não é um acaso, Comupra pra mim é *mactub*..[...] há um ano atrás eu comecei inclusive a sonhar com uma instituição, com uma ONG [...]. Comupra pra mim foi um achado (IZABEL).

É...Eu... sempre falo que quando a gente vem pensando que vai contribuir com o outro, aí a gente descobre que o maior beneficiado é a gente mesmo (ANTÔNIA).

[...] eu acredito que eu não consigo ficar sem essa bagunça na minha cabeça. [...] é um trem muito legal isso (ITAMAR).

O trabalho do Comupra [...] eu tinha que ocupar minha cabeça, porque o sentido nosso na época era justamente esse é... ou a gente espera as coisas acontecer com a gente ou o que que a gente vai fazer pra mudar (FERNANDO).

E aí eu acho que hoje, por exemplo, o Comupra me ajuda muito nisso, entendeu? De me preencher, de de ter alguma coisa pra, pra fazer (ITAMAR).

O trabalho oferece a possibilidade de fazer algo para ajudar as pessoas e a comunidade:

A tranquilidade, a capacidade de ajudar outra pessoa (FERNANDO).

[...] você consegue ajudar os outros. [...] essa coisa do social de tá ajudando aqui, que é uma coisa que a gente gosta [...] (IOLANDA).

[...] é uma coisa mais voltadas mesmo é para ajudar para o social [...] (ANTÔNIA).

[...] o ajudar o outro me satisfaz, literalmente. Satisfação de realizar um sonho de ver uma criança sorrindo, de estar com um aluno que tá entendendo o que é ditongo crescente e decrescente é bom demais da conta (IZABEL).

[...] encontrei o Comupra. Ah! Tinha tudo a ver com o que eu acreditava, essa proposta, né? De educação, participativa, a questão de cidadania, a luta por melhores condições de vida (ANTÔNIA).

O trabalho tem sentido de apoio, de equilíbrio, ajuda as pessoas a se estruturarem e a encontrarem outros caminhos:

Acho que você consegue um equilíbrio [...] (IOLANDA).

Através do Comupra, eu fui para a associação de imagem comunitária. Fiquei lá três anos também aprendendo outras coisas, a mexer com mídia, fui trabalhar em outra região e... depois um certo tempo do final do ano passado pra cá, eu voltei para o Comupra pra trabalhar na área de informática (IOLANDA).

Na época pra mim quando eu vim pra cá... eu pensava que o problema é eu ir lá plantar mais eu não sabia que era eu mesmo que tava me reeducando a mim mesmo (FERNANDO).

Porque é... eu tenho problema de nervo né? Eu sou um rapaz um pouco nervoso. Então, já fiz tratamento, já tomei remédio controlado e... praticamente isso não funcionou. O remédio. É num funcionou até hoje e... quando eu passei por essa fase de dificuldade né! Ter passado fome aqui em Belo Horizonte mesmo. Que eu adoeci, eu tive problema de anemia. Então, é... aí eu fui e achei a horta como um apoio. Ela começou me estruturar como pessoa. Cada dia eu aprendendo com cada família e até com cada problema de cada um. E isso foi me tornando experiente, e eu vendo que cada vez o meu problema. Não... Era mínimo em vista das pessoas que a gente ajudou que tava passando fome, passando dificuldade, num tinha um dinheiro pra comprar um remédio. Aí a gente viu que o mínimo de ação que era plantar um remédio, uma planta medicinal, que tava transformando a vida deles e a minha também. Mudei bastante né [...]. Funcionou e funcionou muito, eu espero que nunca mais eu precise beber um remédio,...né? (FERNANDO).

É, eu tava desempregado. Eu não tinha formação, nem carteira profissional. Então num tinha carteira assinada na época, então num, num, num tinha estrutura nenhuma pra arrumar emprego.[...] eu não tinha não profissional, carteira profissional escrita. Então, como é que cê vai prum serviço... todo danado, todo nervoso, brigão (tosse).

Sim, num tem nem paciência. E como é que eu conseguiria igual em 2001..., como diz, eu bruto, num sabe quando cê pega um tesouro e ele tá lá. Então, o que eu precisava era me lapidar.

[...] isso que foi me estruturando. Porque até pra arrumar emprego, eu tinha condições. O que você me ordenasse eu tenho certeza que eu fazia com amor, com carinho. Mas, eu... era muito impaciente, eu num tinha a visão das coisas. Eu...eu acharia o que eu tinha que fazer e pronto. Mas eu não tinha a maneira de pensar, que tinha dois lados, tanto o meu quanto o da empresa como vivia em pessoas. Que aqui visa muito isso em termo de empresa. E...nessa época eu tive..tipo me capacitando pra mim trabalhar dentro do local. Porque a horta ela é uma coisa que... acontece com a horta é interessante, sabe? Ela... ela estrutura a pessoa pra trabalhar. A Leda, a Marilac né, a Júnia. Todas essas pessoas, né, que eu tô lembrando assim, todas elas que passaram na horta, hoje trabalha em casa de família, trabalha em empresa, tem o seu próprio dinheiro. Então, a horta é estruturar a pessoa pra viver em sociedade! Numa sociedade que às vezes recriminava por ela, por a gente ser ignorante, ser impaciente. Mas num era porque a gente queria ser assim. A situação financeira, a situação, né, da impaciência nos trazia isso. Então, cê vê que a mudança, a transformação, porque nessa época mesmo que eu comecei, aí em 2004, aí eu comecei a trabalhar. [...] isso me estruturou pra mim trabalhar.

[...] através da estrutura da horta, nós nos transformou assim... num ser humano para poder conversar com outras pessoas e explicar o motivo que a gente tá ali.

[...] nesse tempo [da horta] que eu entrei no Correio, foi 2004, eu... consegui, né (olha prô cê vê como que a vida é) namorar (risos) e até se casar. Olha, cê vê até construí família. [...] é resultado do trabalho (FERNANDO).

Os resultados do trabalho atingem as pessoas e a comunidade:

Você já vê, por exemplo, as pessoas questionando as coisas do Ribeiro de Abreu, coisa que ocê também não via, e o Ribeiro de Abreu saiu um pouco

das páginas policial. Isso é importantíssimo pra pra dentro da da comunidade. E é transformação (ITAMAR).

É... as coisas que a gente consegue fazer hoje, dentro do Comupra, logicamente que a gente já adquiriu um certo conhecimento sobre elas. Precisa de melhorar. Claro que precisa de melhorar muito, mas você já vê resultado disso (ITAMAR).

E uma das comunidades onde é que tá tendo um resultado altamente positivo é o Ribeiro de Abreu. [...] onde se apresentou os melhores resultados, em pouco tempo, foi no Ribeiro de Abreu, entendeu? E isso é um negócio importante é que a comunidade tá sentindo isso. Esses números não aparecem no Crisp, [não] aparecem dentro da imprensa, né? Mas a própria comunidade está sentindo isso, a própria comunidade enxerga a produtividade desse projeto e da forma que ele vem sendo... que ele vem sendo conduzido. O Comupra nisso aí, Eliete, ele assume um papel fundamental, porque o Fica Vivo entrou no Ribeiro de Abreu via Comupra (ITAMAR).

É o resultado do trabalho que deu visibilidade, né? Então, quando você utiliza o Projeto RIBAS e faz cinco jornalzinhos aí e entrega isso por aí a fora, aí isso dá um reflexo pra instituição. Quando cê tem um pôlder, quando você é citado pelo prêmio Itaú UNICEF, quando você é citado pelo COMUSAN, então, e se nós estivéssemos parado, não dava (ITAMAR).

Então eu vejo a diferença do Comupra tá aí na forma de gerir, no comprometimento, né, em alcançar o resultado que a gente quer. E o resultado, na realidade, Eliete, o que eu estou falando é o seguinte: quando você vê o seu grupinho feliz, quando ocê vê os seus amigos satisfeitos, é esse o resultado, entendeu? É a Dona Dejanira, que mandou o cartão lá do... o primeiro cartão da vida dela que ela mesmo escreveu. Que ela mesma colocou no correio, aos 76 anos de idade, com a filha dela lá em Roraima. Então assim, é.. não tem como medir isso não. A mesma coisa, a Júnia, quando ela recebe uma casa, e que aí o pessoal fica olhando isso como R\$15.500,00, não é não! É muito mais que isso. É futuro né? Ela tem três filhas pequenas, então agora ela já consegue enxergar onde as meninas vão morar. Eliete, não tem dinheiro que paga isso, não tem não. Porque, a a você olha pra pessoa e se enxerga no lugar dela. E você sabe o porquê, igual eu falei no início, eu nasci e me criei dentro de uma favela e você sabe da importância que tem isso (ITAMAR).

É o que eu faço a coisa acontecer (FERNANDO).

[...] enquanto instituição dessa cê tem como a até mesmo a ajudar outras pessoas não só no aspecto de ajudar com o alimento com uma roupa mas sim ajudar com cultura através de se realizar um projeto. Então as realizações são muito maiores do que as coisas que a gente pode tá realizando enquanto pessoa dentro da casa da gente (IOLANDA).

O trabalho tem também o sentido de sustento (por meio da alimentação básica):

[...] a gente não visa o dinheiro. O importante é levar pra casa. Então, o vender era conseqüência, disso tudo, né? [...] ela [pessoa que trabalhava lá] já sabia que podia ir pra casa tranqüila que a comida tava na mesa (FERNANDO).

[Recebia ] Cesta básica mais a verdura né? E o que vendia final de semana, que eu também cheguei a vender, foi nós que pôs, que fez a barraquinha, foi pra rua mesmo vender. Que aí era um além de ganhar a cesta básica,



ganhar a verdura. Eu tinha o dinheiro pra comprar o frango no final de semana. Então lá em cas, graças a Deus, não faltava comida, né? Então aí já me dava estrutura pra mexer direito é enquanto eu tava à-toa (FERNANDO).

[Recebe ajuda de custo de] Cento e cinqüenta reais (tom de voz mais baixo) [pelas seis horas de trabalho diárias]. Então, dá pra né? Para gente tá fazendo isso. Lógico que um pouco apertado, mais dá [...] (IOLANDA).

O trabalho promove a realização, o prazer, a satisfação e é gratificante:

COMUPRA não é um acaso. Comupra pra mim é *mactube* [...] tô desempregada, mas eu, uma coisa é você batalhar para sobrevivência, outra coisa é você batalhar para uma realização. [...] tá sendo bem gratificante tudo isso que eu tô, que eu tô fazendo aqui (IZABEL).

Eeee eu acabei entrando nesse projeto como instrutora da língua portuguesa. Eu estou amaaaando de paixão! Sua experiência não é nem de vanguarda; é jamais impensado [...] [gargalhada] (IZABEL).

[...] o que o Comupra me satisfaz em menos de um mês! E é satisfatório cada ato. Cada ação é loucura, é a minha, a minha área é essa. Eu teria sim que trabalhar numa ONG, porque é isso que me satisfaz, [...] a realização não tem dinheiro que pague. Satisfação de realizar um sonho de ver uma criança sorrindo, de estar com um aluno que tá entendendo o que é ditongo crescente e decrescente é bom demais da conta! É isso aí (IZABEL).

Então, é um sentimento... muito gratificante, né? Enquanto pessoa, enquanto profissional, eu só tenho satisfação....É muito prazeroso trabalhar aqui (ANTÔNIA).

[...] pelo serviço que eu adoro. Números é o que eu gosto de fazer... Estou no Comupra porque eu realmente gosto ... do que eu faço aqui... né! (LUCINÉIA).

[Sobre o sentido do trabalho na ONG] [...] tem um sentido muito grande. Pelo menos eu sou nascida e criada aqui na região no bairro. Então, eu conheço todo mundo. Então, como você acaba podendo ajudar um pouquinho. Quando você acaba podendo ajudar um pouquinho essas pessoas, que seja numa relação de cultura... né ? De dá um apoio de simplesmente vim procurar um auxílio como que eu faço isso como eu faço aquilo.

Então, isso é uma satisfação muito grande. Então, o trabalho aqui acaba sendo prazeroso. Te dá vontade de crescer aqui dentro. Cada dia a gente cresce um pouquinho, mas não te dá vontade de ir pra fora e procurar outra coisa, porque a satisfação que a gente tem aqui e muito maior né? Que seja financeira ou não, mas é mais por uma questão de gostar de fazer o que você gosta, de você sentir prazer naquilo que você faz e você vê resultado também, porque as lutas que a gente vem tendo desde 2001 a gente vai vendo resultado na comunidade. É o índice de violência que cai. É as lutas que a gente tem, é as coisas do Onça, as coisas da mata. A gente vê progresso nisso, e então isso deixa a gente muito feliz então cê acaba trabalhando mais por amor do que por qualquer outra coisa. Cê acaba sentindo satisfeita por isto (IOLANDA).

O trabalho possibilita a socialização e o estabelecimento de novos relacionamentos:

Quando cê traça um objetivo, quando cê quer chegar num lugar e vislumbra alguma coisa, é... e cê começa dividir isso com outras pessoas, aquilo que você pensa. Há os momentos felizes. [...] esta história destas irmãs aí [refere-se à possibilidade de parceria com as irmãs Franciscanas Penitentes Recoletinas]. Então, veio [fecharam a parceria com o Comupra]. É legal quando vem e pronto. Beleza, jóia. Aí, ocê fica satisfeito e já começa a vislumbrar outras possibilidades (ITAMAR).

Então, a gente tem essa liberdade de, junto com os outros, construir aquilo que a gente acredita e fazer as coisas acontecerem, né? (ANTÔNIA)

Então, a meu ver, no meu caso né. ? É um trabalho muito bom porque é uma maneira da gente....vivenciar novas amizades,[...] (ANTÔNIA).

### 5.3 Sentido negativo (sofrimento)

Quanto ao sentido negativo do trabalho, observa-se no referencial teórico e nas informações obtidas no Comupra que ele está relacionado com as condições precárias em que as pessoas trabalham, sem recursos financeiros e materiais para a realização das atividades. Alguns trabalhadores do Comupra se encontram excluídos do mercado formal de trabalho e das diversas formas de interação social pela sua própria imersão na pobreza. Ainda assim lutam contra a falta de apoio dos políticos da região, das empresas privadas e do próprio governo. Além disso, fatos como não ser remunerado pelas longas horas de trabalho e a obediência ao próprio estatuto da ONG dificultam o trabalho, como se pode identificar nas seqüências discursivas abaixo.

É claro que são situações de dedo... não coloco nenhuma postura que sei demais, sei tudo jamais em tempo algum! [...] não é um trabalho simples, é um trabalho árduo (IZABEL).

A gente entrava na horta, parece que a gente tava pagando pena fazendo aquele trabalho. As pessoas da escola tinha hora que olhava pra gente com indiferença. [...] no início tudo é mais difícil (FERNANDO).

Aí, depois que virei tesoureiro... tô na luta até hoje, né? [...] na luta porque como o Conselho Comunitário é uma coisa voluntária, a gente tem que correr atrás, né? (LUCINÉIA).

Mas, dependendo da ação, nós chegamos a trabalhar 12 horas direto...[...] (ANTÔNIA).

[...] há momentos que ocê tá putô também (ITAMAR).

[Refere-se à situação vivida com a gestora da COOPERPAPS] Que se nós tivéssemos entrando na briga, nós tava brigando até hoje [...] (ITAMAR).

Se nós tivéssemos ido pra briga, nós não tinha alcançado nada disso. Além disso, nós íamos ter um problema danado: quem que ia assumir aquela casa lá? O aluguel, água, luz, telefone e o funcionamento dela? (ITAMAR).

[...] as pessoas usam o movimento comunitário. Esses caras aí usam, entendeu? Usaram! No dia da audiência pública lá, que teve, que aconteceu na escola, usou e caiu com a cara no chão junto com o político [...] (ITAMAR).

Atitude é voluntária e o trabalho é comunitário. E ele é um trabalho, ele é um trabalho na na na na essência da palavra, entendeu? Não tem como você mudar. Porque se a gente tá fazendo, Eliete, é sinal que alguém que tá sendo pago não está fazendo. Se a gente tá tendo que fazer, se o povo, não tô falando do Comupra, não, se o povo tá tendo que fazer o papel do governo (ITAMAR).

Mas eu acho que é igual eu falei aqui: se alguém está sendo pago pra fazer isso e não tá fazendo, e as comunidades tão sendo obrigadas a fazer, então a comunidade devia receber pra isso. O pessoal devia receber pra isso. Porque isso é legítimo (ITAMAR).

E, e aí que eu falo isso é legítimo. Isso aí se torna legítimo as atitudes das pessoas que se dispõem a fazer esse trabalho, que na realidade não é obrigação, né, dele. Então, eu acho que é legítimo ela ganhar, é legítimo ela receber alguma coisa pra isso. É um dos grandes pontos que tem que tá sendo resolvido (ITAMAR).

Eu, enquanto membro da diretoria, que o próprio Estatuto fala isso, fala da filantropia que é um termo eu também não acho legal! Aí, pra ser entidade filantrópica sem fins lucrativos, a diretoria não tem que receber. Tudo bem beleza! Você enquanto diretor, enquanto diretor, se ocê quiser ir lá uma vez por mês o estatuto te garante, que ocê vai lá uma vez por mês. Se você colocar no estatuto que ocê vai lá só uma vez por ano, beleza você pode ir só uma vez por ano. Mas se você vai todo dia? E se você trabalha lá? Se você realmente trabalha se além de ser um cargo na diretoria, você coordena uma outra ação? Então a coordenação não tem nada a ver com seu cargo na diretoria, entendeu? Então essa aí que é a diferença. A grande bagunça é isso aí (ITAMAR).

Lucinéia tá ficando 12 horas por dia no Comupra sem receber (ITAMAR).

[...] lá fora, um coordenador ganha em torno de R\$1.500,00 a R\$ 2.000,00. Isso lá fora. Eu recebi R\$500,00, entendeu? Então, assim, ah! Tá! o Itamar enquanto presidente do Comupra, não podia receber porque lá reza no estatuto. Beleza, enquanto presidente do Comupra, eu não recebi, não. Mas agora enquanto coordenador, de ir lá todos os dias, de trabalhar de fazer relatório e fazer articulações, aí eu recebi uma ajuda de custo. Não nego não. Então assim, se a gente conseguir alguma coisa através desse trabalho que a gente tá desenvolvendo e de mostrar isso, que isso acontece. E isso aí fosse uma coisa mais legalizada Eliete, isso evitaria um monte de ONG errada por aí. Um monte de trem errado que tem por aí. Se fosse uma coisa mais... que houvesse um estudo melhor em cima disso

entendeu? Porque a coisa tá, você não pode não, então quem vai poder? Quem vai pagar o que pode? (ITAMAR).

Então, ontem eu fiquei até oito, nove horas da noite eu consegui entrar na internet. O que que eu estava fazendo na internet? Mexendo com negócio do Comupra. Era onze e meia, eu dando resposta aos negócios. O negócio do fogão. É, uai, no feriado. Entendeu, de resolver essa coisas. Tá, não pode fazer, não. Quem vai fazer? Quem? (ITAMAR).

Logicamente a experiência de vida, experiência de ter enfrentado situações que você nunca pensou que iria enfrentar na sua vida, e você enfrentar [...] toma uma derrubada aqui, [...] (ITAMAR).

[...] os políticos tenta derrubá [...] (ITAMAR).

#### 5.4 Outros resultados

Além das entrevistas, contemplou-se o discurso dos trabalhadores em conversas informais com a pesquisadora. Algumas das informações obtidas ratificam o discurso enunciado por eles durante as entrevistas. Como exemplo, em uma reunião com a ONG, Itamar se queixa de não ter sido respeitado no seu pós-cirúrgico de retirada de um tumor cancerígeno da bexiga, sendo procurado nesse período para resolver questões do Comupra. Diz que as pessoas precisam responder pelos compromissos assumidos. Em outra conversa, revela que sofreu ameaça de morte por ter acionado o Ministério Público por meio do Comupra para tomar providências em relação a invasão da mata (em frente ao bairro Ribeiro de Abreu). Isso confirma a sobrecarga de trabalho que ele menciona na entrevista e também o sentido negativo que atribui a algumas de suas tarefas, que podem provocar sofrimento.

Por outro lado, fala que esse trabalho é uma maneira de manter-se vivo, de canalizar suas energias, de manter-se equilibrado psiquicamente e de sair do lugar comum – ou seja, da banalidade da vida cotidiana. Lembra-se do momento em que perdeu a perna: “Quando estava dentro do buraco só podia ver uma estrela e ficava puto com isso. Acho que isso me fez pensar a vida de uma maneira diferente”. O trabalho no Comupra é uma maneira de fazer a vida diferente. Sente-se orgulhoso pelos resultados alcançados, e isso lhe renova as esperanças por dias melhores. Esse discurso reitera o sentido positivo que atribui ao trabalho no Comupra.

Antônia também relata nas conversas informais que o trabalho comunitário desenvolvido no Comupra lhe proporciona-lhe muito prazer e é terapêutico, pois ela ajuda o próximo, e isso faz com que se despreocupe dos seus problemas. Em outra situação, Antônia queixa-se de as pessoas levarem as coisas muito para o lado pessoal e por isso as relações se tornam difíceis entre os trabalhadores. Reforça o sentido positivo do trabalho pelo seu aspecto prazeroso e o sentido negativo pelo desprazer causado pelas dificuldades de relacionamento no Comupra.

### 5.5 Sínteses numéricas dos resultados

A partir das seqüências discursivas do APÊNDICE D, chegou-se a uma centena de enunciados diferentes sobre o sentido positivo do trabalho e acerca de três dezenas sobre o sentido negativo (APENDICE E).

O quadro 8 apresenta esses resultados numéricos:

Quadro 8  
Síntese do número de expressões enunciadas pelos trabalhadores sobre o sentido do trabalho no Comupra

ENTREVISTADO	PRAZER (positivo)	SOFRIMENTO (negativo)
Itamar	33	11
Fernando	12	02
Antônia	24	02
Lucinéia	11	05
Iolanda	18	06
Isabel	17	05
Total	105	31

Fonte: Elaborado pela autora

As seqüências discursivas do APÊNDICE E permitiram a retirada de expressões que se repetiram por mais de cinco vezes ao longo do discurso de cada trabalhador e que sintetizam o sentido atribuído ao trabalho pelos entrevistados.

O quadro 9 apresenta essas expressões, com as respectivas freqüências. A primeira coluna traz o nome do entrevistado; a segunda, o número de vezes em que cada expressão positiva foi utilizada; a terceira, as expressões positivas; a quarta, o

número de vezes que cada expressão negativa apareceu; e a quinta, as expressões negativas.

Quadro 9  
Expressões que sintetizam o sentido atribuído ao trabalho  
pelos trabalhadores do Comupra

<b>ENTREVISTADOS</b>	<b>Nº</b>	<b>SENTIDO POSITIVO / PRAZER</b>	<b>Nº</b>	<b>SENTIDO NEGATIVO/ SOFRIMENTO</b>
<b>ITAMAR</b>	22 11 12  19 06 13 06 75 11 05 05	Aprendizagem. É muito legal, bom demais. Liberdade para trabalhar, para criar, para errar. Mudança pessoal, comunitária e social. Participação das pessoas. Resultado das ações. Satisfação em realizar o trabalho. Ter algo pra fazer. Transformação pessoal e social. Experiência. Encontro com outras pessoas.	10	Brigas.
<b>FERNANDO</b>	16 24  09 09 10	Aprender. Estrutura a pessoa para trabalhar e para viver em sociedade. Mudança pessoal, profissional e comunitária. Transformação da própria vida. Vida/ Chance de viver.	—	
<b>ANTÔNIA</b>	07	Participação ampla dentro da ONG.	—	
<b>LUCINÉIA</b>	18	Gosta do que faz; do Comupra; das pessoas e dos projetos.	—	
<b>IOLANDA</b>	07 09 09 06 07 05	Aprendizado. Gosta do trabalho que faz. Realização profissional e pessoal. Resultado (vê resultado do trabalho na comunidade). Ajudar as pessoas (Satisfação de poder ajudar). Satisfação muito grande com o trabalho que realiza.	—	
<b>IZABEL</b>	11	Satisfação em ajudar o outro me satisfaz.	—	

Fonte: Elaborado pela autora

Os resultados mostram claramente que o sentido positivo do trabalho predomina sobre o sentido negativo.

## 6 DISCUSSÃO DOS RESULTADOS E CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os resultados da análise dos *corpora* revelam que o discurso enunciado pelos trabalhadores do Comupra enfatiza o predomínio do sentido positivo do trabalho. O sentido negativo aparece com menos evidência.

Pode-se dizer que o trabalho no Comupra, para todos os entrevistados, caracteriza-se como uma atividade que dá orientação à vida, ajuda a estabelecer uma nova relação com a realidade, possibilita a formação de vínculos entre as pessoas e maior inserção social. Esses resultados corroboram a tese de Freud (1974), para quem o trabalho livremente escolhido é algo indispensável para a preservação da sociedade. Diante disso, ratifica-se que o trabalho constitui aspecto importante da subjetividade e é central na vida das pessoas (DEJOURS, 2004; MENDES, 2007; MORIN, 2006).

Os resultados permitem identificar a existência de prazer e sofrimento no trabalho das pessoas que atuam no Comupra, confirmando os estudos de Dejours (2004), Dejours e Abdoucheli (2007) e Mendes (2007). Esses autores afirmam ser o prazer-sofrimento um constructo único e dialético, resultado da relação entre os aspectos subjetivos do trabalhador, a organização do trabalho e o contexto no qual o sujeito está inserido. Reiteram que o sofrimento provocado pelas dificuldades vivenciadas no trabalho pode ser transformado pelo trabalhador em prazer quando a organização do trabalho é flexível.

Assim, a predominância do sentido do trabalho como vivência positiva/prazer confirma os resultados encontrados nas pesquisas dos autores citados.

Nas seqüências discursivas apresentadas, há palavras e expressões semelhantes às apresentadas por Mendes (2007) ao apontar o trabalho como promotor de prazer: “liberdade para expressar opiniões e idéias”, “liberdade para criar diante das adversidades”, “liberdade para errar”, “liberdade para escolher a tarefa que se quer realizar e de negociar maneiras possíveis de trabalhar na ONG”, “valorização e reconhecimento enquanto pessoas”, “realização pessoal e profissional”, “satisfação



e gratificação por ajudar as pessoas da comunidade” e “possibilidade de transformação pessoal, comunitária e social”.

O sentido negativo do trabalho surgiu com frequência muito menor. Embora haja diferenças entre os enunciados de cada trabalhador, aparecem expressões e palavras correlatas às apresentadas por Mendes (2007) como: “sobrecarga de trabalho por ter poucas pessoas atuando na ONG”, “falta de reconhecimento por parte de algumas pessoas de dentro e de fora do Comupra”, “desvalorização por parte principalmente dos políticos da região”, “discriminação por parte de algumas pessoas da comunidade” e “injustiça do Poder Público e demais instituições e empresas que poderiam contribuir com os projetos realizados pelo Comupra”.

No que se refere à construção da identidade de trabalhadores, a teoria de Dejours e Abdoucheli (2007, p. 143), que vê o trabalho não apenas como “um teatro aberto ao investimento subjetivo”, mas também como espaço de construção do sentido e, portanto, de conquista da identidade, da continuidade e historicização do sujeito”, aplica-se muito bem a alguns trabalhadores do Comupra, que conseguiram fortalecer a identidade de trabalhador após a participação na ONG. Isso deu a eles a possibilidade de mudar a própria história a partir do trabalho. Foi o caso de Itamar, Fernando e Iolanda, que lembraram também a aprendizagem contínua no exercício das tarefas no Comupra.

Na análise da entrevista de Fernando, percebe-se o sentido do trabalho como estruturante psíquico, pois foi por meio das atividades realizadas no Comupra que o entrevistado transformou sua vida para melhor, como relatou. Resultado semelhante foi encontrado por Morin (2001), Morin, Tonelli e Pliopas (2007) em suas pesquisas.

Os resultados mostraram, também, que o sentido positivo do trabalho relaciona-se aos efeitos obtidos na comunidade, que levaram os trabalhadores a se sentirem satisfeitos, gratificados e realizados, efeitos que também foram encontrados nas pesquisas realizadas por Morin (2001). É importante destacar que algumas das ações do Comupra já se transformaram em política pública, como a horta comunitária, a luta pela conservação da mata e pela preservação do meio ambiente, a obra da MG-20 e a geração de trabalho e renda. Portanto, as transformações,

promovidas pelo trabalho do Comupra, embora tenham se iniciado há pouco tempo, ganharam maior destaque e maior atenção da comunidade, do Poder Público, de outras ONGs e, até, de algumas empresas privadas.

Na análise da entrevista de Fernando, um trabalhador rural que veio para Belo Horizonte em busca de uma vida melhor, nota-se a ênfase no sentido positivo do trabalho no Comupra justamente porque foi possível a ele expressar sua subjetividade nas tarefas desenvolvidas na ONG, e isso suscitou a vivência de prazer.

De fato, os entrevistados relatam ter liberdade para escolher as atividades que querem desenvolver e para definir seus dias e horários de trabalho. Opinam quanto à forma de realização da tarefa e não há ênfase em hierarquia. Algumas decisões são tomadas de maneira compartilhada pelo grupo, outras são centralizadas no atual presidente, principalmente as questões estratégicas. Cada trabalhador é responsável pelas questões relacionadas ao projeto ou ação que escolheu desenvolver. Assim, verifica-se que a organização do trabalho é flexível, e por isso permite que o trabalhador transforme o sofrimento experienciado no trabalho em prazer, resultado antecipado nos pressupostos dejourianos.

Quanto ao sentido negativo (sofrimento) do trabalho vivido pelos trabalhadores do Comupra, ele é pouco influenciado pela organização do trabalho, que, como se viu, é flexível e promotora de autonomia. São os fatores externos, como falta de recursos financeiros para desenvolver as ações na comunidade e para remunerar os trabalhadores, falta de apoio das empresas privadas e instituições públicas e rixas com os políticos e demais pessoas atuantes no bairro, que causam insatisfação e sofrimento aos trabalhadores. As dificuldades de relacionamento aparecem em segundo plano e com pouca relevância como causadoras de sofrimento no trabalho. Esses resultados se assemelham aos de Ribeiro (2008), que encontrou, igualmente, em organizações do Terceiro Setor, em meio a um quadro de percepções muito positivas, insatisfação com os recursos financeiros e com a grande carga de trabalho.

Nesse estudo, as vivências de prazer, que surgiram como predominantes sobre as de sofrimento, manifestam-se no reconhecimento social, na satisfação em trabalhar numa área que permite aprendizagens constantes, na autonomia para organizar o horário de trabalho e nas relações saudáveis com os colegas. Tais vivências são indicadores de saúde no trabalho, proporcionam estruturação psíquica e expressão da subjetividade (DEJOURS, 2004; DEJOURS; ABDOUCHELI, 2007; MENDES, 2007).

Também com a análise das entrevistas verificou-se o uso freqüente de enunciados que enfatizam problemas da comunidade e trabalho favorecedor de mobilização popular voltada à promoção de transformação social, o que caracteriza a influência do modelo de intervenção das CEBs no trabalho comunitário implantado no Comupra. Conforme Pereira (2001), a comunidade é um lugar imaginário e simbólico que possibilita uma práxis transformadora do ponto de vista socioeconômico e político. Assim, vê-se que o sentido do trabalho para os entrevistados está muito relacionado à transformação social, porque o grupo se propõe a realizar um trabalho de conscientização e mudança que leva em conta a história, as questões econômico-políticas e as experiências vividas pela comunidade. As ações são pautadas dialogicamente na demanda dos moradores do bairro.

De modo geral, pode-se dizer que para os trabalhadores do Comupra o sentido positivo/prazer do trabalho está pautado principalmente na solidariedade. Isso faz com que eles se sintam valorizados, reconhecidos e gratificados com as tarefas que realizam e se orgulhem por fazerem algo que contribui para a vida de outras pessoas. Há identificação com a atividade, porque escolhem o que querem fazer. Sentem-se satisfeitos e realizados com o resultado do trabalho que desenvolvem.

Assim, praticamente todos os resultados sobre o sentido positivo do trabalho apresentados pelos autores citados no referencial teórico foram confirmados nesta pesquisa. Somente o sentido negativo do trabalho não apareceu com veemência, mostrando que o sofrimento não é predominante na práxis laboral dos entrevistados.

O que se observou, em síntese, foi: todos os trabalhadores do Comupra se identificam com a causa do trabalho comunitário e acreditam que essa é a maneira

que eles têm de mobilizar as pessoas e o Poder Público para tomarem medidas para a melhoria das condições de vida da população excluída pela sociedade. Esses resultados revelam que o trabalho no Comupra para esses trabalhadores é um modo privilegiado de fazer algo para si mesmos, de fazer uma obra social, de ter uma identidade e de vencer o risco da loucura, como expõe Enriquez (2001).

Todos relatam que o trabalho no Comupra é relevante para os trabalhadores e para a região como um todo, além de ser modelo para outras instituições.

Pode-se concluir, considerando os objetivos que nortearam esta pesquisa e, especialmente, a partir das entrevistas e de suas análises, que o trabalho é central na vida de trabalhadores do Terceiro Setor.

O Comupra oferece oportunidade de realização pessoal porque promove aprendizado, inserção social, relacionamento com outras pessoas e transformação da realidade vivenciada pela comunidade. A organização flexível do trabalho na ONG é fator preponderante na atribuição do sentido positivo ao trabalho aí realizado.

A vivência de sofrimento não se relaciona à organização do trabalho, mas às contingências de um trabalho comunitário realizado sem recursos e apoio necessário, caracterizando o que foi denominado “trabalho precarizado” (ANTUNES, 2006b). Verificou-se que, mesmo diante da precarização do trabalho, as pessoas buscam, por meio dele, sentirem-se parte de uma sociedade.

Nota-se que o sentido do trabalho no Comupra, apreendido no discurso dos trabalhadores, é positivo e prazeroso, principalmente pelas características da organização do trabalho, que permite ao trabalhador lidar com a angústia existencial do cidadão pobre ou que convive de perto com a pobreza e a exclusão social.

O trabalho por si só já é fonte de sofrimento, como afirma Dejours (1996) porque a pessoa tem que enfrentar o desconhecido entre o trabalho prescrito e o real. Mas é exatamente esse sofrimento que angustia que mobiliza a pessoa para superá-lo e transformá-lo em prazer. Essa estratégia é denominada por Dejours (1996), de “inteligência astuciosa”. Ela está presente entre os trabalhadores do Comupra.

Devido à relevância do tema, à carência de pesquisas sobre sentido do trabalho no Terceiro Setor e aos resultados positivos aqui encontrados, sugere-se que outros estudos sejam feitos nessa área para consolidar os conhecimentos apontados até agora, que mostram a importância da relação do homem com seu trabalho.

## REFERÊNCIAS

ADMINISTRAÇÃO E FINANÇAS PARA O DESENVOLVIMENTO COMUNITÁRIO – AFINCO; ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE ORGANIZAÇÕES NÃO GOVERNAMENTAIS – ABONG. **Manual de administração jurídica, contábil e financeira para organizações não-governamentais**. São Paulo: Peirópolis, 2003.

ANTUNES, Ricardo. **Adeus ao trabalho?** Ensaio sobre a metamorfose e a centralidade do mundo do trabalho. 11. ed. São Paulo: Cortez, 2006a.

ANTUNES, Ricardo. **Os sentidos do trabalho**: ensaios sobre a afirmação e a negação do trabalho. São Paulo: Boitempo, 2006b.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE ORGANIZAÇÕES NÃO GOVERNAMENTAIS – ABONG. 2007. **O que é uma ONG?** Disponível em: <[www.abong.org.br](http://www.abong.org.br)>. Acesso em: 4 set. 2007.

BRAVERMAN, H. **Trabalho e capital monopolista**: a degradação do trabalho no século XX. 3. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1974. Cap. 3, p. 70-81.

CARVALHO, J. M. **Cidadania no Brasil**: o longo caminho. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002.

CENTRO DE ESTUDOS DE CRIMINALIDADE E SEGURANÇA PÚBLICA – CRISP. **Pesquisa**: diagnóstico da criminalidade violenta na região metropolitana de Belo Horizonte: estudo espaço temporal do período 1986-2001. [2002?]. Disponível em: <[www.crisp.ufmg.br](http://www.crisp.ufmg.br)>. Acesso em: 12 fev. 2007.

COLLIS, Jill; RUSSEY, Roger. **Pesquisa em Administração**: um guia prático para alunos de graduação e pós-graduação. 2. ed. Porto Alegre: ARTMED, 2005.

CONSELHO COMUNITÁRIO UNIDOS PELO RIBEIRO DE ABREU – COMUPRA. **Fotos do arquivo do Comupra de 2003 a 2008**. Belo Horizonte, 2008.

CONSELHO COMUNITÁRIO UNIDOS PELO RIBEIRO DE ABREU – COMUPRA. **Projeto RIBAS** – Ribeiro de Abreu Social. Belo Horizonte, 2003.

CONSELHO COMUNITÁRIO UNIDOS PELO RIBEIRO DE ABREU – COMUPRA. **O Ribeirín**. Publicação do Projeto RIBAS – Ribeiro de Abreu Social. Belo Horizonte, ano 1, n. 3, abr. 2007.

COSTA, Élcio Prado Martins. **O sentido do trabalho voluntário e o Terceiro Setor**: um estudo de caso. 2005. Dissertação (Mestrado Gestão e Desenvolvimento Regional) – Universidade de Taubaté, Taubaté.

CORULLÓN, Mônica B. G.; MEDEIROS FILHO, Barnabé. **Voluntariado na empresa**: gestão eficiente da participação cidadã. São Paulo: Peirópolis, 2002.

COSME, Antônio. Duplicação da MG – 20 e sua importância. **O Ribeirín**, ano 1, n. 3, abr. 2007. Entrevista concedida aos alunos das oficinas do Projeto Ribas.

CRYSTAL, David. **Dicionário de lingüística e fonética**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1988.

DEJOURS, Christophe. **A loucura do trabalho**: estudo de psicopatologia do trabalho. 5. ed. ampl. São Paulo: Cortez, Oboré, 1992.

DEJOURS, Christophe. Uma nova visão do sofrimento humanos nas organizações. In: TORRES, Ofélia de Lanna Sette (Org.). **O indivíduo na organização**: dimensões esquecidas. 3. ed. São Paulo: Atlas, 1996.

DEJOURS, Christophe. Subjetividade, trabalho e ação. **Revista Produção**, v. 14, n. 3, p. 27-34, set./dez. 2004.

DEJOURS, Christophe. Prefácio. In: MENDES, Ana Magnólia. **Psicodinâmica do trabalho**: teoria, método e pesquisas. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2007a.

DEJOURS, Christophe. A carga psíquica do trabalho. In: DEJOURS, Christophe; ABDOUCHELI, Elisabeth; JAYET, Christian. **Psicodinâmica do trabalho**: contribuições da Escola Dejouriana à análise da relação prazer, sofrimento e trabalho. São Paulo: Atlas, 2007b.

DEJOURS, Christophe; ABDOUCHELI, Elisabeth. Itinerário teórico em psicopatologia do trabalho. In: DEJOURS, Christophe; ABDOUCHELI, Elisabeth; JAYET, Christian. **Psicodinâmica do trabalho**: contribuições da Escola Dejouriana à análise da relação prazer, sofrimento e trabalho. São Paulo: Atlas, 2007.

DEJOURS, Christophe. Trabalho e saúde mental: da pesquisa à ação. In: DEJOURS, Christophe; ABDOUCHELI, Elisabeth; JAYET, Christian. **Psicodinâmica do trabalho**: contribuições da Escola Dejouriana à análise da relação prazer, sofrimento e trabalho. São Paulo: Atlas, 2007c.

DEJOURS, Christophe; ABDOUCHELI, Elisabeth; JAYET, Christian. **Psicodinâmica do trabalho**: contribuições da Escola Dejouriana à análise da relação prazer, sofrimento e trabalho. São Paulo: Atlas, 2007.

DURÃO, Jorge Eduardo Saavedra. **O posicionamento político do terceiro setor**. ABONG: Rio de Janeiro, 2004. Disponível em: <[www.abong.org.br](http://www.abong.org.br)>. Acesso em: 4 jan. 2008.

ENRIQUEZ, E. A perda do trabalho, perda da identidade. In: NABUCO, Maria Regina; CARVALHO NETO, Antônio (Org.). **Relações de trabalho contemporânea**. Belo Horizonte: IRT, 1999. p. 69-83.

ENRIQUEZ, E. Instituições, poder e “desconhecimento”. In: ARAÚJO, José Newton Garcia de; CARRETEIRO, Teresa (Org.). **Cenários sociais e abordagem clínica**. São Paulo: Escuta; Belo Horizonte: Fumec, 2001. p. 49-74.

FERNANDES, Rubem César. **Privado, porém público** – terceiro setor na América Latina. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1994.

FRANÇA FILHO, Genauto Carvalho. Terceiro Setor, economia social economia solidária e economia popular: traçando fronteiras conceituais. **Bahia Análise & Dados**, Salvador, v. 12, n.1, p. 9-19, jun. 2002.

FREUD, Sigmund. **O mal-estar na civilização** [1927/1931]. Trad. José Otávio de Aguiar Abreu. Rio de Janeiro: Imago, 1974.

GIDDENS, Anthony. **Sociologia**. 4. ed. Porto Alegre: Artmed, 2005.

GIUST-DESPRAIRIES, Florence. O acesso à subjetividade, uma necessidade social. In: ARAÚJO, José Newton Garcia de; CARRETEIRO, Teresa (Org.). **Cenários sociais e abordagem clínica**. São Paulo: Escuta; Belo Horizonte: Fumec, 2001. p. 231-244.



GODOY, A. S. Introdução à pesquisa qualitativa e suas possibilidades. **RAE – Revista de Administração de Empresas**, São Paulo, v. 35, n. 2, p. 57-63, abr. 1995.

GOHN, Maria da Glória. **Mídia, terceiro setor e MST**. São Paulo: Vozes, 2000.

GRUPO DE INSTITUTOS FUNDAÇÕES E EMPRESAS – GIFE. 2007. Disponível em: <[www.gife.org.br](http://www.gife.org.br)>. Acesso em: 2 set. 2007.

GRUPO DE INSTITUTOS FUNDAÇÕES E EMPRESAS – GIFE. **Números e dados. Terceiro setor**: dimensão, importância econômica, PIB. [2006?]. Disponível em: <[www.gife.org.br](http://www.gife.org.br)>. Acesso em: 2 set. 2007.

GUARESCHI, Pedrinho A. Relações comunitárias relações de dominação. In: CAMPOS, R. H. F. (Org.). **Psicologia social comunitária**: da solidariedade à autonomia. 7. ed. Petrópolis: Vozes, 2002.

HACKMAN, J. R.; OLDFHAM, G. R. Development of job diagnostic survey. *Journal of Applied Psychology*, 60(2), 159-170 1975, citado por TOLFO, Suzana da Rosa; PICCININI, Valmíria. Sentidos e significados do trabalho: explorando conceitos, variáveis e estudos empíricos brasileiros. **Psicologia & Sociedade**, v. 19, Edição Especial 1, p. 38-46, 2007.

HADDAD, Sérgio. **As ONGs e os novos direitos**. São Paulo: ABONG, 2002. Disponível em: <[www.abong.org.br](http://www.abong.org.br)>. Acesso em: 4 jan. 2008.

HUDSON, M. **Administrando organizações do terceiro setor**: o desafio de administrar sem receita. São Paulo: Makron Books, 1999.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA – IBGE. **As fundações privadas e associações sem fins lucrativos no Brasil 2002**. 2. ed. Rio de Janeiro, 2004a. Estudos e Pesquisas. Informações Econômicas, v. 4.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA – IBGE. **Resultados da amostra do Censo Demográfico 2000** – características gerais da população: situação em 2001. Rio de Janeiro, 2004b. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br>>. Acesso em: 10 maio 2007.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA – IBGE. **Resultados da amostra do Censo Demográfico 2000** – malha municipal digital do Brasil:

situação em 2001. Rio de Janeiro, 2004c. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br>>. Acesso em: 10 maio 2007.

LACERDA, Dayse. Pensar globalmente, agir localmente: ações pela cidadania e pelo meio ambiente. **Revista Ecologia Integral**, ano 4, n. 20, p. 7-9, maio/jun. 2004.

LE VEN, Michel Marie. Trabalhadores do Brasil: história e memória. In: ARAÚJO, José Newton Garcia de; CARRETEIRO, Teresa (Org.). **Cenários sociais e abordagem clínica**. São Paulo: Escuta; Belo Horizonte: Fumec, 2001. p. 141-153.

MACHADO, Marília N. M. Análise do discurso nas ciências da Administração. In: HELAL, Diogo Henrique; GARCIA, Fernando Coutinho; HONÓRIO, Luiz Carlos (Coord.). **Gestão de pessoas e competência**. Teoria e pesquisa. Curitiba: Juruá, 2008. p. 335-362.

MACHADO, Marília N. M. **Entrevista de pesquisa**: a interação pesquisador/entrevistado. Belo Horizonte: C/Arte, 2002.

MACHADO, Marília N. M. Entrevista de pesquisa não-estruturadas e semi-estruturadas. In: GARCIA, Fernando Coutinho; HONÓRIO, Luiz Carlos (Coord.). **Administração – Metodologia – Organizações – Estratégia**. 2. ed., rev. e ampl. Curitiba: Juruá, 2007a. p. 41-66.

MACHADO, Marília N. M. (Coord.). A construção do corpus para a análise do discurso da equidade e da desigualdade sociais (DEDS) em obras de ficção. In: COLÓQUIO INTERNACIONAL DE PSICOSSOCIOLOGIA E SOCIOLOGIA CLÍNICA, 11., Belo Horizonte, 2007. COLÓQUIO INTERNACIONAL DE PSICOSSOCIOLOGIA E SOCIOLOGIA CLÍNICA DE BELO HORIZONTE, 2., Belo Horizonte, 2007. **Anais...** Disponível em: <<http://www.fafich.ufmg.br/coloquio/horarios.php>>. Acesso em: 15 dezembro 2007b.

MACHADO, Marília N. M. Uma metodologia para pesquisa do domínio social histórico. **Memorandum**, 9, p. 57-64, 2005. Disponível em: <http://www.fafich.ufmg.br~memorandum/a09/machado01.pdf>>. Acesso em: 15 maio 2007.

MAINGUENNEAU, Dominique. **Termos-chave da análise do discurso**. 2. reimpr. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2006.

MEANING OF WORK INTERNATIONAL RESEARCH TEAM – MOW. The meaning of work. New York: Academic Press, 1987, citado por MORIN, Estelle M. Os sentidos

do trabalho. **RAE – Revista de Administração de Empresas**, v. 41, n. 3, p. 8-19, jul./set. 2001.

MEANING OF WORK INTERNATIONAL RESEARCH TEAM – MOW. The meaning of work. New York: Academic Press, 1987, citado por TOLFO, Suzana da Rosa; PICCININI, Valmíria. Sentidos e significados do trabalho: explorando conceitos, variáveis e estudos empíricos brasileiros. **Psicologia & Sociedade**, v. 19, Edição Especial 1, p. 38-46, 2007.

MENDES, Ana Magnólia. **Psicodinâmica do trabalho**: teoria, método e pesquisas. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2007.

MICHEL, Maria Helena. **Metodologia e pesquisa científica em Ciências Sociais**. São Paulo: Atlas, 2005.

MINAS GERAIS. Governo de Minas. Aécio Neves anuncia a duplicação da MG-20 até Santa Luzia. 21 out. 2005. Disponível em: <[www.psd.org.br/realizações/realizacao\\_noticia.asp?](http://www.psd.org.br/realizações/realizacao_noticia.asp?)>. Acesso em: 2 set. 2007.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **O desafio do conhecimento**: pesquisa qualitativa em saúde. São Paulo: Hucitec-Abrasco, 2000.

MORADORES do Ribeiro de Abreu mobilizam-se através do Comupra. Associação de Imagem Comunitária (AIC). **Boletim Informativo Rede Jovem de Cidadania**, n. 2, p. 1, 11 set. 2003. Disponível em: <[http://www.rede.aic.org.br/boletim02\\_10092003.htm](http://www.rede.aic.org.br/boletim02_10092003.htm)>. Acesso em: 3 ago. 2007.

MORIN, Estelle. Os sentidos do trabalho. **RAE – Revista de Administração de Empresas**, São Paulo, v. 41, n. 3, p. 8-19, jul./set. 2001.

MORIN, Estelle. Fator humano: os sentidos do trabalho. **RAE Executivo**, v. 1, n. 1, p. 71-75, ago./set./out. 2002.

MORIN, Estelle. A saúde dá trabalho. **Milênio. Revista Escola de Administração da UFRGS**, ano 4, n. 14, verão 2006.

MORIN, Estelle; TONELLI, Maria José; PLIOPAS, Ana Luísa Vieira. O trabalho e seus sentidos. In: ENCONTRO NACIONAL DA ANPAD – EnANPAD, 27., 24-27 set. 2003, Atibaia. **Anais...** Disponível em:

<[http://www.anpad.org.br/download\\_pdf.php?cod\\_edicao\\_trabalho=2031](http://www.anpad.org.br/download_pdf.php?cod_edicao_trabalho=2031)>. Acesso em: 10 jun. 2007.

MORIN, Estelle; TONELLI, Maria José; PLIOPAS, Ana Luísa Vieira. O trabalho e seus sentidos. **Psicologia & sociedade**; 19, edição especial 1, p. 47-56, 2007.

ONU, Organização das Nações Unidas. Disponível em: [http://rio.unic.org/index.php?option=com\\_content&task=view&id=116&Itemid=83](http://rio.unic.org/index.php?option=com_content&task=view&id=116&Itemid=83). Acesso em: 10 jan. 2008.

OURIQUES, Helton Ricardo; RAMOS, Ivonete da Silva. Trabalho feminino no terceiro setor: o mito da emancipação feminina. In: PIMENTA, Solange M.; SARAIVA, Luiz A. S.; CORRÊA, Maria L. (Org.). **Terceiro setor: dilemas e polêmicas**. São Paulo: Saraiva, 2006. p. 137-162

PEIXOTO, Betânia Totino; ANDRADE, Mônica Viegas; AZEVEDO João Pedro. Avaliação do Programa Fica Vivo no município de Belo Horizonte. In: ENCONTRO NACIONAL DE ECONOMIA, 35., Recife, 2007. **Anais...** Disponível em: <<http://www.anpec.org.br/encontro2007/artigos/A07A165.pdf>>. Acesso em: 12 dez. 2007.

PEREIRA, William César Castilho. **Nas trilhas do trabalho comunitário e social: teoria, método e prática**. Belo Horizonte: Vozes: PUC Minas, 2001.

PIMENTA, Solange Maria; SARAIVA, Luiz Alex Silva; CORRÊA, Maria. L. (Org.). As potencialidades de uma abordagem crítica sobre os dilemas e polêmicas relativos ao Terceiro Setor. In: PIMENTA, Solange Maria; SARAIVA, Luiz Alex Silva; CORRÊA, Maria. L. (Org.). **Terceiro setor: dilemas e polêmicas**. São Paulo: Saraiva, 2006.

PRODABEL. **Site mapas de Belo Horizonte**. Crédito: Prodabel/CTM (2002) Elaboração: Prodabel/CTM Março 2002. Disponível em: <[http://209.15.138.224/brazil\\_mapas/m\\_belo\\_bairros-regionais.htm](http://209.15.138.224/brazil_mapas/m_belo_bairros-regionais.htm)>. Acesso em: 15 jun. 2008.

QUIVY, Raymond; CAMPENHOUDT, Luc Van. **Manual de investigação em Ciências Sociais**. 2. ed. Lisboa: Gradiva, 1998.

RIBEIRO, Ana Maria Vidigal. **O sentido do trabalho para trabalhadores de organizações não-governamentais**. 2008. Dissertação (Mestrado em Administração) – Faculdade Novos Horizontes, Belo Horizonte.

SARAIVA, Luiz Alex Silva. Além do senso comum sobre o Terceiro Setor: uma provocação. In: PIMENTA, Solange M.; SARAIVA, Luiz A. S.; CORRÊA, Maria L. (Org.). **Terceiro setor: dilemas e polêmicas**. São Paulo: Saraiva, 2006. p. 19-40 .

SAWAIA, B.B. Comunidade: apropriação científica de um conceito tão antigo quanto a humanidade. In: CAMPOS, R. H. F. (Org.). **Psicologia social comunitária – da solidariedade à autonomia**. 7. ed. Petrópolis: Vozes, 2002.

SOUR, R. H. **Poder, cultura e ética nas organizações**. Rio de Janeiro: Campus, 1999.

SOUZA, H. de. As ONGs na década de 90. Políticas governamentais. **Ibase**, Rio de Janeiro, v. 7, n. 68, p. 20-4, abr./maio 1991.

TENÓRIO, F. G. **Gestão de ONGs – principais funções gerenciais**. 3. ed. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 1999.

YIN, Robert K. **Estudo de caso: planejamento e métodos**. 3. ed. Porto Alegre: Artmed, 2003.

## APÊNDICES

APÊNDICE A – QUESTIONÁRIO SOCIOECONÔMICO ..... 100

APÊNDICE B – ORIENTAÇÃO PARA A ENTREVISTA ..... 102

APÊNDICE C – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E  
ESCLARECIDO..... 103

APÊNDICE D – SEQUÊNCIAS DISCURSIVAS DOS  
TRABALHADORES DO COMUPRA RELATIVAS AO SENTIDO  
POSITIVO E AO SENTIDO NEGATIVO DO TRABALHO..... 105

APÊNDICE E – QUADRO DE INTERPRETAÇÃO, COM EXPRESSÕES  
QUE SINTETIZAM O SENTIDO ATRIBUÍDO AO TRABALHO PELOS  
TRABALHADORES DO COMUPRA. .... 125

## APÊNDICE A: QUESTIONÁRIO SOCIOECONÔMICO

### Questionário Dados socioeconômicos

- 01 – Número do cadastro: \_\_\_\_\_  
 02 – Responsável pelo preenchimento deste cadastro: \_\_\_\_\_  
 03 – Data do preenchimento: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_  
 04 – Nome do entrevistado: \_\_\_\_\_

Endereço:

05 – Rua, número, complemento: \_\_\_\_\_

06 – Bairro: \_\_\_\_\_

07 Município: \_\_\_\_\_

08 – UF: \_\_\_\_\_

09 – CEP: \_\_\_\_\_

10 – Localização: 1. Zona urbana 2. Zona rural

11 – Telefone: \_\_\_\_\_

12 – Correio eletrônico: \_\_\_\_\_

13 – Sexo: 1. Masculino 2. Feminino

14 – Idade: \_\_\_\_\_ 15 – Data de nascimento: \_\_\_\_\_

16 – Cidade em que nasceu : \_\_\_\_\_

17 – Estado : \_\_\_\_\_

18 – País :

1. Brasil

2. Outro (especificar): \_\_\_\_\_

19 – Com quem mora atualmente: \_\_\_\_\_

20 – Escolaridade:

1. Não estudou

2. Pré-escola/creche

3. Primeiro grau incompleto

4. Primeiro grau completo

5. Segundo grau incompleto

6. Segundo grau completo

7. Superior incompleto

8. Superior completo

21 – Está estudando? ( ) 1. Sim ( ) 2. Não

22 – Série: \_\_\_\_\_

23 – Nome da escola: \_\_\_\_\_

24 – Parou de estudar? ( ) 1. Sim ( ) 2. Não

25 – Quando parou? \_\_\_\_\_

26 – Por que parou? \_\_\_\_\_

27 – Tem algum diploma? ( ) 1. Sim ( ) 2. Não

28 – Especificar o último diploma: \_\_\_\_\_

29 – Faz algum tipo de trabalho em casa? ( ) 1. Sim ( ) 2. Não

30 – Qual (quais)? \_\_\_\_\_

31 – Quantas horas por dia? \_\_\_\_\_

32 – Faz algum tipo de trabalho fora de casa? ( ) 1. Sim ( ) 2. Não

33 – Qual (quais)? \_\_\_\_\_

34 – Quantas horas por dia? \_\_\_\_\_

Aproximadamente quanto recebe, por semana, pelos trabalhos que realiza?

35 – Trabalho principal (especificar) \_\_\_\_\_

36 – R\$ \_\_\_\_\_

37 – Trabalho 2 (especificar): \_\_\_\_\_

38 – R\$ \_\_\_\_\_

39 – Trabalho 3 (especificar) \_\_\_\_\_

40 – R\$ \_\_\_\_\_

Que tipo de documento tem:

41 – Certidão de nascimento  1. Sim  2. Não

42 – Carteira de identidade  1. Sim  2. Não

43 – Carteira de trabalho  1. Sim  2. Não

44 – Carteira de estudante  1. Sim  2. Não

45 – Cartão de vacina  1. Sim  2. Não

46 – Outro documento (especificar): \_\_\_\_\_

A casa em que mora tem:

47 – Fogão  1. Sim  2. Não

48 – Geladeira  1. Sim  2. Não

49 – Filtro de água  1. Sim  2. Não

50 – Ferro elétrico  1. Sim  2. Não

51 – Liquidificador  1. Sim  2. Não

52 – Televisão  1. Sim  2. Não

53 – Aparelho de som  1. Sim  2. Não

54 – Computador  1. Sim  2. Não

55 – Ligado à internet  1. Sim  2. Não

56 – Luz elétrica  1. Sim  2. Não

57 – Água encanada  1. Sim  2. Não

58 – Esgoto  1. Sim  2. Não

59 – Número de cômodos: \_\_\_\_\_

60 – A casa é:

1. Própria

2. Alugada

3. Cedida

4. Invasão

5. Outra resposta (especificar): \_\_\_\_\_

61 – A casa é construída

1. Em alvenaria

2. Com tábuas

3. Outra resposta (especificar): \_\_\_\_\_

O teto tem:

62 – Laje?  1. Sim  2. Não

63 – Telha?  1. Sim  2. Não

64 – Forro?  1. Sim  2. Não

65 – A casa é servida por coleta de lixo?  1. Sim  2. Não

66 – Observações sobre a entrevista:



## **APÊNDICE B: ORIENTAÇÃO PARA A ENTREVISTA**

### **Roteiro de entrevista semi-estruturada:**

Fale-me um pouco sobre sua história de vida.

Fale-me sobre sua história de vida e a relação com o trabalho no Comupra.

Conte-me a história da sua entrada no Comupra.

Conte-me como é o seu trabalho nos projetos do Comupra.

Fale-me sobre o sentido do seu trabalho no Comupra.

Fale-me sobre a sua relação com outros membros do Comupra.

## APÊNDICE C: TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

### TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Eu, \_\_\_\_\_

conforme assinatura abaixo, concordo em participar voluntariamente da pesquisa intitulada *O sentido do trabalho para pessoas inseridas em uma organização do Terceiro Setor*, da mestranda do Programa de Mestrado em Administração da Faculdade Novos Horizontes Eliete Augusta de Souza Viana. Fui informado(a) pela pesquisadora de que se trata de estudo sobre o sentido do trabalho para pessoas inseridas em uma organização do Terceiro Setor. Os dados serão coletados em documentos históricos e por meio de entrevistas abertas e semi-estruturadas com os trabalhadores da instituição Comupra (Conselho Comunitário Unidos pelo Ribeiro de Abreu), buscando compreender as seguintes questões relacionadas ao sentido do trabalho:

Conhecer um pouco da minha história de vida.

Conhecer a minha relação com o trabalho no Comupra.

Saber quando eu comecei o meu trabalho no Comupra.

Saber sobre a minha participação nos projetos e sobre o trabalho que eu realizo no Comupra.

Saber sobre a minha apreciação em relação aos meus trabalhos realizados no Comupra.

Saber sobre o sentido do trabalho que realizo no Comupra

Saber sobre a minha relação com outros membros do Comupra

Saber sobre a história do Comupra.

Autorizo que meu nome seja publicado nas entrevistas que serão gravadas, transcritas e analisadas pela pesquisadora, desde que garantida a fidedignidade dos dados e de que minha colaboração seja restrita a responder as questões levantadas pela pesquisadora e que não serei exposto(a) a riscos e que poderei interromper minha participação em qualquer momento sem nenhum transtorno ou prejuízo para minha pessoa.

Belo Horizonte, \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_.

Assinatura do entrevistado

Assinatura do pesquisador responsável

Telefones da pesquisadora: Residencial: (31) 3426 0806 Celular: 99497220

Telefone da Faculdade Novos Horizontes: 3293 7025

(Orientadora: Profa.Dra. Marília Novais da Mata Machado)

## APÊNDICE D: SEQUÊNCIAS DISCURSIVAS DOS TRABALHADORES DO COMUPRA RELATIVAS AO SENTIDO POSITIVO E NEGATIVO DO TRABALHO

ENTREVISTADO: ITAMAR

SENTIDO POSITIVO/ PRAZER	SENTIDO NEGATIVO/ SOFRIMENTO
<p>p. 1 [Sobre o sentido do trabalho no Comupra] Olha, isso aí Eliete faz parte da... desde quando eu nasci né? Lá no Primeiro de Maio, aquela dificuldade toda e vendo meu pai e minha mãe já indo por essa... por essa praia aí. Aí teve outras pessoas, teve o padre Pit, aquele pessoal que eu conheci lá dos movimentos, aprendi muito com eles né, se a gente quer mudar tem que começar por você mesmo, num adianta ficar esperando pra vim alguém de lá de cima que vem fazer não, entendeu? E... e a gente se dá esse direito aqui, né? Que na realidade é um direito nosso de... de tentar transformar essa vida louca que a gente tá nela.</p> <p>p.2 [...] uma coisa que marcou demais a minha vida tanto fisicamente como emocionalmente também e me deu oportunidade de crescer também em cima disso foi eu ter me tornado um portador de deficiência, que eu comecei a enxergar por outra ótica. [...] eu entrei na Associação Mineira de Paraplégico ela tinha oito associados e quando eu saio da Associação Mineira de Paraplégico ela tinha oito mil associados e esse negócio dessa carteirinha que usa até hoje aí. Foi a primeira minha primeira luta minha de um vulto maior, de atingir um número maior de pessoas. E é interessante quando você vai por esse caminho você atingir as pessoas que você nem conhece, atingir as pessoas sem esperar agradecimento delas, sem esperar nada delas você vai fazer porque você quer fazer, entendeu?</p> <p>p. 2-3 E aí aconteceu comigo igual acontece com todo mundo da periferia. Quando eu casei eu fui pra um outro bairro e tive que enfrentar os mesmos problemas que o meu pai e minha mãe enfrentou. Falta de infra-estrutura urbana, falta de saneamento, falta disso, falta daquilo, e quando eu vim pro Ribeiro de Abreu eu achava o Ribeiro</p>	

de Abreu e ainda acho até hoje um bairro muito triste entendeu?

p. 3 [...] uma das coisas que a gente começou a fazer. Foi de criar oportunidade em que a alegria pudesse fazer parte da vida das pessoas. Aí a gente usou aquela escola fazendo eventos, construindo né, as coisas. [...] nesses encontros né? É que você vê e aprende muita coisa [...]. É legal que aí cê transforma também e cê sabe que cê fez parte daquela transformação. E isso é muito gratificante! [...] eu acredito que eu não consigo ficar sem essa bagunça na minha cabeça. [...] é um trem assim, muito legal isso. É, é poder criar. [...] e isso me ensinou demais entendeu?

Quando cê traça um objetivo, quando cê quer chegar num lugar e vislumbra alguma coisa, é... e cê começa dividir isso com outras pessoas, aquilo que você pensa, há os momentos felizes. [...] esta história destas irmãs aí [refere-se à possibilidade de parceria com as irmãs Franciscanas Penitentes Recoletinas] Então veio [fecharam a parceria com o Comupra] é legal quando vem e pronto. Beleza, jóia, aí ocê fica satisfeito e já começa a vislumbrar outras possibilidades.

É... as coisas que a gente consegue fazer hoje, dentro do Comupra, logicamente que a gente já adquiriu um certo conhecimento, sobre elas. Precisa de melhorar, claro que precisa de melhorar muito, mas, você já vê resultado disso.

[...] o Ribeiro de Abreu, saiu um pouco das páginas policial, isso é importantíssimo pra pra dentro da da comunidade. E é transformação. Agora! Essa quando eu falo da mudança da interlocução política e desse amadurecimento político [...] É a necessidade de realmente mudar. Porque aqui oh o Ribeiro de Abreu está à 13 km da Praça Sete. Isso em qualquer outra capital brasileira, isso é centro. Então nós vamos, estamos vendo a região mudar, então o que que vai vir junto com essa mudança?

p. 3-4 Uma especulação imobiliária forte. Isso vai acontecer e já está acontecendo. Então, o pessoal tem que estar preparado para fazer essa discussão, e essa discussão vai passar em algum momento pelo meio político, entendeu? Então dentro dessa discussão é preparar realmente o futuro, do da comunidade, do filho, da família, do do que ocê pensa com com com relação à região. E é um processo assim que, devido ao trabalho de todo mundo né, a participação de todo mundo aí ele tá tendo um resultado, né? Num seríamos semi-finalista do prêmio da Unicef porque a gente

p. 3 nesse negócio [ trabalho no Comupra], há coisas [...] ruins também, né? [...] há os momentos que se tá puto também. A história das irmãs aí [refere-se à possibilidade de parceria com as irmãs Franciscanas Penitentes Recoletinas]. Elas veio pra me controlar porque eu já tava ficando puto.

tá, é bonitinho.

p. 4 E então, é ... hoje dentro destas perspectivas, [...] eu acho que é muito mais produtivo, invés de ficar assistindo televisão, invés do cê ficar fazendo trem que não tem nada a ver, e ser só mais um que vai ficar aí no mundo, ocê conseguir mudar alguma, ocê transformar alguma coisa, porque se não passar por esse caminho da transformação se você não se preocupar, se não se colocar aquilo que ocê pensa, não tem porque, num existe porque. E quando cê consegue atingir isso, né, e a comunidade também sente o reflexo disso, ou, isso aí é bom demais!

Por exemplo, igual esse momento que a gente tá vivendo aqui não é? É até ontem né, porque hoje eu não sei das notícias, mas até ontem deve ter completado mais ou menos uns oito meses que a gente não vê falar de um crime violento aqui nessa região [...].

Isso tem um reflexo nas pessoas e isso o maior barato é isso. Então ocê sete horas da noite, oito horas da noite, cê vê famílias sentadas ainda no meio fio, conversando, os meninos brincando pra rua a fora, há oito meses atrás você não via. Então é legal demais porque, não é uma coisa só pra você. É, é uma mudança de de [...]. Uma mudança é de postura mesmo, né?

Hoje [...] a gente conseguiu mostrar [o bairro Ribeiro de Abreu] para BH, pra Minas e pro Brasil. Então, tomou outro rumo, e isso é muito bom, pois neste prêmio Itaú Unicef nós concorremos com 1.574 instituições em nível nacional. Então, olha o Ribeiro de Abreu ocupando um espaço sem ser com um corpo estendido no chão. Ocupando um outro espaço.

p. 4-5 [...] que tem coisa boa acontecendo lá. E essa coisa boa é...feita pela própria comunidade, entendeu?

p. 5 [...] O Comupra nisso aí Eliete, ele assume um papel fundamental, porque o Fica Vivo entrou no Ribeiro de Abreu via Comupra. Então foi ótimo, foi ótimo [...] nós sermos parceiros. Nós desenvolvemos duas oficinas [...].

p. 5 [ Fala a respeito da COOPERPAS – cooperativa de serviços de alimentação e artesanato - que era parte dos projetos do Comupra mas era gerenciado na época pela presidente do Comupra. Essa gestora e o Itamar não conseguiam chegar a um acordo quanto a gestão do projeto COOPERPAPS o que levou ao rompimento].

[...] Que se nós tivéssemos entrando na briga nós tava brigando até hoje e não tinha feito cozinha, e num tinha feito projeto

<p>p. 6 [Aqui Itamar faz referência ao papel político do trabalho no Comupra] [...] a política partidária não é a política que a gente faz, a política [que a gente faz], é a política comunitária, a política de desenvolvimento [...]. Eu vejo que [...], o caminho que que que o Comupra escolheu, principalmente nesse ano de 2006 e 2007, é, foi o caminho mais fácil. Erramos? Erramos sim, erramos sim, não foi tudo acerto não, mas o saldo positivo, de crescimento de amadurecimento de mudança de postura de algumas pessoas da equipe das pessoas terem mais comprometimento com aquilo que estão fazendo, de enxergar as possibilidades futura, de investir hoje pra daqui no ano que vem estar se dando bem, entendeu? Isso foi, nó, foi bom demais [...].</p> <p>p. 7 O Projeto RIBAS [produziu cinco jornais sobre as atividades no Comupra] isso dá um reflexo pra instituição. Quando cê tem um folder, quando você é citado pelo prêmio Itaú UNICEF, quando você é citado pelo COMUSAN, então, e se nós estivéssemos parado, não dava. [...] eu acho o maior barato, eu acho legal demais,</p>	<p>RIBAS e não tinha feito pinóia nenhuma além de ter causado um total descrédito. [...] quando o Projeto RIBAS começou, nós não tínhamos cozinha, nós não tínhamos área pra artesanato, nós não tínhamos vasilha, nós não tínhamos nada.</p> <p>p. 5-6 [Refere-se a briga com a COOPERPAS]. [...] porque ia ser muito nojento Eliete, nós fizemos a avaliação conversamos com vocês mas conversamos também com uns advogados né? Que a gente tem lá aquela parceria com a OAB e eles nos deram orientação. [A COOPERPAPS deixou dívida que o Comupra teve que assumir]. Nós estávamos com a faca e o queijo na mão pra meter o ferro, entendeu? Mas aí ia ter que passar pela polícia, ordem como é que é que eles falaram? De apreensão e não sei o que lá. Aqueles trem que eu acho que num, eu acho que não é por aí não, entendeu? Não é nosso papel fazer isso.</p> <p>p. 6 Se nós tivéssemos ido pra briga nós não tinha alcançado nada disso, além disso nós íamos ter um problema danado, quem que ia assumir aquela casa lá? O aluguel, água, luz, telefone e o funcionamento dela?</p> <p>[Agora Itamar fala sobre as dificuldades com os políticos que mesmo não contribuindo usam as ações do Comupra para se divulgarem]. [...] Igual, a reunião que eu falei com você da questão da audiência pública é você tem que olhar muito, principalmente quando há essa intervenção política e as pessoas misturam muito, isso no nosso país até hoje né? [...] as pessoas usam o movimento comunitário, esses caras aí [os políticos da região] usam, entendeu? Usaram! No dia da audiência pública lá que teve, que aconteceu na escola, usou e caiu com a cara no chão junto com o político, então e saíram puto de lá, então não quero nem saber, entendeu, então é isso.</p> <p>p.7 [...] tem dia que a gente tá puto pra caralho? Tem ué, normal, matéria e anti-matéria, negativo e positivo, normal. [...]. [sobre o trabalho no Comupra][...] isso absorve muito meu tempo, isso tem até dinheiro meu envolvido dentro desse trem aí entendeu? Que eu nem sei mais quanto</p>
---	---

<p>quando você consegue tocar o coração da pessoa, aí você não precisa fazer propaganda não. Já tá lá, entendeu? E isso aconteceu dentro do processo da MG 20, isso aconteceu dentro do natal sem fome, isso aconteceu com as famílias na horta, isso aconteceu de uma forma assim, bonita demais com o pessoal da alfabetização, entendeu?</p> <p>[...] [ Se] você conseguiu ficar satisfeito com o que você está fazendo, oh, valeu demais. E aí eu acho que hoje por exemplo o Comupra me ajuda muito nisso, entendeu? De me preencher, de de ter alguma coisa pra pra fazer. [...] se eu tivesse dentro de casa à toa, onde é que eu aprender isso? Na faculdade? Eu não tenho como acessar isso aí. Agora a gente tá fazendo na prática né, e se virando [...].Então assim, eu agradeço muito à Deus, eliete, por essa oportunidade de ter num é isso pra pra fazer [...]. [...] eu faço sem o peso da culpa sabe? Faço porque quero fazer, entendeu? Eeee quando a gente faz desse jeito é muito gostoso, é legal pra caramba que você vê a coisa fluir.</p> <p>p. 8 [Itamar fala da sua percepção sobre o trabalho, trabalho voluntário e a atitude voluntária] A atitude é voluntária e o trabalho é comunitário. [...] é um trabalho na essência da palavra [...]. [A] questão do trabalho comunitário em si, é um trabalho como qualquer outro, entendeu? Como qualquer outro e talvez ele seja mais importante que alguns tipos de trabalho, por que ele é um trabalho voltado para o coletivo. Não é um trabalho voltado para questão pessoal.</p> <p>[...] Você está realizando um trabalho que vai atingir pessoas que você nem conhece elas, entendeu? Aí seu grande ganho nisso vai ser a experiência, o aprendizado, o encontro com outras pessoas e a certeza de que você fez alguma coisa, entendeu? Esse é que é o grande ganho. Logicamente a experiência de vida, experiência de ter enfrentado situações que você nunca pensou que iria enfrentar na sua vida e você enfrentar e tá trabalhando dentro dela e tá aprendendo e tá buscando [...] toma uma derrubada aqui, ganha um ponto ali.</p> <p>p. 9 [...] Eu , nós tamos tomando uma atitude de achar que o Comupra é uma coisa que vale a pena, né? Agora pra você chegar aonde a gente tá chegando, tem que trabalhar e essa aí é a diferença.</p> <p>p. 9-10 [...] eu posso ser presidente do Comupra,</p>	<p>que é, entendeu?</p> <p>p. 8 [...] as comunidades estão sendo obrigadas a fazer, então a comunidade deviam receber pra isso. O pessoal devia receber pra isso. Porque isso é legítimo.</p> <p>p. 9 [fala da parceria com as Irmãs Franciscanas Penitentes Recoletinas] [...] tem 70 dias que a gente está trabalhando essa aproximação, entendeu? Já tivemos diversos encontros, já tive que pegar o meu carro e ir busca-las no metrô, pra lá e pra cá, já tive que ir com o Toninho pra outros cantos, para elas terem noções de outras</p>
---	--



eu posso ser tudo do Comupra, mas se, eu não for atrás e não articular, não caminhar, não mandar e-mail, não telefonar, não oficializar...Então o que dá pra diferenciar é isso. O trabalho é um trabalho sim. É um trabalho comunitário a atitude é voluntária, essa atitude é voluntária. Então é a mesma coisa.

p. 10 [...]é um trabalho comunitário a atitude é voluntária, essa atitude é voluntária.

É ... a MG 20 mudou a infra-estrutura da região, não só do Ribeiro de Abreu. Tá, são seis anos de trabalho. Seis anos de reunião dentro do ministério público, do fórum Lafaiete e de levantamento de dados, acompanhamento, ligações, e-mails, fax, e tudo que você pensar pra chegar naquilo alí. Eles vieram fazer? Fariam se não fossem pressionados? [...] pelo que a gente vê aí você sabe que não fariam, se não houvesse essa pressão. E isso tudo foi trabalho, tudo é trabalho e... e tem a ver com essa questão da atitude? Sim, porque teve uma atitude de falar, vamos mexer com aquela pinóia daquele trem alí? Então em algum momento teve essa atitude, esse gatilho que gente fala, né? Deu um start lá, um negócio lá e ligou pra ele. Isso é um processo assim que pra mim tá claro, [...].

p. 11 Quando fala do terceiro setor, que hoje é sim um grande viés de mudança das comunidades de periferia.

comunidades.

p. 10 Lucinéia tá ficando 12 (doze) horas por dia no Comupra, sem receber. Por quê? É uma atitude dela, fazer isso.

[Fala da divergência entre o estatuto e a prática]. Tá, são seis anos de trabalho. Seis anos de reunião dentro do ministério público, do fórum Lafaiete e de levantamento de dados, acompanhamento, ligações, e-mails, fax, e tudo que você pensar pra chegar naquilo alí [...] lá fora um coordenador ganha em torno de R\$1500,00 a R\$ 2000,00, isso lá fora. Eu recebi R\$500,00, entendeu? Então assim, ah tá! O Itamar enquanto presidente do Comupra, não podia receber porque lá reza no estatuto.

p. 11 Estatuto! É filantropia! Aqueles negócios que tá lá que você não pode, que é filantropia, que não é certo esses trem que a gente vê desde mil novecentos e kafunga. [...] ficar ééé trabalhando no modelo de estatuto, no modelo de uma linha de pensamento que é antiga. Que não se adequa mais. [ O estatuto normatiza que o Presidente não pode receber pelo trabalho] Então, ontem eu fiquei até oito, nove horas da noite eu consegui entrar na internet o que que eu estava fazendo na internet? Mexendo com negócio do Comupra. Era onze e meia eu dando resposta aos negócios.

O negócio do fogão. É, uai no feriado. Entendeu, de resolver essa coisas. Tá, não pode fazer não, quem vai fazer? Quem?

[...] as pessoas com maior poder aquisitivo conseguem acessar isso mais fácil, então as pessoas das classes mais abastadas, a maioria delas, uma grande parte delas estão dentro das ONGs. Fazendo projetos mirabolantes, aqueles negócios todos, entendeu? E é positivo por um lado, negativo por outro, porque não deixam as pessoas da própria comunidade agirem,

<p>p. 12 [Refere-se a mudança de vida de alguns trabalhadores do Comupra após a conquista da luta da MG – 20 que assentou esses moradores em lugar decente para morar] .</p> <p>Então o Comupra consegue escutar o que a comunidade fala, seguir os caminhos que a comunidade aponta, [...] . Mas porque que a gente consegue? Porque a gente usa o caminho da pesquisa, a gente usa o caminho de encontrar com eles dentro do buteco e trocar idéias, e eles apontam.</p> <p>Então, quando o Comupra, o conselho comunitário vai por essa linha, ele é diferente de associação comunitária, entendeu, ele é diferente, ele congrega diversas instituições, e chama essas instituições pra discutir os assuntos. Então eu vejo a diferença do Comupra tá aí na forma de gerir. No comprometimento né, em alcançar o resultado que a gente quer. E o resultado na realidade [...]. [...] quando você vê o seu grupinho feliz, quando ocê vê os seus amigos satisfeitos, é esse o resultado, entendeu? [...] não tem dinheiro que paga isso, não tem não.</p> <p>p. 13 Pô eu fico muito satisfeito quando acontece isso. [...] a MG - 20, pra mim que acompanhei a situação um pouco mais de perto. Tive em todas as reuniões, ela me ensinou muita coisa, muita coisa mesmo. [...] nós somos parte desse processo aqui. E se ocê tem uma pessoa que ocê sabe que tá feliz com o que ela tá fazendo que tá</p>	<p>não faz com que as pessoas da comunidade cresçam, e vira um empreguinho, que foi o que aconteceu dentro da própria questão política do PT nos últimos anos. As pessoas boas de briga, do PT, que estavam dentro dos movimentos sindicais, dentro dos movimentos de moradia, onde é que elas estão? Tudo dentro do poder encarceirado, entendeu, e por isso que ta tendo uma queda. Então ta tendo isso mesmo, pode olhar uma ONG hoje, dessas que tem por aí. Principalmente esses pontos de cultura, olha quem que ta atuando lá dentro. É o pessoal da faculdade, tudo pessoas que já se formaram. Pode ver que tem muito pouca participação da comunidade dentro desse processo. A comunidade às vezes vai lá fazer o show.</p>
--	---

feliz com a vida dela, com o rumo que ela tomou. Aí eu acho que valeu a pena.

p. 14-15 Hoje existe uma escravidão uma escravidão moderna, que não usa o navio negreiro. Os filhos da periferia, os filhos da periferia, eles são porteiros, office boy, jardineiro, muito difícil eles passar desse nível, entendeu? Então, onde é que eu vou buscar minha mão de obra que eu preciso? Vou lá na periferia. E é triste, é ruim pra caralho falar disso aqui. Mas é a realidade. [...] porque? Existe uma maneira Eliete, de peneirar, de fazer essa distinção de classe, sem a gente poder acusar ninguém. E é isso que tá sendo feito, é isso que tá sendo feito. Essa separação aí.

p. 15 Então tem que haver uma mudança sim, eu acho que esse trabalho comunitário ele tem um papel fundamental de mostrar isso, entendeu?

p. 17 O meu grande sonho! É lá naquele espaço que tá sobrando ali naquela beira da ponte ali, é colocar uma obra de arte ali. É fazer um negócio ali, pra mexer com as cabeças das pessoas sem ocê precisar de falar nada com ela. Só dela olhar, só dela vê, entendeu? Com isso mexer com a auto-estima pra ter um reflexo aqui dentro fazer o trem lá na entrada pra ter o reflexo aqui dentro, entendeu? Um povo mais feliz, mais satisfeito, entendeu? É muito melhor, é muito melhor do ce mexer. É muito melhor do cê conversar, muito melhor pra ocê fazer as coisas entendeu?

p. 17 [...] eu acho que é por ai e o Ribeiro de Abreu tá dentro desse processo. [O trabalho no Comupra] te dá a liberdade de você trabalhar. Ele te dá a liberdade de você tentar. [...] ele te dá essa liberdade docê dá com os burros n'agua, mas não tem problema não, mas ocê vai tenta fazer. Gente! Quando que a gente pensava Eliete, (risos) que uma horta que a gente começou a pensar ali com uns seis canteiros ia fazer o que tá fazendo? Quando que eu pensava nem nas melhores viagens minha! Que o Comupra ia receber prêmio Itaú UNICEF quando que a gente pensava nisso Eliete? Pensava não! Nós fomos semi-finalista! Entreeee... os cento eeee ... ah, tem um número cento e sessenta, cento e oitenta primeiros do Brasil todo, entendeu? Dentro da regional, da regional sudeste nós ficamos no vigésimo, entre os primeiros 20 entendeu?

p. 18 [O Comupra não aceita o apoio

<p>p. 18 [Fala sobre o projeto do Comupra] [...] é um projeto que tem repercussão social quando atinge essas famílias aí [da comunidade].</p> <p>p. 20 [Fala do aprendizado através das oficinas do Comupra]. [...] é dentro desse formato aí e é uma coisa assim, nó eu acho chique demais a maneira a maneira que a gente consegue enxergar, dentro desse processo, entendeu? Porque é muito interessante.</p>	<p>político em troca de divulgação pra campanha eleitoral]. [...] os políticos tentam derrubar.</p>
--	---

<b>ENTREVISTADO: FERNANDO</b>
-------------------------------

<b>SENTIDO POSITIVO/ PRAZER</b>	<b>SENTIDO NEGATIVO/ SOFRIMENTO</b>
<p>p.1 O trabalho do Comupra [...] eu tinha que ocupar minha cabeça. Porque o sentido nosso na época era justamente esse é... ou a gente espera as coisas acontecer com a gente, ou o que que a gente vai fazer pra mudar.</p> <p>p. 2 [...] eu vi que... vários projetos do Comupra pra mim não me abrangia aquilo que eu queria, que era mexe com planta, mexe com pessoas mas... a planta pra mim era importante e... e aí eu entrei. A gente começou do início cavacando terra dura fazendo um trabalho, um projeto com mais de trinta família na época. Todos nós organizamos e começamos aaa mexer. Então a gente foi é... aprendendo. Na época pra mim quando eu vim pra cá... eu pensava que o problema é eu ir lá plantar mais eu não sabia que era eu mesmo que tava me reeducando a mim mesmo. A tranqüilidade, a capacidade de ajudar outra pessoa.</p> <p>p. 3 – [...] quando eu passei por essa fase de dificuldade né! Ter passado fome aqui em Belo Horizonte mesmo. Que eu adoeci, eu tive problema de anemia, então é... aí eu fui e achei a horta como um apoio. Ela começou me estruturar como pessoa cada dia aprendendo com cada família. [...] tava transformando a vida deles e a minha também. [...] ela me deu equilíbrio porque é... uma coisa que ao longo do tempo isso foi passando pra gente, que igual às vezes eu até converso com o pessoal aí, é que a horta nos ensina o saber discutir, o saber conversar, o saber tratar as outras pessoas, [...]. Entao ao longo do tempo [...] a gente viu que precisava ter paciência. Como se fosse uma criança e a gente foi transformando um ao outro. Tinha dia que um chegava nervoso, olha calma e tal então vão sentar vão bater um papo, esquece hoje da horta vão...vão conversar o que que foi, o que que ta havendo, o que qui você tá precisando.</p> <p>[...] a gente não visa o dinheiro, o</p>	

importante é levar pra casa. Então o vender era consequência, disso tudo, né? [...] ela [pessoa que trabalhava lá] já sabia que podia ir pra casa tranqüila que a comida tava na mesa.

p. 4 É, eu tava desempregado. Eu não tinha formação, nem carteira profissional. Então num tinha carteira assinada na época, então num, num, num tinha estrutura nenhuma pra arrumar emprego. Tinha é com colega, com amigo, informação pra um. Que eu já fazia tudo isso, mas eu não tinha não profissional, carteira profissional escrita. Então como é que cê vai prum serviço... todo danado, todo nervoso, brigão (tosse) Então o que eu precisava era me lapidar. [...] isso que foi me estruturando. Porque a horta estrutura a pessoa para trabalhar. [...] então a horta é estruturar a pessoa pra viver em sociedade! [...] isso me estruturou pra mim trabalhar.

p. 5 Um ato voluntário num era nem trabalho, porque a gente ia a hora que a gente queria entendeu? [...] através da estrutura da horta nós nos transformou assim num ser humano para poder conversar com outras pessoas e explicar o motivo que a gente tá ali. Igual hoje, hoje eu tenho, nó, tenho total condições de conversar e a receber uma crítica destrutiva e absorver ela e fazer ela construtiva, dentro disso tudo. Porque eu sei que eu que tenho que ter meu valor. [...] a horta não é só verdura, não é só planta medicinal, é conhecimento. [...] a horta nos deu essa chance, de viver. É uma chance de viver viu!

p. 6 Mudei bastante né, [...] espero que nunca mais eu precise beber um remédio, né?

p. 7 [...] uma coisa que eu aprendi demais na horta o ouvir[...]. [...] a horta pra mim é minha vida.

p. 8 Esse trabalho que eu faço... né... uma atitude voluntária, não é um trabalho, eu num acho isso como trabalho. Porque eu tenho um psicólogo comigo todo dia. Até no dia que eu choro, eu converso com minhas plantas.  
É o que eu faço, a coisa, a coisa acontecer.

p. 4 Porque na época que a gente mexia na horta parece que a gente era ex-presidiário [...].

p. 5 [...] A gente entrava na horta parece que a gente tava pagando pena fazendo aquele trabalho... né? [...] as próprias pessoas da escola tinha hora que olhava pra gente com indiferença. Porque no início da horta o pessoal é...é o pessoal não entendia o porquê o projeto da horta na escola. [...] que no início tudo é mais difícil [...].

p. 10 [...] então hoje eu cresci, nó! Demais como pessoa! [...] igual hoje, hoje eu participo de reuniões, eu vou em qualquer lugar. [Aprendeu coisas diferentes como ouvir] .

p. 11 É a vontade de, de querer aprender pra passar pra outras pessoas. O ... caso da roça, eu trabalhei bastante tempo, experiência de sobra, mais nunca passei nada pra ninguém. Esse era o diferencial.

p. 12 Tô muito feliz [com o que faz].  
[A entrevistadora agradece a entrevista] É sempre um prazer falar daquilo que a gente faz com amor [...]. Eu gosto mesmo de fazer isso.

<b>ENTREVISTADA: ANTÔNIA</b>
------------------------------

<b>SENTIDO POSITIVO/ PRAZER</b>	<b>SENTIDO NEGATIVO/ SOFRIMENTO</b>
<p>p. 1 Olha, meu trabalho iniciou quando eu tava trabalhando na escola BOLIVAR e chegou uma pessoa, que no caso até o Fernando, convidando a comunidade a participar de uma ação integrada pela PAZ. Então eu quis saber o que era o Comupra, né? Que proposta era aquela, e ele me explicou e no mesmo dia haveria uma reunião com a comunidade para o planejamento dessa ação. [Quando chegou na reunião] Então havia mais de 30 pessoas, todos líderes comunitários. Igrejas evangélicas, igreja católica, pessoal da associação da MG – 20. Todos reunidos planejando essa ação. E aí eu achei muito interessante porque eu achava que era um bairro que porque anteriormente havia pensado que talvez não tivesse nem uma associação do bairro. Pelo abandono que agente percebia né? A carência do bairro... descobri então um conselho comunitário atuante com a proposta muito rica, né? Reunindo a comunidade, planejando coletivamente as ações. A partir daí eu me simpatizei e toda semana quando havia reunião eu estava presente.... Então começou assim através dessa ação.</p> <p>p. 2 Tinha tudo a ver com o que eu acreditava [...] educação participativa, a questão da cidadania, a luta por melhores condições de vida, qualidade de educação. Então isso tudo sempre fez parte daquilo que eu buscava, até como aluna, né? [...] eu digo que hoje aqui no Comupra, é um espaço muito rico, onde a gente aprende muito, a gente tem oportunidade para estar fazendo o que a gente acredita, né? Então a gente tem essa liberdade de junto com os outros, construir aquilo que a gente acredita e fazer as coisas acontecerem, né? Por isso é que eu acho muito bom estar no Comupra, participar do Comupra, aqui a gente luta, tem aquele ideal a gente planeja, né? O Comupra tem essa proposta que contribui para o desenvolvimento social. A gente busca criar essas oportunidades pras pessoas. Então o Comupra hoje para mim é isso daí, vai garantir, né? Essa transformação, não só social, mas humana mesmo. Através do projeto de</p>	



alfabetização, a gente percebe muito isso, é muito gratificante. O projeto Horta. A gente até fala que a Horta, por exemplo, é uma vitrine, a pessoa chega até lá cheia de problemas, doenças, sem esperanças aos poucos a pessoa se transforma, né? Consegue, às vezes, assim, realizar outros projetos, arrumam um bom trabalho. Então é como uma fonte né? Pra aquilo que ela estiver buscando realizar...[...].

p.3 O Comupra não tem fins lucrativos, a finalidade mesmo é... é o serviço, né? De estar sempre com esse objetivo, de estar fortalecendo, para que os projetos não parem. O Comupra também, é não se ligar a partido é... a questão política partidária. A gente fala que a nossa política é social. [Faz referência ao projeto de alfabetização que ela implantou e coordenou]. [...] foi muito bom.

p. 4 [...] quando a gente vem , pensando que vai contribuir com o outro, aí a gente descobre que o maior beneficiado é a gente mesmo. É um sentimento muito gratificante, né? Enquanto pessoa, enquanto profissional, eu só tenho satisfação..... É muito prazeroso trabalhar aqui. [...] a minha atuação não restringe só ao alfabetizar. Enquanto educadora é eu transito né (risos) um pouco em cada área. Na parte administrativa, na parte de das ações mesmo em relação a ... a tudo. Então a gente participa de uma forma assim, mais ampla.

p. 5 U, a questão que eu acho interessante nesse trabalho que é um trabalho voluntário....As pessoas trabalham sem remuneração né? Não visam lucro, é uma coisa mais voltada mesmo é pra ajudar para o social e pra beneficiar a si mesmo. É um trabalho muito bom porque é uma maneira da gente....vivenciar novas amizades, novas oportunidades crescimento até profissional e de não ficar só... pensando coisas.. só preocupação. Então aqui tem [...] muita coisa que dá prazer, e é como se fosse uma terapia.

p. 6 É, eu que defino. [O seu horário e dia de trabalho].

p. 3 É luta né?

p. 4 [Refere-se ao prazer em trabalhar Comupra mesmo ] com todas as lutas.

p. 5 Então, aqui tem preocupação, mas [...]. Dependendo da ação nós chegamos a trabalhar 12 horas direto.

**ENTREVISTADA : LUCINÉIA**

<b>SENTIDO POSITIVO/ PRAZER</b>	<b>SENTIDO NEGATIVO/ SOFRIMENTO</b>
<p>p. 1 Eu vim para “cá” através de minha irmã. Eu fazia serviço voluntário no BOLIVAR, mas aí não deu certo por causa da diretora... eu dava aula de reforço. Aí a minha irmã veio trabalhar na biblioteca, aí ela foi e me convidou para vir trabalhar na biblioteca também. Eu fiquei 3 meses na biblioteca e o Itamar me convidou pra trabalhar na recepção..... É ser, auxiliar administrativo do conselho né?... Aí depois eu virei tesoureiro. [O] serviço [que faço] eu adoro. Números é...é o que eu gosto de fazer.</p> <p>p. 2 [...] estou no Comupra porque eu realmente gosto.... do que eu faço aqui...né? [...] [refere-se ao serviço voluntário] quando a gente gosta a gente acaba fazendo. [...] Então assim, você faz serviço voluntário é porque você realmente gosta, e eu gosto do Comupra. Eu gosto de tudo que o Comupra tem. Eu gosto do serviço que eu faço assim... na administração do Comupra sabe? Eu gosto das pessoas do Comupra, eu gosto dos projetos, do projeto da horta. Adoro o projeto da horta. Adoro as minhas plantas lá fora fui eu que plantei. Então assim, na verdade eu gosto do Comupra no geral [...]. Aqui não tem definido o que que a gente faz. Aqui a gente faz assim, precisou, não tem outra pessoa pra fazer você vai lá e faz.</p> <p>p. 3 Eu que decido como vou fazer.[ Sobre o seu trabalho]. É...a administração, administração de todos os projetos né?</p> <p>p. 4 Como eu disse antes eu acho gratificante né! A acha quem dá valor [...]. [...] em termos o relacionamento entre as pessoas que freqüentam e que trabalham...É boa. [...] no geral é bom não tem o que reclamar não...</p> <p>p. 6 [Fala do motivo que a mantêm no Comupra] Porque eu gosto! A força de vontade do Itamar [é uma das coisas que mais lhe atrai no trabalho no Comupra]... ele é meu incentivo(risadas).</p>	<p>p. 1 [...] tô na luta até hoje. Na luta porque como o conselho comunitário é uma coisa voluntária, a gente tem que correr atrás né? [...]</p> <p>p. 2 Porque, assim é difícil, fazer serviço voluntário é difícil. [...] porque serviço voluntário não é remunerado né?</p> <p>p. 4 A gente acha quem dá valor e quem não dá [...]. [...] o relacionamento entre as pessoas que freqüentam e que trabalham...[...] [tem] uns altos e baixos às vezes né?</p> <p>p. 6 [...] a administração fica atrás das cortinas, quase ninguém vê né?</p>

<p>p. 7 [ Refere-se ao trabalho administrativo] É o que eu gosto... Eu acho o trabalho gratificante, mas o sentido (risos) eu não sei explicar.</p>	
---	--

<b>ENTREVISTADA: IOLANDA</b>
------------------------------

<b>SENTIDO POSITIVO/ PRAZER</b>	<b>SENTIDO NEGATIVO/ SOFRIMENTO</b>
<p>p. 1 A minha relação com o Comupra começou em 2001. Foi uma coisa que foi automática fui para ajudar a preencher umas fichas e acabei ficando, acabei gostando da instituição. Uma coisa mais ou menos assim de gostar, de fazer .... que satisfação de poder tá ajudando as pessoas. [...] as realizações são muito maiores do que as coisas que a gente pode tá realizando enquanto pessoa dentro da casa da gente [...]. Através do Comupra eu fui para a AIC – Associação de Imagem Comunitária. Depois de um certo tempo eu voltei para o Comupra para trabalhar na área de informática. Fui lá aprendi e voltei pra passar aqui o que eu tinha aprendido lá né? Foi uma ponte, né, que eu consegui através daqui.</p> <p>p. 2 – [refere-se ao seu retorno ao Comupra]. Foi um convite que me fizeram eu vim como instrutora e acabei ficando como coordenadora, mas acaba que numa instituição você nunca acaba tendo um cargo só né? Então acaba a gente se evoluindo com tudo um pouquinho a gente não fica presa a uma coisa só. [São] várias vertentes que a gente pega desde o começo é mata, é horta, é a casa aqui mesmo , então, é o onça, então são várias lutas que passam aqui e a gente acaba participando de todas um pouquinho. Quando você acaba podendo ajudar um pouquinho essas pessoas, que seja numa relação de cultura... né? Então isso é uma satisfação muito grande. Então o trabalho aqui acaba sendo prazeroso. Te dá vontade de crescer aqui dentro. Cada dia a gente cresce um pouquinho, mas não te dá vontade de ir pra fora e procurar outra coisa porque a satisfação que a gente tem aqui e muito maior né? [...] é mais por uma questão de gostar de fazer o que você gosta, de você sentir prazer naquilo que você faz e você vê resultado também, porque as lutas que a gente vem tendo desde 2001 a gente vai vendo resultado na comunidade. É o índice de violência que cai. É as lutas que a gente</p>	

tem, é as coisas do onça, as coisas da mata, a gente vê progresso nisso e então isso deixa a gente muito feliz então cê acaba trabalhando mais por amor do que por qualquer outra coisa. Cê acaba sentindo satisfeita por isto.

p. 3 – Aqui é uma coisa muito tranqüila, porque a gente vem porque a gente gosta então você já vem feliz para cá. É uma relação de amizade são pessoas que você conhece desde pequeno são amigos de familiares [...] então, eu não venho para o trabalho você vem pra sua segunda casa. [...] então, acaba sendo uma relação muito prazerosa. É uma relação muito agradável.

p. 4 [Sobre o sentido do trabalho]. Realização, realização. Você consegue se ver realizado em várias áreas, tanto na profissional, quanto na pessoal ...sabe? Acho que você consegue um equilíbrio. Você consegue fazer aquilo que você gosta aquilo que te dá prazer, você consegue ajudar os outros. Consegue ver resultado de si mesmo e ver resultados do seu trabalho. Então uma coisa que deixa a gente muito feliz é isso. Ver uma coisa que você tá fazendo, que você tá batalhando por aquilo dá resultado e as pessoas também reconhecerem isso. Vê essas mudanças, notar, falar nó!!!! Aquele pessoal que trabalha lá tá fazendo um trabalho bacana, tá tendo resultado na comunidade, o índice de violência tá caindo, sabe? Tá melhorando. Onde que não tinha um jardim tem. Então, isso realmente é uma realização, mesmo, total.

p. 3 Lógico, como toda instituição, como todo lugar, tem... seus pega de vez em quando, mas a gente sempre volta ao estado normal, sempre... consegue conciliar isso numa boa.

p. 4 A gente tá passando por uma fase difícil, que até então a gente não tava conseguindo um outro instrutor, né então tava sobrecarregada.

Tem pessoas que vem por causa do retorno financeiro. Então quando você fala para ela que é só ajuda de custo, muitas pessoas não querem. Então para você achar uma pessoa que aceita a ajuda de custo e quer realmente fazer a diferença. Quer vim realmente por que gosta e não simplesmente por causa do dinheiro. É meio complicado. Foi um processo que agente passou e ficamos uns dois meses aí sem instrutor.

Ficar de 8 às 20 é realmente puxado.

p. 5 [Refere-se à verba de manutenção do Comupra] [...] há uma ajuda de custo que a gente recebe de 120 reais. Então dá pra né? Para gente tá fazendo isso. Lógico que um pouco apertado mais dá. Porque a gente tem a questão do aluguel, água, luz, telefone, mas aí a gente tem a ajuda do Fica Vivo e tem uma ajuda de custo de 120 reais também e a mensalidade dos alunos. Que é isso que tá mantendo a Casa hoje. Nessa fase sem projeto. Igual no do RIBAS que a gente conseguiu uma ajuda de custo maior, quem recebia menos era 300 reais. Que dava pra manter e pagar água luz telefone e tal, mas como nessa fase sem projeto sem um patrocínio pra né?

## ENTREVISTADA: ISABEL

SENTIDO POSITIVO/PRAZER	SENTIDO NEGATIVO/ SOFRIMENTO
<p>p. 1 [...] o Comupra não é um acaso, Comupra pra mim é <i>mactube</i> [...]</p> <p>p. 2 E há um ano atrás eu comecei inclusive a sonhar com uma instituição, com uma ONG, era essa expressão que vinha sempre uma ONG, ONG, ONG, o tempo inteiro. Comentei com minha filha, comentei com Milena. A Milena ainda falou comigo assim, mãe mais aqui, numa ONG a senhora não ganha dinheiro. Eu olhei pra ela e falei assim, não e importa [...].Eu conheço a Antônia [...]. E eu tô desempregada, mas eu, uma coisa é você batalhar para sobrevivência, outra coisa é você batalhar para uma realização.</p> <p>p. 3 [Comentou com a Antônia sobre seu desejo de trabalhar numa ONG e a Antônia lhe sugeriu conhecer o Comupra]. [Refere-se ao Comupra] [...] Então eu sabia que esta instituição não seria uma, um..., uma instituição, é..., não seria um charlatanismo entendeu porque não é do perfil de Antônia. [...] e eu vim conhecer o Comupra. O Itamar tava aqui [...] [e] começou a conversar [...]. E cada coisa que ele falava era com se eu fosse ticando, sabe tópicos da avaliação que eu precisava antes pra realmente usar o TBC. E eu fui e comentei com ele a questão do sonho. [...] e eu fui e perguntei pra ele, se ele me aceitava como voluntária e a resposta dele foi a seguinte: é uma pessoa com esse perfil que eu estou precisando. Porque o meu perfil, ele é organizacional e modernização só. E aí eu comecei, nesse dia ele falou com, tocou mais assuntos e foi é... é... colocando histórias que o Comupra, que tem passado, e tal tal, e eu aquilo fui... parecia um... um néctar e ao mesmo tempo oh..., eu pensava naquilo que eu estava procurando o tempo todo [...].E, eu comecei a vir teve às reuniões [...]. Eu não, se você percebe, a parte profissional acabou sendo, acabou sendo o... readequada ao meu lado, a minha espiritualidade [...].</p> <p>p. 4 [...] O Comupra pra mim foi um achado. Um achado no sentido até do que eu havia perdido e que papai do céu me levou. [Refere-se à morte do marido Luiz que era espiritualista] Uma instituição assim é um, é uma outra esperança, aquela esperança, que... tá pra traz aí, no governo, ,já foi embora a muito tempo! Pensa um pouco vamos encontrar uma saída, essa é uma saída. A instituição ela é o momento que vai, que vai me abrir inúmeras outras portas e janelas, dividir o tempo com o trabalho pra</p>	<p>p. 4 [Refere-se a sua entrada no Comupra como a pessoa mais recente com um grupo já estabelecido ] É claro que são situações de dedos. [...] Numa ONG você não ganha dinheiro. [O trabalho no Comupra] [...] não é um trabalho simples, é um trabalho árduo [...].</p>

sobrevivência e com o trabalho de doação [...]. Mas, aqui a vida pra mim é uma eterna e eterna construção eterna e eterno aprendizado, eu num tô aqui a passeio. Então essa visão de Comupra, da instituição do Comupra eu tenho assim com muita satisfação [...] é um trabalho [...] muito gratificante.

[...] o Itamar tá confiante apesar de que não apresentei nenhum momento que pudesse não confiar né, ou descreer do que eu estava fazendo, sempre com resultado, e isso está sendo interessante porque me motiva também. Mas tá, tá sendo bem gratificante tudo isso que eu to, que eu tô fazendo aqui.

p. 5 Agora principalmente essa semana eu estou executando um um... projeto é..., pra mim de vanguarda, que como eu falei eu não sou educadora, mas acontecerá na semana que vem no dia quinze uma seleção é, é, um processo seletivo pro SENAC, para um curso no SENAC, ou perdão, perdão, SESI, SESI, SESI, não SENAI, SENAI, processo seletivo do curso do SENAI, para um curso de aprendi..., aprendizagem industrial do SENAI, e alguns candidatos é..., a Antônia resolveu é dar esse curso intensivo é é para, de matemática e de português, da língua portuguesa, para esse exame de seleção. Eeee eu acabei entrando nesse projeto como instrutora da língua portuguesa, eu estou amaaaando de paixão! Sua experiência, não é nem de vanguarda, é jamais impensado, eu estou pagando a língua que você não tem noção (gargalhada). Tá muito gostoso, tá muito gostoso por uma outra experiência, uma outra...

p. 11 [Fala sobre sua opção por fazer coisas na vida que lhe dê prazer] Com certeza, o fato de ter é... essa realização ela sempre acontecerá a partir do momento que eu me propor, que eu me permitir. Tudo que você se permite é satisfatório. Te é interessante? Quando você não consegue ter uma visão amorosa daquilo que você está tendo oportunidade, é difícil, porque que não é amoroso eu fazer um cálculo matemático, sendo que a minha área é humanas, não é exatas, porque não? Claro que eu posso ter. Então, a o que o Comupra me satisfaz em menos de um mês! E é satisfatório cada ato, cada ação é loucura, é a minha, a minha área é essa. Eu teria sim que trabalhar numa ONG, porque é isso que me satisfaz, o ajudar o outro me satisfaz, literalmente.

[Minha realização] nossa, [é] total. É claro que se pintasse um ganhar na loteria, na sena, ajuda a sobrevivência, eu quero, não é muito também não, ajuda a sobrevivência óbvio. Mas a realização não tem dinheiro que pague. Satisfação de realizar um sonho de ver uma criança sorrindo, de estar com um aluno que tá entendendo o que é ditongo crescente e decrescente é bom demais da conta, é isso aí.

[Refere-se a sua permanência no no Comupra]. [...] porque isso, não necessariamente, que esse nascimento venha vingar. Tem situações que você pode nadar, nadar e acabar morrendo na praia certo?

**APÊNDICE E: QUADRO COM EXPRESSÕES PREDOMINANTES QUE SINTETIZAM O SENTIDO ATRIBUÍDO AO TRABALHO PELOS TRABALHADORES DO COMUPRA.**

Quadro 10  
Interpretação com expressões que sintetizam o sentido atribuído ao trabalho pelos trabalhadores do Comupra

ENTREVISTADOS	Sentido Positivo / Prazer	Sentido Negativo/ sofrimento
ITAMAR	<p>Amadurecimento. Aprender. Aprendizado. Congregar as diferenças. Crescimento. Desenvolvimento. É muito legal, bom demais, vale a pena. Encontro com outras pessoas. Experiência. Gostoso. Liberdade para errar. Liberdade para trabalhar. Mexer com a auto-estima das pessoas. Mudança de postura. Mudança. Não tem dinheiro que paga isso. Ocupar a cabeça. Participação das pessoas. Política comunitária de desenvolvimento. Preencher o tempo. Repercussão social. Resultado das ações, mudança. Resultado de mudança na região. Satisfação. Ter algo pra fazer Ter alguma coisa pra fazer, me preencher. Terceiro Setor é um grande viés de mudança das comunidades de periferia. Tocar o coração das pessoas. Trabalho comunitário tem papel fundamental de mudança. Trabalho que tem reflexo na vida das pessoas. Trabalho que vale a pena. Transformação pessoal e social. Transformação. Ver a felicidade ao outro. Visão de um futuro melhor.</p>	<p>Nesse negócio há coisas ruins. Brigas. As pessoas usam o movimento comunitário, esses caras aí usam [...] [refere-se ao políticos da região]. Absorve muito o meu tempo. O povo tá tendo que fazer o papel do governo. Toma uma derrubada aqui [...]. Tem até dinheiro meu envolvido nesse trem aí. As comunidades estão sendo obrigadas a fazer, então deviam receber pra isso. É legítimo ganhar. Segundo o estatuto das ONGs a diretoria não pode receber para trabalhar. Estatuto de ONG desatualizado, enrijecido. Trabalhar de domingo a domingo e até nos feriados. Assumir todas as atividades e custos de manutenção da Casa da Cidadania. Tem hora que a gente fica putó. Políticos tentam derrubar [o trabalho que realizam].</p>
FERNANDO	<p>Apoio. Aprender. Capacidade de ajudar outra pessoa. Capacidade de ensinar. Chance de viver. Conhecimento.</p>	<p>Decepção. Discriminação. Indiferença. No início era muito difícil. Sentia que era visto como ex-presidiário.</p>



	<p>Crescer como pessoa. Equilíbrio. Estrutura a pessoa para trabalhar. Estrutura a pessoa para viver em sociedade. Fazer as coisas acontecerem. Fortalecimento como pessoa. Gosto de fazer o trabalho. Mudança pessoal. Ocupar a cabeça. Reconhecimento do próprio valor. Sustento para a família. Transformação da própria vida.</p>	
ANTÔNIA	<p>As crenças são transformadas em ações. Atuação ampla dentro da ONG. Contribui para o desenvolvimento social. É muito gratificante. É terapêutico. Espaço para o exercício da cidadania. Fonte de realização. Fonte de preparação para as pessoas arrumarem um bom trabalho. Fonte para novos relacionamentos interpessoais. Forma de não ficar pensando nos próprios problemas. Liberdade de atuação na organização do trabalho. Novas oportunidades de crescimento profissional. Oportunidade de aprendizado. Oportunidade para fazer o que acredita. Para beneficiar a si mesmo. Relação com a crença da pessoa Satisfação e prazer. Sentimento de gratificação. Tem liberdade de criar. Tem liberdade de expressão e de ação. Tem pessoas com as mesmas crenças. Trabalho que não visa lucro. Trabalho realizado junto aos outros. Transformação. Voltado para ajudar as pessoas. Voltado para o social.</p>	<p>Empreender lutas por melhores condições de vida de uma comunidade. Trabalhar 12 horas diretas.</p>
LUCINÉIA	<p>Autonomia. Gosta das pessoas. Gosta do Comupra. Gosta do que faz. Gosta dos projetos. Gratificante. Possibilidade de vínculo. Relacionamento é bom. Tem reconhecimento. Vê na força de vontade do Itamar um</p>	<p>A administração fica atrás das cortinas. Falta de reconhecimento. Falta de remuneração. Luta. Tem uns altos e baixos nos relacionamentos.</p>

	incentivo/ Fonte de inspiração.	
IOLANDA	<p>Aprendizado.  Auto-valorização.  Consegue fazer o que gosta.  Crescimento.  Diversidade de atividades.  Gosto pelo trabalho social.  Inserção em outra instituição a partir do Comupra.  Mudança.  Prazer.  Realização profissional e pessoal.  Reconhecimento.  Resultado do trabalho na comunidade.  Satisfação de poder ajudar as pessoas.  Satisfação muito grande.  Trabalho por amor.  Variedade das tarefas.</p>	<p>Ajuda de custo de valor baixo (R\$150,00).  Dificuldade para encontrar pessoas para ajudar no trabalho.  Falta de verba para manter os projetos do Comupra.  Sobrecarga de trabalho.  Tem seus “pegas” de vez em quando nas relações com as pessoas.  Ter que trabalhar 12 horas.</p>
IZABEL	<p>Ajudar o outro me satisfaz.  Aprendizado.  Doação.  É outra experiência.  Ensinar.  Esperança de mudança social.  Está amando de paixão.  Expectativa abrir outros campos de trabalho.  Gostoso.  Gratificante.  Mactube (está escrito).  Projeto de vanguarda/ criatividade.  Realização.  Relação trabalho /espiritualidade.  Satisfação ao ajudar o outro.  Reconhecimento.  Satisfação.  Trabalho de vanguarda.</p>	<p>É um trabalho árduo.  Insegurança quanto à permanência na ONG.  Não é um trabalho simples.  Não se ganha dinheiro.  Situações de dedos em relação às pessoas que estão na ONG.</p>

Fonte: elaborado pela autora

## **ANEXOS**

**ANEXO A – PROJETO RIBAS/CORREIOS ..... 129**

**ANEXO B – RELATÓRIO PROJETO RIBAS/CORREIOS..... 156**

## **ANEXO A – PROJETO RIBAS/CORREIOS**

### **PROJETO: RIBAS**

**(Ribeiro de Abreu Social)**

**Realização: Comupra** – Conselho Comunitário  
Unidos pelo Ribeiro de Abreu

**Patrocínio:**

**CORREIOS**

## DESCRIÇÃO DO PROJETO

O Ribeiro de Abreu é um grande bairro da região nordeste de Belo Horizonte, que apresenta uma série de problemas comuns às regiões periféricas das grandes cidades – ocupação desordenada, carência de infra-estrutura urbana, pobreza e poluição. A situação é agravada pelo contexto socioeconômico dos moradores da região, com alto índice de desemprego e dificuldades para se inserir no mercado de trabalho, o que tende a provocar baixa auto-estima da população, perda dos laços comunitários e crescimento da violência.

Para combater esses problemas e contribuir para a melhoria das condições de vida, a comunidade vem se organizando e desenvolvendo projetos sociais desde os anos 70. Esse processo culminou em 2001 com a fundação e registro do Comupra – Conselho Comunitário Unidos pelo Ribeiro de Abreu, que já atua em diversas frentes de ação na região.

O projeto RIBAS – Ribeiro de Abreu Social tem o objetivo de potencializar um conjunto integrado de ações para beneficiar os moradores do Ribeiro de Abreu e adjacências, promovendo o desenvolvimento local sustentável e a ampliação das alternativas de formação profissional e geração de renda: Horta Comunitária; Grupo de Alfabetização de Adultos e Idosos; Grupo de Inclusão Digital e Comunicação; Centro de Produção de Alimentos e Serviços; Centro de Arte e Artesanato e Centro de Arte-Educação.

A equipe responsável pelas ações do projeto é formada por moradores do Ribeiro de Abreu, muitos deles com longa história de engajamento e luta social por melhorias nas condições de vida da comunidade. Acreditamos na importância da potencialização e multiplicação de lideranças locais, sendo que alguns dos educadores atuais foram alunos de oficinas anteriores realizadas pelo Comupra.

Partindo da avaliação do contexto da região e da experiência acumulada nas iniciativas no Ribeiro de Abreu, as metodologias utilizadas procuram valorizar a construção coletiva e as riquezas já existentes. Os grupos serão os sujeitos ativos do processo de aprendizagem e transformação social.

Através do planejamento e reavaliação constante das oficinas e atividades educativas e culturais, esperamos contribuir efetivamente para o combate à exclusão social e para o resgate dos laços de solidariedade e da auto-estima da comunidade. As atividades e discussões serão desenvolvidas de forma sistêmica, buscando descobrir relações entre os contextos políticos, sociais, culturais e ambientais, relacionando fatos cotidianos do bairro com perspectivas mais amplas sobre ecologia e mundo globalizado.

## **OBJETIVO GERAL**

Implantar, junto aos moradores do Ribeiro de Abreu (bairro periférico com altos índices de vulnerabilidade social situado na região nordeste de Belo Horizonte) e redondezas, um conjunto integrado de ações de promoção do desenvolvimento local e de inclusão social da população em situação de risco. Pretende-se, tendo como base a sólida mobilização dos moradores que já acontece desde os anos 70, desenvolver atividades educativas e frentes de articulação e capacitação comunitária para a geração de trabalho e renda (horta comunitária, grupos de alfabetização de adultos e idosos e de inclusão digital / comunicação, centro de produção de alimentos e serviços, centro de arte e artesanato, centro de arte-educação). As ações deverão envolver uma rede com mais de 15 entidades (lista em anexo), atender diretamente 245 famílias, e gerar melhorias que irão beneficiar todo o bairro, que tem uma população de 30 mil habitantes

## **OBJETIVOS ESPECÍFICOS**

- Formar 30 adultos e idosos em oficinas de alfabetização, ampliando suas perspectivas de inserção social (por meio da inclusão no universo da leitura e escrita);
- Formar 20 jovens através de oficinas de inclusão digital e comunicação, para ampliar suas perspectivas de inserção social por meio do uso criativo das tecnologias digitais e da participação em iniciativas de comunicação comunitária que divulgarão o RIBAS;
- Promover a formação e criar perspectivas de geração de trabalho e renda para 60 jovens e adultos, através de um programa integrado de economia popular solidária envolvendo um centro de produção de alimentos e prestação de serviços e um centro de reciclagem e artesanato, buscando também incentivar e concretizar os princípios da economia solidária na região, contribuindo assim para a evolução do paradigma individualista do mercado para uma preocupação cada vez mais voltada para a solidariedade e o bem estar coletivo;
- Desenvolver atividades lúdicas e educativas com 30 crianças (de sete a 14 anos) da região, potencializando suas habilidades artísticas. Oferecendo também uma

solução para os pais que não têm onde deixar as crianças no horário alternativo ao escolar;

- Sensibilizar e capacitar 30 multiplicadores através de oficinas de educação ambiental e cidadania em uma Horta Comunitária funcionando dentro de uma escola do bairro. Visando também a disseminação de uma cultura de ecologia integral e construção de conhecimentos acerca de nutrição saudável, interdependência ecológica e preservação ambiental.
- Promover ampla mobilização da comunidade em torno de um projeto comum de desenvolvimento local do Ribeiro de Abreu, realizando encontros semestrais, com a participação de representantes dos diversos grupos e entidades locais. Envolver em torno de 75 participantes por encontro, para a avaliação das atividades do projeto RIBAS e elaboração coletiva de novas propostas de atuação.

## **FRENTES DE ATUAÇÃO**

As soluções para as dificuldades da região já vêm sendo construídas através da ampla mobilização da comunidade em diversas frentes de ação. O que se pretende é consolidar o processo, oferecendo à comunidade mais oportunidades de articulação para a melhoria das condições de vida individual e coletiva e de fortalecimento dos vínculos de solidariedade.

O RIBAS – Ribeiro de Abreu Social é um projeto de ações integradas que deverão contribuir para o desenvolvimento da inclusão e participação social, o fortalecimento dos laços comunitários, a conscientização ecológica e o aprimoramento da auto-estima e da cultura de solidariedade e paz.

O projeto prevê atividades direcionadas ao público jovem e adulto, que visam também a ampliar as oportunidades de geração de renda e de inserção no mercado de trabalho, fomentando assim o desenvolvimento socioeconômico da comunidade, juntamente com a discussão coletiva sobre temas cotidianos ligados ao contexto social, político e ambiental.

Atividades voltadas ao público infanto-juvenil deverão contribuir para o desenvolvimento lúdico e emocional das crianças, descobrir talentos e incentivar potenciais. E, além de ajudar as crianças na integração saudável com a comunidade, criar referências de atividades para o tempo livre que possam ser multiplicadas em outros espaços (como nas famílias e nas escolas).

As transformações virão através de uma rede de iniciativas interconectadas, que terão à frente os próprios grupos da comunidade, indicadas abaixo resumidamente por frentes de ação:

#### **A) Casa da Cidadania – Programa de educação para a inclusão social**

**.Grupo Alfabetizar** – visa a promover a alfabetização e iniciação no mundo da escrita e da leitura (duas turmas de 15 pessoas). As oficinas deverão integrar propostas pedagógicas de aprendizado com discussões sobre temas da vida cotidiana, para aumentar o interesse dos participantes e incentivar a reflexão e a cultura da cidadania participativa.

**.Grupo de Inclusão Digital e Comunicação** – oficinas de inclusão digital e comunicação comunitária para 2 grupos de 10 jovens, que ao longo do processo serão capacitados para se apropriarem de ferramentas da informática visando a desenvolver produções de mídia comunitária (site,jornal, folder e outros) para divulgar as ações do projeto RIBAS e contribuir para o diálogo e integração da comunidade.

#### **B) Programa de Economia Popular Solidária**

Entendemos que a *Economia popular solidária* implica uma redefinição do conceito de mercado. Este deve ser visto como relação social humana e não apenas como circulação de produtos e dinheiro. O objetivo principal não é a acumulação de riqueza, mas a melhoria do bem-estar coletivo. Isso só pode ser alcançado através da disseminação da consciência de solidariedade e ajuda mútua, com distribuição justa dos lucros e participação ativa de todos nas decisões.

**.Centro de produção de alimentos e prestação de serviços** – a iniciativa tem à frente um grupo de mulheres que está buscando, por meio da produção e prestação de serviços na área da alimentação, gerar alternativas de geração de trabalho e renda para a população da região. Para potencializar a mobilização, a atuação coletiva e a profissionalização destas mulheres, pretende-se promover um programa permanente de oficinas profissionalizantes (para atender dois grupos de 15 pessoas) em cursos de reaproveitamento de alimentos, nutrição, cozinha alternativa. Além da atividade de formação e conscientização para uma alimentação econômica e saudável, visa a promover também a geração de renda através da comercialização de alimentos.



**.Centro de reciclagem e artesanato** – voltado à integração, mobilização, formação e fomento a iniciativas de geração de renda protagonizadas pelos integrantes de famílias em situação de alto risco social da região. Nesse sentido, será desenvolvido um programa permanente de oficinas (promovido junto a dois grupos de 15 pessoas), abrangendo os temas de economia popular solidária, cooperativismo, artesanato com reciclagem de materiais (como embalagens PET, pedras, retalhos de madeira, jornais e revistas), pintura em madeira e tecido.

**.Centro de arte-educação (para crianças de sete a 14 anos)** – a proposta é atender aos filhos dos participantes do Grupo de Economia Popular Solidária e outras crianças da comunidade, oferecendo oficinas de arte-educação a duas turmas de 15 crianças, além de acompanhamento psico-pedagógico visando a desenvolver habilidades cognitivas e corporais.

### **C) Horta Comunitária**

A iniciativa de implementação desta Horta Comunitária já vem ocorrendo de forma articulada com a preocupação com a preservação ambiental. Durante as visitas e oficinas que ocorrem no local, temos procurado discutir o tema da ecologia, fomentando assim trocas de experiências que possam ser replicadas dentro da comunidade.

**. Oficinas comunitárias de educação ambiental e cidadania** – voltadas à comunidade em geral (três grupos de 10 pessoas, que serão responsáveis por replicar as oficinas), trabalharão com temas como: compostagem, preparo do solo e plantio, construção e utilização de estufa, valor nutricional dos alimentos orgânicos, alimento vivo, construção de canteiros e contenção de encostas com pneus e garrafas PET reciclados. Proporcionando também: resgate e revalorização da sabedoria dos idosos sobre plantas medicinais; geração de renda com comercialização de parte da produção em feira local; parceria com a escola com aulas de biologia, química e outras disciplinas na horta, com noções de alimentação saudável para os estudantes, além de aproveitamento de parte da produção na merenda escolar; disseminação em todo o bairro (através de estudantes e familiares) da idéia de aproveitamento de quintais e lotes para o cultivo de pequenas hortas; iniciativas de intercâmbio de experiências com outras comunidades interessadas.

## **AÇÕES PREVISTAS**

### **Estratégias de ação**

Para a implantação do projeto, prevê-se inicialmente (primeiro bimestre) uma mobilização dos grupos e entidades que se agregam em torno do Comupra, para a discussão das propostas. Este será um momento de estruturação das condições materiais (espaço, equipamentos, material de consumo, materiais didáticos), de constituição e qualificação da equipe, e de divulgação das atividades junto à comunidade, com posterior seleção dos participantes.

Prevê-se uma equipe constituída por um coordenador para cada frente de atuação: o Programa de Educação para a Inclusão Social, o Programa de Economia Popular Solidária e a Horta Comunitária. Cada uma destas frentes contará ainda com um assistente da coordenação, responsável pelas atividades de mobilização e articulação junto à comunidade, bem como pela organização da infra-estrutura necessária às ações; e três educadores, que se responsabilizarão pela condução das atividades formativas previstas. Também será constituída uma equipe administrativa (gerente administrativo e contador) para o projeto.

Em seguida a esta organização geral da estrutura material e humana e até o fechamento do projeto (mês 12), terão início, com execução a cargo dos educadores e coordenadores previstos na equipe, as seguintes atividades: curso de alfabetização de adultos e idosos, oficina de inclusão digital e comunicação, oficinas de produção de alimentos, oficinas de reciclagem e artesanato, atividades de arte-educação, oficinas de horticultura.

Tais atividades, de caráter formativo, terão como articuladores as lideranças comunitárias que já realizam encontros e outras atividades em parceria com o Comupra.

Os produtos de comunicação previstos no projeto terão o conteúdo produzido na oficina de inclusão digital e comunicação. Além disso, ao longo do desenvolvimento do projeto (meses 1,5 e 11), serão realizados encontros de planejamento e avaliação participativa das atividades, envolvendo representantes dos movimentos culturais e sociais da região.

### **Etapa 1: Preparação e planejamento coletivo inicial (dois primeiros meses de implantação)**

**Atividades:** 1) constituição da equipe executora do projeto, integrada por moradores do bairro com experiência em projetos da comunidade; 2) realização de um encontro (com carga horária de seis horas, realizado num final de semana) com os movimentos sociais da região (75 representantes), com o objetivo de sensibilizar a população, divulgar as ações, e promover a discussão coletiva de propostas de desenvolvimento local.

### **Etapa 2: implantação de atividades de formação, capacitação e economia popular solidária (meses 02 a 12 de implantação)**

#### **2.1. Grupo de alfabetização de adultos e idosos**

**Proposta:** promover a alfabetização dos participantes, num processo capaz de articular a leitura da língua à “leitura do mundo” e das questões comunitárias.

**Duração / carga horária das atividades de formação:** oito horas semanais, ao longo de 10 meses. Total: 320 horas.

**Público:** dois grupos de 15 pessoas com idade a partir de 18 anos.

#### **2.2. Grupo de Inclusão Digital e Comunicação**

**Proposta:** promover a capacitação dos jovens para a fluência na operação e no uso criativo do computador. Pretende-se que os envolvidos conheçam e se apropriem das ferramentas digitais disponíveis e tornem-se aptos a selecionar informações, produzir conteúdos (sites e materiais para divulgação on-line) e atuar no universo da comunicação mediada pelo computador.

Ao invés de se limitar à mera formação técnica, com a reprodução de procedimentos, ressaltamos nosso enfoque para que as tecnologias de informação sejam apropriadas criativamente pelos jovens. Os participantes das oficinas deverão valer-se das tecnologias para potencializar sua atuação como agentes de transformação social. Destacamos ainda a ênfase na criatividade e na livre expressão, pois a experiência de criação artística traz para os envolvidos a possibilidade de reinterpretar a realidade e de criar novas significações para a vida individual e coletiva.

O grupo desenvolverá os seguintes materiais de comunicação comunitária e de divulgação do RIBAS: um site, um folder, um jornal bimestral e um kit (texto informativo das atividades e fotos) bimestral para a imprensa.

**Duração / carga horária das atividades de formação:** 2 oficinas com a duração de 5 meses cada uma. Com a carga horária de seis horas semanais.

**Público:** 2 grupos de 10 jovens (com idade mínima de 14 anos).

### **2.3. Centro de Produção de Alimentos e Prestação de Serviços**

**Proposta / duração / carga horária das atividades:** duas oficinas de capacitação prática, cada uma durante 5 meses, e com a carga horária de oito horas semanais. Nas oficinas, as habilidades profissionais serão desenvolvidas no próprio processo de produção e/ou prestação de serviços. Carga horária total de cada oficina: 160 horas.

**Público:** dois grupos de 15 pessoas que já tenham propostas na área, com o compromisso de atuar como multiplicadoras. Idade: a partir de 16 anos.

**Programação:** Modulo 1 – princípios básicos de nutrição / alimentação saudável / preparação de alimentos com o aproveitamento de ingredientes que são tradicionalmente descartados (como cascas e talos). Modulo 2 – preparação e comercialização de pães, bolos e salgados. As oficinas trabalharão com fundamentos de empreendedorismo e cooperativismo, na perspectiva da economia popular solidária.

### **2.4. Centro de Reciclagem e Artesanato**

**Proposta / duração / carga horária das atividades:** duas oficinas de capacitação prática, cada uma durante 5 meses, e com a carga horária de oito horas semanais. Nas oficinas, as habilidades profissionais serão desenvolvidas no próprio processo de produção e/ou prestação de serviços. Carga horária total de cada oficina: 160 horas.

**Público:** dois grupos de 15 moradores das regiões de maior risco social da região, com o compromisso de atuar como multiplicadores. Idade: a partir de 16 anos.

**Programação:** Modulo 1: artesanato com reciclagem de materiais (objetos de uso doméstico, decoração e vestuário elaborados com embalagens PET, pedras, jornais e revistas). Modulo 2: acabamento das peças (técnicas como pintura em madeira e tecido) e comercialização na comunidade e adjacências. As oficinas abordarão os temas da economia popular solidária / cooperativismo, com vistas a fomentar a criação de um projeto mais amplo de geração de renda por meio da reciclagem do artesanato.

## **2.5. Centro de Arte-educação infantil**

**Proposta / duração / carga horária das atividades:** duas oficinas permanentes de arte-educação, com a duração de 10 meses, e com carga horária de 15 horas por semana.

**Público:** dois grupos de 15 crianças/adolescentes de sete a 14 anos. Ressaltamos que trata-se de um público numa faixa etária que não é atendida pelas creches locais e ainda não se enquadra nos programas de ações complementares à escola voltados ao público jovem.

**Programação:** atividades de sensibilização, criação e expressão nas diversas linguagens artísticas. Acompanhamento psico-pedagógico das crianças.

## **2.6. Horta comunitária**

**Proposta / duração / carga horária das atividades:** três oficinas de educação ambiental, com a duração de 3 meses e 1 semana cada oficina. Com a carga horária de quatro horas semanais.

**Público:** três grupos de 10 moradores (idade a partir de 16 anos), com o compromisso de atuar como multiplicadores.

**Programação:** compostagem, preparo do solo e plantio, construção e utilização de estufa, valor nutricional dos alimentos orgânicos, alimento vivo, construção de canteiros e contenção de encostas com pneus e garrafas PET reciclados. Discussão coletiva das seguintes questões: resgate e revalorização da sabedoria dos idosos sobre plantas medicinais; possibilidades de geração de renda com comercialização de parte da produção em feira local; parceria com a escola com aulas de biologia, química e outras disciplinas na horta, com noções de alimentação saudável para os estudantes, além de aproveitamento de parte da produção na merenda escolar; disseminação em todo o bairro (através de estudantes e familiares) da idéia de aproveitamento de quintais e lotes para o cultivo de pequenas hortas; perspectivas de intercâmbio de experiências com outras comunidades interessadas.

### **Etapa 3: implantação de atividades de planejamento e avaliação coletiva do projeto (meses 06 e 12 de implantação)**

Realização de dois encontros (um na metade e outro ao final da implantação do projeto), com carga horária de seis horas, realizados em finais de semana. Reunirão os movimentos sociais da região (75 representantes em cada encontro) para avaliar

as atividades em curso e planejar novas ações. Nos dois momentos, uma pauta importante será a continuidade / sustentabilidade a médio e longo prazo.

## **PÚBLICO DO PROJETO**

### **Caracterização do Público-alvo**

O RIBAS atenderá prioritariamente a moradores do bairro Ribeiro de Abreu de todas as faixas etárias. Trata-se de um segmento da população considerado em situação de risco social — pertencentes a famílias com renda média entre 01 e 03 salários mínimos, moradores de uma região carente de infraestrutura urbana básica e de equipamentos esportivos e culturais, com alta densidade populacional por moradia e altos índices de vulnerabilidade social (IVS).

### **Quantitativo de Público**

O projeto tem por objetivo implantar, junto aos moradores do Ribeiro de Abreu e redondezas, um conjunto integrado de ações de promoção do desenvolvimento local e de inclusão social da população em situação de risco. Pretende-se desenvolver atividades educativas e frentes de articulação e capacitação comunitária para a geração de trabalho e renda. As ações deverão envolver uma rede com pelo menos de 15 entidades, atender diretamente 245 famílias (aproximadamente 980 cidadãos) e gerar melhorias que irão beneficiar todo o bairro, que tem uma população de 30 mil habitantes.

**Estimativa de público-alvo:** 245 pessoas (atendidos diretamente).

**Público-alvo específico por atividade**

<b>Atividade</b>	<b>Nº de atendidos</b>
Encontro dos movimentos sociais para sensibilização e discussão das propostas	75
Grupo de alfabetização de adultos e idosos	30
Grupo de Inclusão Digital e Comunicação	20
Oficinas do Centro de Produção de Alimentos e Prestação de Serviços	30
Oficinas do Centro de Reciclagem e Artesanato	30
Oficinas do Centro de Arte-educação infantil	30
Horta comunitária	30
Encontro de planejamento e avaliação coletiva *	75
Encontro final de planejamento e avaliação coletiva *	75
Total	245

\*OBS: Nestes dois itens o número de atendidos não foi acrescentado ao somatório total.

**Público indireto:** os encontros de sensibilização e mobilização comunitária envolverão representantes de no mínimo 15 entidades comunitárias, com efeito multiplicador dentro da comunidade.

**Número de empregos diretos gerados:** o projeto trabalha na perspectiva de geração de oportunidades formativas para o empoderamento individual e coletivo. Não prevê, assim, a geração de empregos diretos. Prevê-se, contudo, a geração de oportunidades de trabalho e renda para 90 pessoas (usuários das oficinas de produção de alimentos e prestação de serviços, reciclagem e artesanato e horta comunitária).

## **REGIÃO E ABRANGÊNCIA**

Nascido de um processo de ocupação desordenada por volta de 1955, o Ribeiro de Abreu é hoje o segundo maior bairro de Belo Horizonte e situa-se na periferia do município. A maioria da população é constituída por famílias de operários da construção civil, trabalhadores da área de serviço e indivíduos sem ocupação definida. O bairro conta com uma população de aproximadamente 30 mil pessoas e é marcado pelos problemas comuns às regiões periféricas das grandes cidades – carência de infra-estrutura urbana, pobreza, poluição e violência.

Conforme dados oficiais, o Ribeiro de Abreu possui quatro áreas declaradas como “aglomerados”, e a população destes locais em sua grande maioria é composta por famílias sem condições de segurança alimentar. No mapa da fome da cidade, o bairro é citado com 29% das crianças abaixo do peso ideal. Além disso, tem ocupado lugar de destaque em estatísticas de violência na área de abrangência da 24ª Cia de Polícia Militar.

A Rodovia MG 20 cruza a região e apresenta ocupação irregular de aproximadamente 500 famílias. Ao lado da rodovia, e delimitando a fronteira entre as regiões norte e nordeste de BH, existe uma grande extensão do Córrego do Onça (um dos maiores afluentes do Rio das Velhas na região da grande BH), que se encontra intensamente poluído e com as margens invadidas, o que tem gerado muitos problemas relativos à saúde, segurança e dignidade da população.

A escassez de ações sociais continuadas por parte do poder público contribui para dificultar ainda mais a situação. Um grande bolsão de miséria vem se formando no bairro e no seu entorno, agravando o contexto de diminuição da auto-estima coletiva e proliferação da violência.

Diante deste cenário, a própria comunidade, que vem se articulando intensamente desde a década de 70, em janeiro de 2001 criou o Conselho Comunitário Unidos Pelo Ribeiro de Abreu – Comupra. Entidade que tem desenvolvido ações de mobilização da comunidade e articula uma rede de parceiros, visando a enfrentar esses problemas e contribuir para a melhoria da qualidade de vida da população.

Através de uma coleta de dados, realizada em 2002 por um grupo de voluntários do bairro junto a 689 pessoas da região, foi apurado que, na opinião dos entrevistados, um dos principais fatores que contribui para a situação de violência e crescente consumo de drogas é a falta de ações e espaços públicos de cultura, lazer e educação para os jovens e crianças. Tais problemas estão diretamente associados ao enfraquecimento dos laços comunitários. Além disso, tem sido constatada a crescente demanda da população por atividades, como cursos e oficinas, que possam contribuir na geração de renda e inserção no mercado de trabalho.

Apesar das graves dificuldades sociais, econômicas e ambientais, a comunidade do Ribeiro de Abreu tem demonstrado grande capacidade de articulação e participação nas ações locais. Prova disso é o número crescente de apoiadores e voluntários que têm contribuído para dar força e legitimidade para o Conselho Comunitário Unidos Pelo Ribeiro de Abreu. O que também é fruto da dedicação, do trabalho árduo e do



acúmulo de experiência dos fundadores e integrantes do Comupra nas lutas comunitárias.

Outro sinal positivo é o crescimento constante (em tamanho e grau de comprometimento) da rede de parceiros compartilhando o ideal comum da melhoria das condições de vida de toda a população da região. Como exemplos, podemos citar: Fórum Mineiro de Segurança Alimentar; Programa Ação da Cidadania (que escolheu o Ribeiro de Abreu como comunidade de referência nacional em mobilização comunitária); a Escola Estadual Bolivar Tinoco Mineiro (onde funciona atualmente o projeto RIBAS – Nossa Horta); a Fundação Banco do Brasil (que doou computadores para o Telecentro Comunitário); Igrejas do bairro (que oferecem espaços para eventos maiores); além de diversas outras parcerias com instituições governamentais e não governamentais.

E, sobretudo, é indispensável destacar nossa ênfase na participação ativa e corresponsabilidade daqueles que manifestam interesse em colaborar nos diversos projetos. O que vem gerando resultados positivos de valorização do potencial humano local, com o crescimento da auto-estima e do comprometimento dos envolvidos.

Dessa maneira, apesar de todas as dificuldades, as pessoas da comunidade já estão muito articuladas e atuando em diversas frentes de trabalho, muitas vezes de forma voluntária ou apenas com uma ajuda simbólica. E é este contexto atual de mobilização que nos dá o embasamento para que este projeto, através das atividades de formação e melhoria de infra-estrutura, possa representar um avanço efetivo a partir do que já estamos desenvolvendo.

Além das pessoas diretamente beneficiadas, o projeto já prevê outras formas de atingir públicos diversificados. O compromisso com a multiplicação dos conhecimentos trocados é uma garantia de que famílias, escolas e parceiros de trabalho são partes da rede que este projeto pretende potencializar. Além disso, através das produções em comunicação comunitária (jornal, folders e site na internet) que devem ser criadas a partir das oficinas de inclusão digital e comunicação, estimamos que um público de cerca de seis mil pessoas deve ser atingido indiretamente. Assim, a área de abrangência será ampliada também para todos os bairros vizinhos, outros pontos estratégicos da cidade e, através da internet, para redes trocas de experiências com outros projetos similares.

Além disso, tendo em vista a influência da grande mídia na construção da imagem do bairro junto à sociedade, no posicionamento do poder público em relação à região e na auto-estima da comunidade, vamos reunir esforços para estabelecer laços construtivos com jornalistas e outros profissionais da comunicação para pautar positivamente a mídia a partir de nossas ações e projetos.

## **CRITÉRIOS DE SELEÇÃO DO PÚBLICO PARTICIPANTE**

A partir da pesquisa comunitária de 2002, eventos e atividades de sensibilização para o público em geral, o Comupra já vem realizando cadastros de pessoas da comunidade, com dados pessoais e áreas de interesse. Na seleção para as oficinas, além das entrevistas onde são avaliados a vontade de participar e o grau de comprometimento dos candidatos, procura-se dar prioridade àqueles que se encontram em situação de risco social. Os diagnósticos são permanentemente atualizados e os critérios de seleção são estabelecidos em função dos objetivos e características próprios de cada frente de ação.

Para as oficinas na horta comunitária, a seleção vai levar em conta a prioridade para as pessoas desempregadas e para aqueles que demonstrem alguma experiência anterior em atividades com a terra ou gosto pessoal para lidar com as plantas. A idade mínima é de 16 anos. Privilegiando também as pessoas aposentadas, os idosos e todos com algum conhecimento de plantas medicinais.

Para as atividades do Grupo de Economia Solidária, além da prioridade para as famílias em situação de risco social, a seleção buscará identificar os interessados que tenham propostas concretas de desenvolver, coletivamente, atividades de geração de renda nas áreas de alimentação, reciclagem e artesanato, e que possam se comprometer com a multiplicação do projeto, repassando o conteúdo aprendido para a comunidade. Para participar do programa de arte-educação, as crianças (de 7 a 14 anos) deverão estar freqüentando a escola regularmente, e receberão prioridade as famílias que não têm onde deixar as crianças no horário extra-escolar.

Na Casa da Cidadania, as oficinas de alfabetização selecionarão interessados a partir de 18 anos com prioridade para aqueles em situação de desemprego e de baixa renda. Já o Grupo de Inclusão Digital e Comunicação enfoca os jovens (a

partir de 14 anos), buscando também potencializar os que já apresentam algum dom para a criação artística, a comunicação e comprometimento comunitário.

## **METODOLOGIA**

As atividades de formação serão desenvolvidas com a utilização de procedimentos calcados na idéia da interação e no ideal de educação participativa. A referência aqui são os princípios preconizados por Paulo Freire; trata-se de desenvolver continuamente atividades desafiantes, de propor ao grupo – em jogos e dinâmicas de interação e debate – ser sujeito ativo no processo do conhecimento.

Outro procedimento fundamental ao desenvolvimento do projeto são as práticas de planejamento e avaliação participativas das atividades. Todas as atividades previstas no projeto foram planejadas em função das demandas dos grupos – levantadas em pesquisas e encontros comunitários. Além disso, o processo de implantação das oficinas e das atividades produtivas / de geração de renda será norteado pelas propostas nascidas dos próprios grupos, dos desafios surgidos no cotidiano do projeto, e de avaliações coletivas engendradas dia-a-dia e em encontros com ampla participação dos movimentos locais.

As ações serão desenvolvidas tendo como base três conceitos principais:

**Mobilização e protagonismo comunitários** – o projeto baseia-se num processo de muitos anos de mobilização e lutas da comunidade, que já resultou em importantes conquistas. O que se pretende é ampliar o processo de mobilização, melhorando as condições materiais (especialmente no que diz respeito às instalações e equipamentos) e as oportunidades de qualificação dos grupos já articulados. Não trabalhamos, portanto, com a idéia de um público que irá receber uma série de ações prontas. Na perspectiva da construção de metodologias participativas e da gestão democrática, os grupos serão os sujeitos condutores das atividades, inclusive as de formação (entendemos as oficinas previstas como espaços de intercâmbio e a idéia é que os educadores, que terão um papel de facilitadores do processo, sejam pessoas da comunidade).

**Economia popular solidária** – os participantes serão convidados a desenvolver iniciativas concretas de geração de renda. Todas as oficinas comunitárias terão o objetivo de desenvolver “embriões” de iniciativas de economia popular solidária – projetos de produção e de prestação de serviços concebidos e geridos coletiva e

democraticamente, com benefícios distribuídos a todos, alimentados por uma constante troca de conhecimentos sobre formas de otimizar o trabalho desenvolvido, articulados a outras iniciativas semelhantes na cidade, e integrados às propostas comunitárias de desenvolvimento do Ribeiro de Abreu.

**Desenvolvimento comunitário integral** – os problemas que afligem o Ribeiro de Abreu são complexos e englobam diversas dimensões: econômica, social, educacional, cultural e ambiental. É preciso, portanto, desenvolver ações integradas capazes de abranger todas essas dimensões. Assim, o Ribas propõe frentes de ação interconectadas e interdependentes. A geração de renda, por exemplo, acontece necessariamente em ações de mobilização e capacitação comunitária, e está ligada à reciclagem do lixo que polui a região e à conscientização em torno da questão nutricional com utilização de alimentos orgânicos, com baixo custo de produção e aproveitamento dos saberes dos mais velhos da comunidade.

## **SUSTENTABILIDADE**

Nos últimos anos, o Comupra tem procurado garantir a manutenção e ampliação das ações desenvolvidas na comunidade através do apoio de diversas instituições. Parte dos nossos gastos com material didático e administrativo já é coberta pela doação de recursos financeiros da Gematur Transportes Urbanos Ltda. Recebemos do Banco do Brasil computadores para nossa sede que é alugada. E recentemente foi concretizada uma parceria com a gráfica O Lutador, que nos garante uma grande redução nos custos de material impresso.

Já estamos começando a gerar recursos próprios através da renda obtida com a comercialização de parte da produção do Grupo de Economia Solidária e da horta comunitária.

Temos procurado, nos últimos anos, apoio de técnicos e assessores especializados, possibilitando a formação administrativa dos integrantes do Comupra. Visamos assim a desenvolver estratégias de gestão e planejamento que garantam maior segurança para a manutenção e ampliação de todas as frentes de trabalho. Dessa forma, temos procurado também traçar estratégias para captação de recursos com a antecedência necessária para evitar a suspensões temporárias das ações. Além disso, estabelecemos a meta de buscar ampliar a diversificação das fontes de recursos para assegurar nossa estabilidade financeira.

O engajamento e dedicação da comunidade são os maiores recursos sociais que procuramos cultivar. Em cada frente de ação, agimos de modo a capacitar o público atendido para que se sinta verdadeiramente parte da ação, com crescente autonomia e co-responsabilidade para seguir atuando com entusiasmo na replicação e ampliação das iniciativas. Devido à preocupação com o fortalecimento da auto-estima e relações mais solidárias entre todos envolvidos, podemos constatar bons resultados na melhoria da convivência e cooperação. Isso fica muito explícito, por exemplo, na maneira autônoma e receptiva como os ex-participantes das oficinas da horta comunitária (hoje multiplicadores) recebem os visitantes.

## **COMUNICAÇÃO E PLANO DE MÍDIA**

O projeto será divulgado por uma série integrada de ações e meios, todos produzidos pelos jovens da região em um processo ao mesmo tempo formativo, mobilizador e de produção comunitária de mídia, que conta também com o apoio de um dos nossos principais parceiros: a Associação Imagem Comunitária.

A apresentação inicial das propostas será divulgada em um folder geral do projeto. Um site, com atualização mensal, disponibilizará textos gerais e informações do dia-a-dia das atividades. Além disso, bimestralmente um jornal impresso levará notícias sobre o desenvolvimento do RIBAS aos moradores da região, parceiros e mala direta do Terceiro Setor. A imprensa será informada bimestralmente sobre as atividades (por meio de kit com release e fotos), uma vez que é importante construir – nos meios e junto à sociedade – uma nova imagem do Ribeiro de Abreu. A mídia tradicionalmente pauta a periferia quando se trata de temas ligados à pobreza e à violência, mas os moradores da região, já mobilizados, têm conseguido dar visibilidade a suas iniciativas de cidadania. A idéia é ampliar a visibilidade das conquistas do movimento comunitário.

Um aspecto fundamental da divulgação do projeto será os três encontros de lideranças comunitárias previstos, que serão amplamente difundidos junto à imprensa por meio de kits com releases e fotos, e na região nordeste de Belo Horizonte por meio da distribuição de mil panfletos por evento.

Todas as peças produzidas trarão a logomarca dos Correios. Entrevistas, artigos e outras peças mencionarão os Correios como patrocinador.

## PLANO DE MÍDIA

Tipo de mídia	Quantidade
Folder	1000
Panfletos (três tipos, cada um com tiragem de mil exemplares)	3000
Jornal (cinco edições, cada uma com tiragem de mil exemplares)	5000
Kits para a imprensa (releases e fotos)	05
Banner para eventos	04
Eventos	03
Web site na internet	01

## HISTÓRICO DO Comupra

A fundação do Conselho Comunitário Unidos pelo Ribeiro de Abreu é fruto de uma LONGA história de luta social de um coletivo de pessoas, grupos, movimentos e instituições que vêm atuando há diversos anos em iniciativas comunitárias de defesa da dignidade humana e de promoção da cidadania ativa.

A entidade nasce de mobilizações coletivas em curso desde os anos 70 no bairro e redondezas, como movimentos de criação de associações locais; lutas por garantia de saneamento básico, construção de escolas, creches e espaços públicos voltados ao lazer e a práticas esportivas; além de experiências de mobilização nas Comunidades Eclesiais de Base.

Um dos marcos do processo de articulação da comunidade do Ribeiro de Abreu foi a constituição do Grupo Garra, que reuniu, no início dos anos 80, jovens e adultos engajados na luta comunitária. Algumas das conquistas das ações desse grupo foram: Participação na construção de uma creche comunitária, regularização do bairro junto ao poder público, implantação de saneamento básico e de um posto de saúde local, construção de grande parte do muro da Escola Estadual Bolívar Tinoco Mineiro, entre outras.

Em janeiro de 2001, objetivando consolidar a organização e constituir legalmente o grupo, efetivamos a fundação do **Conselho Comunitário Unidos Pelo Ribeiro de Abreu**. O Comupra é uma entidade sem fins lucrativos, com sede no bairro Ribeiro de Abreu, na Região Nordeste de Belo Horizonte, tendo como área de atuação o bairro e adjacências, com uma população estimada em torno de 30 mil moradores, constituída em sua grande maioria de pessoas de baixa renda e em situação de risco social.

A entidade tem como missão atender as premissas básicas de melhorias das condições de vida da comunidade através de ações coletivas nas áreas de educação, trabalho, lazer, geração de renda, ecologia e consciência de cidadania.

O objetivo é viabilizar parcerias envolvendo moradores, ONGs, poder público e empresas para a construção de um projeto amplo de desenvolvimento para a região. A idéia é desenvolver iniciativas e atuar para que sejam implantadas políticas públicas de desenvolvimento que contemplem as especificidades históricas, sociais, geográficas e ambientais do bairro e adjacências.

O Comupra tem atuado no sentido de valorizar as iniciativas da comunidade, melhorando a auto-estima dos moradores, e realizar ações coletivas capazes de gerar impactos concretos na qualidade de vida urbana e criar perspectivas de geração de trabalho e renda para as famílias.

Outro foco é a promoção da consciência da ecologia integral (entendendo que a promoção do desenvolvimento humano é inseparável da preservação do ambiente), tendo em vista que o bairro possui duas grandes riquezas naturais: o Ribeirão da Onça (um dos maiores afluentes do Rio das Velhas na região da grande BH, alvo de grande volume de poluentes) e uma área verde de 356 mil m<sup>2</sup>, zona de preservação ambiental permanente, que é parte da única mata nativa preservada em toda a região norte/nordeste da cidade e que é permanentemente ameaçada pelo processo de ocupação desordenada da região e pela especulação imobiliária.

Em abril de 2002, o Comupra realizou a 1ª Ação Integrada na Comunidade e uma consulta popular com 689 pessoas que apontaram alguns anseios e perspectivas. Com base no resultado desta pesquisa, iniciamos a elaboração do projeto **RIBAS – Ribeiro de Abreu Social**. A proposta do projeto é impulsionar mudanças na região a partir da mobilização social em torno de um conjunto de ações integradas.

## **Cronologia de Ações**

### **Em 2002**

- 1ª Ação Integrada na comunidade – Atividades de lazer, prestação de serviços e realização de pesquisa com 689 pessoas sobre problemas e potenciais da região;
- Estabelecimento de parceria com o Comitê Minas da Ação da Cidadania e realização do “1º Natal Sem Fome do Ribeiro de Abreu”, com atividades

educativas, culturais e de mobilização dos moradores em maior situação de risco social da região. A campanha pautou-se pela proposta de superar o assistencialismo e não se restringiu à distribuição de cestas básicas, brinquedos e roupas. Os beneficiários foram convidados a dar uma contrapartida (como a coleta de garrafas PET e pneus que poluem o bairro e são focos de Dengue, materiais que foram incorporados às oficinas) e a inserir-se nas atividades de geração de renda como a horta comunitária. Uma extensa rede envolvendo voluntários e cerca de 50 entidades e empresas do Ribeiro de Abreu envolveu-se na campanha, que atendeu a 468 famílias dos bairros Novo Aarão Reis, conjunto Raimunda de Brito Martins, poligonal 6, paulo VI e Ribeiro de Abreu. Tendo em vista todo este processo de mobilização, a Ação da Cidadania considerou a experiência do Ribeiro de Abreu como uma referência nacional de mobilização comunitária.

- Implantação da Bolsa de Emprego Solidário, visando à recolocação de profissionais no mercado de trabalho.
- Realização de cursos profissionalizantes através do programa do FAT – Fundo de Amparo ao Trabalhador, qualificando cerca de 90 jovens e adultos em telemarketing.

### **Em 2003:**

- Distribuição de seis toneladas de alimentos para um total de 300 famílias e recolhimento de 3000 garrafas PET. A campanha aliou a distribuição de alimentos a uma ação ecológica e sanitária. Tendo em vista a alta poluição do Ribeirão da Onça e ainda que garrafas com água parada são um dos principais focos de Dengue na região, a despoluição do rio e o combate à Dengue fizeram parte da campanha. Cada uma das famílias em situação de risco social beneficiadas com a cesta básica recolheu no mínimo 10 garrafas PET vazias.
- Workshop de Capacitação em Liderança – Líder Cidadão, para 20 pessoas em parceria com SEBRAE-MG;
- Início da implantação do Projeto RIBAS – Nossa Horta dentro da E. E. Bolívar Tinoco Mineiro;



- Projeto RIBAS Alfabetizar – início de programa de alfabetização para duas turmas de adultos e idosos;
- Festival de Papagaios;
- Implantação, manutenção e conservação de jardim no principal ponto de ônibus do bairro (Projeto Ribas – Nossa Horta);
- Cultivo de ervas medicinais e jardins na E. E. Bolivar Tinoco Mineiro;
- Participação na Passeata pela Paz organizada pela administração regional da prefeitura;
- Parceria com a Associação Imagem Comunitária para a divulgação das ações da comunidade junto à imprensa e o desenvolvimento de ações de comunicação comunitária.
- Participação e homenagem no Fórum Social das Mulheres da Região Nordeste.

**Em 2004:**

- Estabelecimento de parcerias diversas para apoio às atividades de economia solidária – Instituto Marista de Solidariedade, universidade Federal de Minas Gerais, pUC Minas, rede de Intercâmbio de Tecnologias Alternativas, fórum Mineiro de Segurança Alimentar, fórum Mineiro de Economia Solidária e Secretaria Municipal de Educação.
- Criação de duas unidades de atuação do Comupra junto à comunidade: a Casa da Cidadania, voltada a sediar atividades educativas (como cursos de alfabetização de adultos e idosos), telecentro comunitário, biblioteca comunitária e oficinas de arte e cultura; e o Centro de Economia Popular Solidária, voltado a oficinas e atividades de geração de renda com a produção de alimentos e de produtos artesanais reciclados.
- Participação em encontros do Fórum Mineiro de Segurança Alimentar e da Rede de Intercâmbio de Tecnologias Alternativas;
- Participação no 1º Seminário de Solidariedade do Colégio Marista Dom Silvério;
- Recepção a Caravana Dignidade e Vida (CONSEA) junto com a Rede de Intercâmbio de Tecnologia Alternativas;

- Reuniões com a equipe do Projeto Manuelzão (projeto da UFMG que trabalha com a consciência ecológica ligada à preservação da água dos rios) para discussão de problemas ambientais como a poluição do Ribeirão do Onça e os processos de invasão da mata nativa (área de preservação ambiental) localizada no bairro;
- Oficina de Contenção de Encostas e Construção de Plataformas para Desenvolvimento de Agricultura Urbana em Encostas, utilizando pneus (Projeto Nossa Horta);
- Criamos e iniciamos os trabalhos do Grupo de Economia Popular Solidária;
- Oferecemos oficinas de Cestaria de Jornal na UFMG durante a V UFMG Jovem, no Colégio Promove e no Projeto Gira Praça do SESC, realizado na comunidade do Bairro Jardim Guanabara/BH;
- Promovemos a Festa da Colheita na E. E. Bolivar Tinoco (Festa Junina);
- Início de contato e parceria com a Fundação Banco do Brasil (para instalação de telecentro) e com a Telemar (para a implantação de internet banda larga na Casa da Cidadania);
- Visita e parceria com professores da Faculdade Estácio de Sá;
- Participação na implantação do Projeto Fica Vivo (oficinas de arte e cultura oferecidas aos jovens), do governo estadual, no Ribeiro de Abreu;
- Promovemos workshop com os membros do Comupra sobre Relações interpessoais (com o tema: Valores do Comupra);
- Participação no 1º Encontro Nacional de Empreendedores de Economia popular solidária;
- Promovemos dois Seminários para Educadores da Região com o tema: “Reconstruindo os Valores Humanos no Ribeiro de Abreu” na E. M. Paulo Freire e E. E. Bolivar Tinoco Mineiro;
- Participação no Fórum Mineiro de Responsabilidade Social;
- Participação no Fórum Social Mineiro – Feira de Economia Solidária com exposição de trabalhos na Feira da Praça da Estação;
- Participação no 1º Encontro Nacional de Economia Solidária em Brasília (Distrito Federal);
- Participação no Encontro Social na 1ª Festa da 3ª Idade com barraca de Alimentos;

- Participação no “Jubileu de Prata” da cidade de Matosinhos com exposição de trabalhos artesanais;
- Implantação de telecentro na Casa da Cidadania (parceria com a Fundação Banco do Brasil, prodabel, telemar).

**Em 2005:**

- Realização da Oficina de Futebol de Areia para 25 crianças e adolescentes em parceria com o Programa Fica Vivo (meses de fevereiro a dezembro);
- Implantação no Projeto RIBAS – Casa da Cidadania do Telecentro Comunitário em parceria com o Banco do Brasil;
- Recebimento de doação da NEXTEL de Kits Escolares para o Projeto RIBAS – Alfabetizar;
- Parceria com UFMG: Projeto reciclando cestaria de jornal;
- Inauguração (no Projeto RIBAS – Casa da Cidadania) da Biblioteca Comunitária Pedagoga Antônia Amorim;
- Oficina de Movimento e prática na educação popular em saúde;
- Oficina para construção de estufas (Projeto Ribas – Nossa Horta);
- Aprovação do Projeto RIBAS – Cozinha COOPERPAPS em parceria com o Instituto Marista de Solidariedade (R\$ 5.000,00);
- Implantação do Centro de Arte-educação dentro do Projeto RIBAS – COOPERPAPS (20 crianças);
- Estabelecimento da parceria de gestão com a GEMATUR;
- Oficina de jornal na UFMG;
- Estabelecimento da parceria com a gráfica O Lutador;
- Aprovação do Projeto RIBAS – Nossa Horta para construção da Estufa e ampliação dos canteiros em parceria com o PROSAN – CARITAS (R\$ 4.000,00);
- Participação na Conferência Municipal de Habitação sobre a MG 20;
- Participação nas reuniões do grupo de articulação em Agricultura Urbana ;
- Condução e acompanhamento do processo de realocação das 500 famílias moradoras da MG 20;
- Participação no I Encontro de Agricultura Urbana no Recanto N. Sra. da Boa Viagem;

- Estabelecimento de parceria com a PRODABEL;
- Encontro sobre Plantas Medicinais;
- Participação em dois Encontros de Agricultura Urbana (1o na Escola Estadual Bolivar Tinoco Mineiro e 2o no Recanto Nossa Senhora da Boa Viagem);
- Encontro de formação do Brasil Alfabetizado;
- Participação no Fórum Social Mineiro;
- Participação na reunião com representantes dos Telecentros de BH;
- Realização da Oficina “Cozinha Brasil”;
- Realização da Oficina de “Educação Alimentar” promovida pela Secretaria de Abastecimento da PBH;
- Inscrições e visitas domiciliares da campanha do IV Natal Sem Fome e Sem Dengue;
- A equipe do Futebol de Areia ganhou a gincana promovida pelo Programa Fica Vivo, para arrecadação de doações para o IV Natal Sem Fome e Sem Dengue;
- Distribuição das cestas para as famílias cadastradas (230);
- Construção do Túnel Agrícola na “Nossa Horta”;
- Apresentação da peça teatral pela equipe de Futebol de Areia na EM Paulo Freire como parte da festa de natal promovida pelo Programa Fica Vivo;



OBJETIVOS ESPECÍFICOS (Resumo)	ATIVIDADES	Set 06	Out 06	Nov 06	Dez 06	Jan 06	Fev 07	Mar 07	Abr 07	Mai 07	Jun 07	Jul 07	Ago 07
4) Oficinas de produção de alimentos com a participação de 30 multiplicadores.	Preparação das oficinas de formação e produção.	X	X										
	Implantação das oficinas de formação e produção.			X	X	X	X	X	X	X	X	X	X
	Produção de plano de ação para a continuidade.											X	X
5) Oficinas de reciclagem e artesanato com a participação de 30 multiplicadores.	Preparação das oficinas de formação e produção.	X	X										
	Implantação das oficinas de formação e produção.			X	X	X	X	X	X	X	X	X	X
	Produção de plano de ação para a continuidade.											X	X
6) Promover atividades de arte-educação junto a 30 crianças.	Preparação do programa de arte-educação	X	X										
	Implantação do programa de arte-educação.			X	X	X	X	X	X	X	X	X	X
7) Promover uma frente de atividade de desenvolvimento local ligadas à horta comunitária, com a participação de 30 multiplicadores.	Preparação das oficinas de formação e produção.	X	X										
	Implantação das oficinas de formação e produção.			X	X	X	X	X	X	X	X	X	X
	Produção de plano de ação para a continuidade.											X	X
8) Promover a mobilização da comunidade para o planejamento e avaliação do projeto.	Preparação dos encontros dos movimentos sociais da região.	X				X						X	
	Realização dos encontros dos movimentos sociais da região.	X					X						X

## ANEXO B – RELATÓRIO PROJETO RIBAS/CORREIOS

Projeto  
**RIBAS**  
Ribeiro de Abreu Social



Projeto  
**RIBAS**  
Ribeiro de Abreu Social

Realização:

# **Realização: Comupra**

## **Relatório financeiro**

**PERÍODO:01/09/2006 à 30/09/2007**

**Belo Horizonte, outubro de 2007**



## ÍNDICE

Itens	Pág.
Apresentação.....	01
<b>RELATORIO FINAL DE EXECUÇÃO E DESENVOLVIMENTO DE ATIVIDADES</b>	
Quadro das ações executadas (dados quantitativos)	02
Quadro das entidades envolvidas nos seminários e outras ações de mobilização	03
Avaliação qualitativa	04
Efeito multiplicador	05
<b>AVALIAÇÃO DAS OFICINAS POR PARTICIPANTES E EDUCADORES</b>	
Metodologia e avaliações participativa	07
Principais aspectos avaliados	08
<b>RESULTADOS</b>	
Descrição de atividades e resultados quantitativo	08
<b>RESULTADOS QUALITATIVOS</b>	
Desenvolvimento individual	10
Desenvolvimento coletivo e comunitário	13
<b>PARCERIAS E REDES</b>	
Parceria pela revitalização humana e ambiental do bairro	15
Parcerias pela sustentabilidade	16
<b>RELATÓRIO 3º SEMINÁRIO</b>	
Relatório do 3º seminário	17
Finalização	18
<b>ANEXOS</b>	
<ul style="list-style-type: none"> <li>• ficha dos participantes das oficinas</li> <li>• lista de presença dos participantes do 1º, 2º e 3º seminários</li> <li>• release enviadas à imprensa do 1º, 2º e 3º seminários</li> <li>• boletim informativo da rede jovem cidadania –associação de imagem comunitária</li> <li>• boletim informativo última hora news</li> <li>• reportagem do jornal diário da tarde – 06/12/2006</li> <li>• certificado de palestrante na VI Conferência distrital de saúde nordeste "saúde e qualidade de vida:política de estado e desenvolvimento"</li> <li>• carta informativa sobre classificação prêmio Itaú-Unicef</li> <li>• planfletos para oficinas e seminários</li> <li>• Foto do banner dos CORREIOS</li> </ul>	

## **Apresentação**

O Comupra – Conselho Comunitário Unidos pelo Ribeiro de Abreu apresenta o relatório financeiro do projeto RIBAS – Ribeiro de Abreu Social patrocinado pelos Correios.

Este relatório contém as planilhas de lançamento mensal (set/06 a set/07), a planilha do consolidado do período, o comprovante de depósito em favor da Empresa Brasileira de Correios e Telégrafos, xérox dos extratos da conta corrente e da aplicação.

### 1. Quadro das ações executadas (dados quantitativos)

<b>Atividades</b>	<b>Duração</b>	<b>Carga horária</b>	<b>Nº de participantes</b>
Oficina de Produção de Alimentos e Prestação de Serviços	02 oficinas de 05 meses (160hs cada)	320 h	15 alunos (1ª) 17 alunos (2ª) Total: 32
Oficina de Reciclagem e Artesanato	02 oficinas de 05 meses (160hs cada)	320 h	15 alunos (1ª) 16 alunos (2ª) Total: 31
Oficina de Arte-educação infantil	02 oficinas de 05 meses (300hs cada)	600 h	15 alunos (1ª) 19 alunos (2ª) Total: 34
Oficina de Inclusão Digital e Comunicação	02 oficinas de 05 meses (160hs cada)	320 h	10 alunos (1ª) 10 alunos (2ª) Total: 20
Oficina Comunitária de Educação Ambiental e Cidadania (Agroecologia)	03 oficinas de 03 meses e uma semana (52hs cada)	156 h	10 alunos (1ª) 12 alunos (2ª) 13 alunos (3ª) Total: 35
Oficina de Alfabetização de Adultos e Idosos	02 oficinas de 10 meses (320hs cada)	640 h	15 alunos (1) 15 alunos (2) Total: 30
1º Seminário de Avaliação e Planejamento Participativo – 02/12/2006	01 dia	06 h	100 pessoas
2º Seminário de Avaliação e Planejamento Participativo – 05/05/2007	01 dia	06 h	198 pessoas
3º Seminário de Avaliação e Planejamento Participativo – 25/08/2007	01 dia	06 h	187 pessoas
Atividades na Biblioteca Comunitária	Permanente	- - -	175 pessoas
Reuniões de Equipe RIBAS	Toda sexta feira (02hs cada)	74h	16 pessoas
<b>TOTAL DE ATENDIMENTOS</b>		2448 h oficina	855 pessoas

## 2. Quadro das entidades envolvidas nos seminários e outras ações de mobilização

<b>Nº</b>	<b>Nome da entidade</b>
1.	AMAU (Articulação Metropolitana de Agricultura Urbana)
2.	Associação Imagem Comunitária
3.	Rede Jovem de Cidadania
4.	Biblioteca Comunitária Monteiro Lobato
5.	Comitê Minas da Ação da Cidadania
6.	Companhia de Saneamento de MG (Copasa) DTLE
7.	Escola Municipal Desembargador Loretto
8.	Escola Municipal Professor Paulo Freire
9.	Escola Estadual Bolivar Tinoco Mineiro
10.	Fórum de Entidades e Movimentos Juvenis da Região Metropolitana de BH
11.	Fórum Mineiro de Economia Solidária
12.	Fórum Mineiro de Segurança Alimentar
13.	Fundação Dom Bosco para a Infância
14.	Governo do Estado de MG – Programa Fica Vive
15.	Prefeitura de BH
16.	Projeto Manuelzão (UFMG)
17.	Projeto Resgate e Cidadania
18.	PUC Minas – São Gabriel
19.	Rede de Intercâmbio de Tecnologias Alternativas
20.	Sabic-BH (Associação dos Amigos das Bibliotecas Comunitárias da Região Metropolitana de BH).
21.	Universidade Fumec
22.	Centro de Cultura Corrente do Bem
23.	Rede Popular Solidária
24.	Recanto Nossa Senhora da Boa Viagem
25.	Secretaria Municipal de Abastecimento
26.	Instituto Educacional Manoel Pinheiro
27.	Gráfica e Editora O Lutador
28.	Grupo Causa
29.	Centro de Saúde Ribeiro de Abreu
30.	Centro de Saúde Conjunto Ribeiro de Abreu

As listagens com os dados dos participantes das atividades encontram-se em anexo. Considerando-se o efeito multiplicador da participação das entidades, cada uma levando as propostas à cerca de dez pessoas, o projeto atinge um público total de mais de mil participantes.

### 3. Avaliação qualitativa

A descrição da metodologia de implantação e de avaliação do projeto e a discussão dos impactos do RIBAS foram apresentadas no relatório parcial encaminhado aos Correios no início do mês (vide anexo).

Destacamos que o projeto teve como principal desafio a mobilização dos moradores para a participação. Uma boa parte não tinha o costume de envolvimento em projetos comunitários e várias pessoas relataram uma timidez inicial no contato com o projeto. A questão da auto-estima também foi um fator decisivo: em geral, as pessoas não acreditavam no próprio potencial e no potencial da comunidade local.

As estratégias de enfrentamento de tais desafios, conforme apresentamos no relatório anterior, basearam-se num amplo processo de sensibilização e na proposição de atividades autônomas aos grupos. Com isso, fez-se possível a construção de um trabalho efetivamente participativo e com potencial de multiplicação.

Com isso, o projeto teve como saldo as seguintes conquistas:

**Impacto na auto-estima e construção de novas referências sobre as capacidades individuais e comunitárias:** o projeto conseguiu construir, junto aos moradores, uma aposta na idéia de solidariedade, uma percepção que cada um e a coletividade têm muito a contribuir pelo desenvolvimento de todos e da região. Um forte exemplo disso vem da oficina de alfabetização de adultos e idosos. Vários participantes relatam que, antes da atividade, sentiam-se muito isolados, sendo que alguns enfrentavam problemas como desmotivação e mesmo depressão. A oficina representou uma oportunidade de superação situação de apatia, bem como de formação de laços de amizade e companheirismo. Além disso, os integrantes contam que a aquisição das habilidades de ler e de fazer cálculos matemáticos elementares ampliou enormemente sua capacidade de compreender as situações do cotidiano e de integrar-se à sociedade. Fruto desta conquista é a iniciativa dos alunos de visitar museus, centros culturais e outros espaços públicos. Além disso, os participantes também passaram a buscar conhecimentos gerais de informática, no Telecentro Comunitário “Casa da Cidadania”, de modo a ampliar as suas habilidades.

Uma cultura de participação também está sendo construída progressivamente ao longo das atividades. Esta construção evidencia-se nos aspectos singulares do

cotidiano, como a colaboração progressiva dos participantes nas tarefas ligadas à conservação dos espaços e materiais utilizados nas atividades; e ainda na participação em espaços de comunicação e formação de redes, como o jornal O Ribeirin e os seminários do projeto.

**Formação de redes:** as oficinas fomentaram o trabalho colaborativo e a articulação de redes entre as pessoas e grupos ligados ao projeto. Além de estar à frente do Movimento pela Revitalização do Ribeirão do Onça, que reúne dezenas de entidades e grupos, a equipe do projeto passou a integrar uma série de outras redes de desenvolvimento local e cidadania: AMAU (Articulação Metropolitana de Agricultura Urbana), rede de Intercâmbio de Tecnologias Alternativas, comitê Minas da Ação da Cidadania, fórum Mineiro de Segurança Alimentar, fórum Mineiro de Economia Solidária, fórum de Entidades e Movimentos Juvenis da Região Metropolitana de BH (mobilização de dezenas de entidades da sociedade civil pela construção de políticas públicas de juventude), e Rede Jovem de Cidadania (rede de comunicação comunitária juvenil, com produções nos mais diversos meios de comunicação). Vale ressaltar, por fim, que o Comupra articulou-se a diversos parceiros para a viabilização das atividades do RIBAS.

**Efeito multiplicador:** todas as oficinas tiveram desdobramentos em termos de multiplicação junto a novos grupos e comunidades.

- A oficina comunitária de educação ambiental e cidadania formou lideranças, pessoas da comunidade, público escolar e agentes comunitários de saúde para que possam contribuir com mais informações no incentivo e apoio à comunidade na implantação de novas hortas nos quintais e espaços públicos da região.
- A oficina de reciclagem e artesanato deu origem ao embrião de um grupo de produção e comercialização de objetos artesanais.
- A Biblioteca Comunitária promoveu uma ampla agenda cultural e deu origem à implantação de uma iniciativa semelhante num bairro vizinho (Biblioteca Comunitária Monteiro Lobato – bairro Novo Lajedo).
- Alunos das duas turmas da oficina de inclusão digital e comunicação buscaram a Associação Imagem Comunitária (AIC) para a implantação de uma parceria que possibilitasse que o trabalho em comunicação comunitária também envolvesse a criação de documentários em vídeo.

- A oficina de produção de alimentos e prestação de serviços gerou o desejo de independência econômica das participantes. Assim, integrantes das duas turmas promovidas reuniram-se em torno da proposta de criação de um grupo de produção de alimentos para festas e eventos. Acreditamos que esta iniciativa poderá levá-las a crescer economicamente e irá se consolidar como um empreendimento coletivo de produção e prestação de serviços.

Geração de trabalho e renda: as educadoras das oficinas relatam casos de alunos que, a partir dos aprendizados, começaram a criar produtos e prestar serviços, gerando renda individual. Além disso, são de grande importância às iniciativas de trabalho coletivo em artesanato e alimentação que surgiram a partir das oficinas do projeto.

**Classificação no Prêmio Itaú-Unicef:** estamos classificados como semifinalista com o projeto Ribas entre os 1574 inscritos. Conforme documento em anexos Os impactos positivos apontados resumidamente acima (descrição mais detalhada encontra-se no relatório parcial, que segue em anexo) levaram os alunos, de forma geral, a manifestar o desejo de continuidade do projeto e suas atividades de formação e mobilização. Diante disso, o Comupra encaminhará aos Correios, após a prestação de contas do primeiro ano de atividades, uma proposta de continuidade do projeto em 2007 / 2008. Além disso, a equipe decidiu tornar a oficina de alfabetização de adultos e idosos uma atividade permanente do calendário do Comupra.



## **Realização: Comupra**

### **Avaliação das Oficinas por participantes e educadores**

#### **Metodologia: planejamento e avaliação participativos**

As oficinas do projeto são todas orientadas pela proposta de não apresentar “respostas / fórmulas prontas” aos participantes. A idéia central é que todos têm saberes que são fundamentais aos processos educativos. Este mesmo pressuposto tem orientado nossas atividades de avaliação do projeto. Não acreditamos em modelos de avaliação que partem de uma visão que separa o grupo realizador das atividades do grupo de “atendidos”. Para nossa equipe, o trabalho de avaliação é um processo contínuo de registro e discussão, que é dinâmico e no qual todos estão implicados.

Assim, os mecanismos de avaliação das atividades utilizados pela equipe do RIBAS estão diretamente ligados à proposta de protagonismo popular que norteia todo o projeto. Ao longo do primeiro semestre de implantação, trabalhamos no desenvolvimento de instrumentos e rotinas que buscaram envolver os participantes nos debates sobre as ações em curso, levantando suas dificuldades e potencialidades.

O espaço dado cotidianamente à discussão dos trabalhos em desenvolvimento pelos grupos foi um elemento de análise fundamental aos educadores / facilitadores. Embora tenhamos criado questionários de avaliação individual, toda a equipe foi orientada a promover e valorizar momentos de diálogo com os participantes, registrando e relatando as impressões e idéias apresentadas por eles.

Destacamos que a avaliação do projeto acontece de forma processual. Pretendemos levantar, no dia-a-dia, dados sobre as atividades que possam ser compartilhados pela equipe e norteiem o (re) planejamento das ações. A idéia é ter subsídios para



reorientar as práticas ao longo de seu próprio processo de execução, de modo a superar as dificuldades e ampliar as conquistas.

Toda a equipe se reúne semanalmente para o planejamento e avaliação do projeto. Trata-se de um espaço de apresentação de relatos das atividades em curso, discussão das dificuldades, busca de soluções em conjunto e construção de propostas de integração entre as oficinas. O projeto também realiza seminários periódicos, envolvendo todos os atores sociais locais – inclusive as famílias dos participantes –, na avaliação participativa.

Nos encontros das redes de desenvolvimento integral, preservação ambiental, educação e economia popular solidária das quais o Comupra faz parte, a equipe do RIBAS se faz presente e também apresenta relatos sobre o desenvolvimento do projeto, convidando os parceiros a apresentarem sugestões e a integrarem-se ao processo.

A avaliação do projeto, fruto do cruzamento de todas essas práticas, reúne informações quantitativas (número de atividades e participantes, consecução de metas de público atendido, percentuais de respostas apresentadas pelos públicos às questões propostas pelo questionário de avaliação, número de parcerias e participações em rede estabelecidas etc), mas tem seu foco principal direcionado à aferição de dados de ordem qualitativa, que dizem respeito às conquistas individuais e coletivas no tocante à inclusão social e à melhoria da qualidade de vida.

### **Principais aspectos avaliados**

As atividades educativas e de geração de trabalho e renda promovidas pelo RIBAS acontecem de forma articulada à discussão sobre as riquezas naturais e humanas da região e sobre como cada um pode se implicar nos processos de valorização de tais riquezas. A valorização do local em que se vive e do próprio papel na melhoria deste local é, assim, um valor fundamental difundido.

Nessa linha, nossa avaliação busca perceber as dificuldades e conquistas em relação ao desenvolvimento individual e ao desenvolvimento coletivo e comunitário. No tocante ao primeiro item, vale destacar que, no diagnóstico local que deu origem ao projeto RIBAS, uma das questões mais fortemente percebidas foi a baixa auto-estima dos moradores, tanto em relação a suas potencialidades individuais quanto em relação ao bairro como um todo. Assim, esta questão tem merecido especial

atenção da equipe. Outros aspectos para os quais direcionamos nossa atenção são a relação com o conhecimento (uma vez que pretendemos despertar uma postura crítica e ativa) e o desenvolvimento de habilidades que possam se traduzir em ganhos no campo da inclusão social, como a capacidade de leitura, a aquisição de novas habilidades profissionais, o desenvolvimento da fluência no uso de ferramentas digitais.

Quanto à relação dos participantes com o bairro e com as questões ligadas ao desenvolvimento coletivo e comunitário, buscamos perceber as possibilidades de atuação solidária e coletiva nascidas das oficinas, a percepção dos problemas sócio-ambientais locais e o desenvolvimento de propostas para a superação de tais problemas.

## **Resultados**

### **1. Descrição das atividades e resultados quantitativos**

**Oficina Comunitária de Educação Ambiental e Cidadania – 1:** Sediada na Horta Comunitária criada pelo Comupra na Escola Estadual Bolívar Tinoco Mineiro. Contou com 10 participantes, entre moradores do bairro, agentes comunitários de saúde e outras pessoas interessadas em atuar como multiplicadores.

As atividades tiveram periodicidade semanal e articularam práticas de agricultura orgânica ao debate sobre temas como a revalorização da sabedoria dos idosos sobre plantas medicinais e a disseminação (através de participantes e familiares) da idéia de aproveitamento de quintais e lotes para o cultivo de pequenas hortas; além do intercâmbio de experiências com outras comunidades e com redes de agroecologia do Estado de MG.

**Oficina de Inclusão Digital e Comunicação – 1:** Contou com atividades duas vezes por semana, realizadas no telecentro do Comupra. Promoveu a capacitação de adolescentes e jovens para o uso criativo do computador. Foram 10 participantes, que desenvolveram a primeira edição do jornal comunitário “O Ribeirin”. As atividades práticas ligadas à produção do jornal envolveram os adolescentes e jovens na elaboração da pauta, reportagens e criação gráfica.

**Oficina de Arte-educação Infantil – 1:** Aconteceu na sede do Comupra, no espaço multiuso, que conta com brinquedoteca, e na biblioteca comunitária. Teve 15 participantes e as atividades aconteceram todos os dias da semana, com a seguinte programação: reforço escolar (ajuda no “para casa”); sessões comentadas de cine-vídeo, que se desdobraram em atividades de reflexão, interpretação e produção de textos. Também foram promovidos a leitura de jornais e revistas, uso de jogos para desenvolver habilidades cognitivas, brincadeiras e atividades de criação em pintura, escultura e desenho.

**Oficina de Produção de Alimentos e Prestação de Serviços – 1:** A oficina, promovida junto a 15 alunas, teve como sede a cozinha do Comupra (que adquiriu fogão e utensílios específicos para a ação), mas produziram alimentos para a escola, eventos comunitários etc.

Os encontros aconteceram duas vezes por semana, com atividades práticas de produção de alimentos, ao longo das quais foram trabalhados princípios básicos de nutrição. Foram desenvolvidos, ainda, conteúdos de economia popular solidária.

**Oficina de Reciclagem e Artesanato – 1:** Realizada no espaço multiuso do Comupra, a oficina contou com 15 participantes. Trabalhou com materiais reciclados na produção de peças de arte e artesanato.

Com atividades duas vezes por semana, desenvolveu a criação de objetos decorativos e bijuterias por meio da reciclagem de materiais, além de técnicas de acabamento das peças. Abordou possibilidades de geração de trabalho e renda com base nos princípios da economia popular solidária.

**Oficinas de alfabetização de adultos e Idosos:** Estão em curso duas turmas, cada uma com 15 participantes. As aulas acontecem quatro vezes por semana na sede do Comupra. Além de promover a alfabetização dos participantes, a atividade tem o objetivo de ampliar as possibilidades de inserção social destes. Para tal, trabalha com discussões sobre desenvolvimento pessoal e comunitário e promove atividades extraclasse de integração das turmas. Quanto ao conteúdo, além do desenvolvimento dos conhecimentos básicos e da fluência na língua, estão sendo trabalhadas operações matemáticas básicas, com a simulação de demandas

práticas com as quais os integrantes da oficina se deparam cotidianamente: cálculos relativos a salário, pagamento de contas, recebimento de troco etc.

**Biblioteca Comunitária:** a biblioteca, que tem um acervo de 2,5 mil livros e é um importante equipamento público que o Comupra oferece à comunidade, deu suporte às atividades das oficinas e ainda ofereceu, em caráter permanente, a seguintes atividades aos usuários: pesquisa escolar, leitura coletiva, “hora do conto”, “cine grátis” (sessões comentadas de filmes escolhidos pelos participantes), encontros de lazer e cultura. A média mensal de usuários no primeiro trimestre de 2007 foi de 175 pessoas.

**1º e 2º Seminários do Projeto RIBAS:** eventos de apresentação e discussão das propostas e atividades do projeto junto à comunidade. O 1º Seminário aconteceu no dia 02/11/2006 e contou com a participação de cerca de 100 pessoas. O 2º Seminário, realizado no dia 05/05/2007, teve um público de 198 participantes.

O conjunto de atividades realizadas no período promoveu, assim, o atendimento direto a 568 pessoas. 80% dos participantes atribuíram conceito Bom/Ótimo às atividades realizadas, e a totalidade dos envolvidos e seus familiares manifestaram interesse em continuar participando de ações ligadas ao projeto. Além disso, foram dadas inúmeras sugestões para o aprimoramento e ampliação do RIBAS, que fazem parte do apanhado de informações que apresentaremos a seguir.

## **2. Resultados qualitativos**

### **2.1. Desenvolvimento individual**

Um aspecto muito destacado nos relatórios dos educadores foi a construção, por diversos participantes das oficinas, de novas referências sobre si mesmos, suas capacidades e formas de atuar no bairro, na família e no mundo do trabalho. Educadores e participantes reconhecem, contudo, que este é um processo que apenas se inicia. Nesse sentido, foram recorrentes as solicitações de novas oficinas e atividades, bem como de promoção de ações de desdobramento das primeiras oficinas, como exemplificam os depoimentos abaixo:

“Gostaria de ter mais cursos, para ter condição de ter mais material, para aprender

muito mais coisas, pois muitas pessoas não têm condições”.

“Gostaria que tivesse condições de atender mais pessoas. Porque, além de ensinar, a oficina prepara os alunos para ter condições de criar sua própria fonte de renda. E tem também a interação no grupo”.

A descoberta de novas atividades e de possibilidades concretas de resolver problemas pessoais e familiares é evidenciada por vários participantes:

“Na horta, eu aprendi o valor das ervas medicinais”.

“Na oficina, conhecemos alguns tratamentos naturais. Usei com meus filhos e vi que resolveu. Então comecei a interessar por coisas naturais”.

As duas falas são de participantes da Oficina de Agroecologia, que conheceram e aprenderam os benefícios da alimentação e tratamentos naturais. A educadora da oficina conta que, no início das atividades, nenhum participante queria colocar as mãos na terra, mas isso foi superado com a demonstração da necessidade, importância e resultados que poderiam vir deste contato.

Na Oficina de Produção de Alimentos, que teve uma turma constituída apenas por mulheres, também são marcantes os relatos das participantes que se impressionaram com várias coisas que “nem sonhavam” que um dia aprenderiam, como preparar maionese sem ovos e utilizar ingredientes alternativos para fazer sucos e pratos saborosos. Também já pudemos verificar o interesse em desenvolver trabalhos como a realização de buffet para eventos, de modo a gerar renda. O grupo já começa a se organizar para este tipo de prestação de serviços. Há também iniciativas de comercialização: uma das participantes, por exemplo, antes de terminar o curso já vendia na região salgados que aprendeu a criar na oficina.

Outro aspecto que evidencia o desenvolvimento de habilidades foi que Helena, aluna da primeira oficina, foi convidada a atuar como educadora na segunda oficina. A educadora relatou que, junto com a turma, usou a criatividade para resolver problemas de infra-estrutura. A falta de um armário para guardar os utensílios, por exemplo, foi solucionada com um remodelamento e divisão do armário do almoxarifado. As participantes demonstraram desejo em aprofundar-se em relação aos conhecimentos mais teóricos de nutrição e higiene. Outros aspectos positivos foram a interação entre os membros do grupo e a forte motivação. As integrantes, por exemplo, se emocionaram e se empolgaram ao prepararem os alimentos para o lanche da sua própria formatura.

Na Oficina de Arte-Educação Infantil, uma conquista importante foi o envolvimento

dos familiares das crianças, que avaliaram as atividades junto com a educadora. Eles relataram perceber mudanças na sociabilidade dos filhos, e reflexos no desempenho escolar:

“Meu filho passou a respeitar mais não só os colegas mas também a família, e aprendeu dar valor à nossa casa e às pequenas coisas”.

“O aprendizado da oficina refletiu na escola e diminuiu a agressividade”.

“Achei ótima a oficina. Ajudou no desenvolvimento do meu filho e o ensino no ‘para casa’ foi fundamental para ele”.

Aspectos relacionados ao desenvolvimento emocional e cognitivo também foram destacados pelos pais:

“Ele ficou mais extrovertido e começou até a arrumar sua própria cama”.

“Ela tinha uma personalidade tímida e, depois que entrou para a oficina, aprendeu muito, inclusive a ser mais concentrada”.

Um aprendizado conjugado com o incremento da auto-estima e a ampliação da convivência é o aspecto principal relatado pelas educadoras de alfabetização de adultos. Elas contam que, muito antes do que se esperava, vários participantes já sabiam escrever e ler, e também já resolviam algumas operações matemáticas práticas (cálculos de pagamento de contas e troco, por exemplo) sozinhos. Na avaliação parcial realizada, os integrantes demonstraram o desejo de que a oficina seja mais LONGa que o originalmente previsto, com um aumento da carga horária, de modo que o calendário se assemelhe ao do ano letivo das escolas regulares. Vários alunos justificam tal demanda por avaliarem que seu processo formativo deve acontecer num tempo dilatado, uma vez que acreditam que têm um ritmo de aprendizado mais lento que o verificado nos processos de alfabetização das crianças. Eles apontam que seu ritmo diferenciado dá-se em função de fatores como a própria idade, a necessidade de conciliar o trabalho e as aulas e a pouca prática de estudo formal.

Uma dificuldade encontrada foi a timidez e a vergonha que os participantes sentiam, o constrangimento em freqüentar uma sala de aula na sua idade. Isso foi superado com conversas e interação entre eles e a integração ao dia-a-dia do Comupra e aos debates sobre desenvolvimento da comunidade. Hoje, eles não se sentem mais constrangidos, mas preferem continuar com as atividades educativas do RIBAS a ir para escola regular, que não consideram tão acolhedora.

Notamos que a questão da auto-estima é um aspecto central, que precisa ser

intensamente trabalhado. Temos participantes que relatam viver um quadro de desânimo e depressão, que começa a mudar com a participação na oficina, quando se sentem parte de algo importante e passam a conquistar, aos poucos, a capacidade de ler. Há relatos, inclusive, de integrantes que estavam em uso de medicamentos para ansiedade e depressão e puderam diminuir e mesmo abolir o uso destes medicamentos. Um aspecto fundamental para esta conquista é a possibilidade de “fazer amizades e não se sentir mais solitário”. “Já fui solitária, mas hoje me sinto muito melhor”, conta uma participante.

Alunos expressaram alegria e orgulho ao preencherem, eles mesmos, as questões abertas do questionário de avaliação da oficina. Também falaram de expectativas que até então não tinham. Uma delas foi no campo da inclusão digital: eles foram buscar aulas no telecentro, nas quais puderam conhecer o computador e recursos que até então não faziam idéia que existiam.

Nos depoimentos, as conquistas são ressaltadas:

“Para mim, foi importante. Hoje sei ler e já não dependo de ninguém para ler para mim ou resolver algumas questões”.

“Para mim foi ótimo, pois não me sinto constrangida por não saber ler e por aprender nesta idade. Hoje, escrevo cartas e tenho mais confiança ao ler”.

Os participantes querem ampliar sua experiência no campo do conhecimento, e deixaram algumas sugestões nesse sentido: “que se agendasse passeios em museus, teatros e cidades históricas”; “que o curso continuasse para que pudéssemos finalizar o que começamos”.

As educadoras contam que, para além da experiência de ler e escrever, os alunos se entusiasmaram com os temas abordados, principalmente as discussões sobre meio ambiente e reciclagem. Apontam que as dificuldades em iniciação no mundo da leitura e das operações matemáticas básicas foram superadas com muita paciência e cooperação entre os participantes, além de muito treino.

A oficina de Arte e Artesanato contou com uma turma constituída apenas por mulheres, mas heterogênea em termos de faixa etária: envolveu desde adolescentes até pessoas da terceira idade. Também foi fortemente marcada pela necessidade de se trabalhar a auto-estima e a sociabilidade dos integrantes, com resultados muito positivos. Repetiram-se nela os relatos de pessoas que identificaram a atividade como um elemento que as ajudou a superar a solidão e o desânimo (sendo que uma participante contou que diminuiu consideravelmente a dosagem de anti-depressivo,

consumido há vários anos). Vale destacar, ainda, que a possibilidade de geração de renda foi apontada como um importante elemento motivacional para os integrantes. Uma participante faz um agradecimento em nome da turma: “agradecemos pela oportunidade, pois precisávamos aumentar a renda de casa, mas não sabíamos fazer nada. A oficina proporcionou nosso crescimento, mostrando que também éramos capazes e que poderíamos se quiséssemos”.

Na oficina de inclusão digital e comunicação, o educador recebeu uma turma ávida por explorar as potencialidades do computador. Os alunos falam da alegria de descobrir recursos que não imaginavam que existiam, e relatam a surpresa pela ampla gama de possibilidades, inclusive de criação gráfica. “Até aprendemos a fazer e montar um jornal”, comenta um deles.

Uma dificuldade vivida foi a necessidade de instalação de novos programas nas máquinas do telecentro, o que foi resolvido com ajuda de um técnico parceiro do projeto.

O educador vê o resultado como muito positivo, e fala de um desdobramento importante: vários pais acompanharam as atividades, e até participaram de algumas reportagens. Diversos alunos apontaram que aprenderam muito e terminaram a oficina com muitas idéias para desenvolver utilizando essa nova tecnologia. Dois deles já estão colocando suas idéias em curso: buscaram a Associação Imagem Comunitária, ONG que trabalha na área de comunicação para a cidadania e é parceira do Comupra há muitos anos, para participarem de uma oficina de produção audiovisual. Eles têm três objetivos com a oficina: realizar um documentário sobre o Ribeiro de Abreu, aprender todo o processo de produção de vídeo, e ajudar criar, no telecentro do Comupra, um grupo de produção audiovisual.

## **2.2. Desenvolvimento coletivo e comunitário**

As oficinas geraram diversas oportunidades de atuação solidária e coletiva. Trata-se de um conjunto de experiências que engloba a formação de redes e a participação em movimentos, mas que também envolve pequenos acontecimentos cotidianos. Um exemplo disso foi um processo vivido na Oficina de Alimentação. De início, ninguém queria participar da limpeza da cozinha ao final das atividades, mas a importância de todos contribuírem foi discutida e, no final, o grupo criou uma solução, com equipes de limpeza se revezando periodicamente.

Na oficina de Agroecologia, os participantes realizaram encontros com potenciais



multiplicadores no próprio bairro e em outras localidades e contextos. Além disso, participaram de reuniões de redes de agricultura urbana e desenvolvimento sustentável (atividades que serão descritas e discutidas mais à frente neste relatório). Um resultado dessas articulações que merece ser citado é a implantação de duas novas hortas comunitárias que replicam a tecnologia sócio-ambiental desenvolvida pela Horta do RIBAS: a Horta do Recanto Nossa Senhora da Boa Viagem (unidade de atendimento a idosos situada às margens da Rodovia MG 20, no Ribeiro de Abreu) e a da Escola Estadual Maria Cecília (localizada no bairro Goiânia).

Na produção do Jornal O Ribeirín, que é um dos fios condutores da oficina de Inclusão Digital e Comunicação, todas as atividades de apuração de matérias junto aos moradores do bairro possibilitaram que os jovens participantes entrassem em contato com a realidade local e com diversos sujeitos, grupos e movimentos da região.

A idéia de se juntarem para a criação de iniciativas coletivas de geração de renda motivou as mulheres integrantes das oficinas de Agroecologia e de Alimentação a se juntarem em momentos e espaços extra-oficina. Assim, estão se desenvolvendo debates e articulações para essa possível nova frente do RIBAS.

A oficina de Arte-Educação Infantil foi permeada por atividades lúdicas de caráter coletivo. A presença dos pais e outros familiares para a discussão dos resultados da oficina também gerou importantes momentos de encontro.

A Biblioteca Comunitária, além de prestar um atendimento cotidiano à comunidade em geral, criou eventos culturais que atraíram especialmente o público infanto-juvenil. Foram realizados encontros de contação de histórias e de filmes comentados.

Por fim, destacamos o Seminário do Projeto RIBAS como uma oportunidade de encontro que deu espaço a relatos de experiência e à proposição, pelos moradores, de temas a serem debatidos coletivamente.

Este conjunto de atividades gerou uma valorização do bairro e seus espaços. Acreditamos que tal valorização tem um papel fundamental no processo de superação das referências estereotipadas sobre a região, geralmente focadas apenas na pobreza e nos problemas.

Um aspecto crucial a ser destacado, por fim, é a articulação de parcerias e a participação de coordenadores, educadores e integrantes das oficinas do RIBAS em

diversas redes de agroecologia, de agricultura urbana, de defesa do Ribeirão do Onça e de promoção da cidadania. Tal participação evidencia-se como fruto da percepção coletiva dos problemas sócio-ambientais locais e do amadurecimento das propostas para a superação de tais problemas. Acreditamos que o projeto está construindo uma importante conquista: uma cultura de participação política na região, disseminada pela equipe do projeto e pelos públicos das oficinas, que estão se constituindo em multiplicadores de iniciativas e da mobilização comunitária em prol do desenvolvimento local.

### **Lista de parcerias e redes**

#### **Parcerias pela revitalização humana, social e ambiental do bairro**

**Escolas públicas** – ações de mobilização do RIBAS envolvem as quatro escolas públicas do bairro: a Escola Estadual Bolívar Tinoco Mineiro, que é co-realizadora e sede da horta comunitária na qual acontecem as atividades de agroecologia do projeto, e as demais escolas públicas locais: Escola Estadual Desembargador Loretto, escola Municipal Professor Humberto Almeida e Escola Municipal Professor Paulo Freire. Elas já estão desenvolvendo, em parceria com o Comupra, propostas de educação ambiental.

**Projeto Manuelzão (UFMG)** – rede de mobilização pela recuperação do Rio das Velhas e seus afluentes, que propõe uma discussão ampla sobre desenvolvimento local conjugado a responsabilidade sócio-ambiental. É capitaneada pela UFMG e composta por dezenas de instituições dentre elas, o Comupra, que já articulou com o projeto a realização de atividades de educação ambiental nas escolas públicas do Ribeiro.

**Companhia de Saneamento de MG (Copasa)** – em parceria com a equipe do RIBAS, irá implantar, nas escolas do Ribeiro de Abreu, oficinas de educação ambiental do projeto “Água Viva”.

**Movimento de Revitalização do Onça** – É grande a riqueza ambiental do bairro, que é cortado pelo único trecho ainda não canalizado do Ribeirão do Onça, um dos maiores afluentes do Rio das Velhas em BH. O Ribeirão, se revitalizado e

valorizado, pode ser um espaço público de lazer e educação ambiental importante em Belo Horizonte. Contudo, hoje ele se encontra ameaçado pela poluição e por processos de ocupação desordenada. Diante disso, coordenação do Comupra e equipe do RIBAS convidaram diversos segmentos da sociedade civil a integrarem o Movimento pela Revitalização do Onça. A articulação, que envolve debates, mobilização, educação ambiental e a luta por políticas públicas, já envolve 44 instituições.

**Secretaria Municipal do Meio Ambiente** – convidou a equipe do RIBAS para interagir com o grupo de agentes formadores de cursos de educação ambiental da Prefeitura de BH.

**Participação em redes de promoção do desenvolvimento local e da cidadania** – equipe e demais participantes do RIBAS estão atuando na AMAU (Articulação Metropolitana de Agricultura Urbana), rede de Intercâmbio de Tecnologias Alternativas, comitê Minas da Ação da Cidadania, fórum Mineiro de Segurança Alimentar, fórum Mineiro de Economia Solidária, fórum de Entidades e Movimentos Juvenis da Região Metropolitana de BH (mobilização de dezenas de entidades da sociedade civil pela construção de políticas públicas de juventude), e Rede Jovem de Cidadania (rede de comunicação comunitária juvenil, com produções nos mais diversos meios de comunicação).

### **Parcerias pela sustentabilidade**

Além do patrocínio dos Correios, vale destacar os apoios articulados pelo Comupra para a realização do projeto RIBAS. Parte dos gastos materiais é coberta por doação de recursos financeiros do Instituto Educacional Manoel Pinheiro. O telecentro foi estruturado a partir de doação de computadores e mesas, conseguida junto ao Banco do Brasil. Parceria com a gráfica O Lutador nos garante descontos nos preços de produção do jornal O Ribeirin. Também recebemos apoios mais pontuais das seguintes entidades: Cáritas, colégio Marista Dom Silvério, fundação Dom Bosco para a Infância, instituto Marista de Solidariedade, pBH, oi, governo do Estado de MG, Sebrae-MG.

Destacamos que temos parceria com as seguintes instituições de ensino superior, em estágios e na realização de atividades educativas do projeto: PUC Minas, UFMG e Universidade Fumec

No cotidiano das ações, também atuamos com as seguintes instituições locais: ASAER – Associação Esportiva do Ribeiro de Abreu, ascomoramar – Associação Comunitária dos Moradores da MG 20, centros de saúde e escolas públicas da região, grêmio Recreativo Unidos do Onça, grupo de Teatro do Ribeiro de Abreu, seis igrejas locais (católicas e evangélicas).

### **3º seminário**

Foi realizado no dia 25/08/2007 de 08 às 12h na Escola Estadual Bolivar Tinôco Mineiro o terceiro seminário do projeto RIBAS que contou com a participação de 187 pessoas. A Abertura feita pelo Teatro Menestrel que foi cedido pelos Correios, logo após apresentação do Comupra e do projeto RIBAS. A Oficina Arte Educação Infantil que apresentou uma poesia sobre o Córrego do Onça que foi encerrada com um DVD apresentando imagens e uma dança desenvolvida pelos alunos. Tivemos os depoimentos dos participantes e envolvidos nos projetos, a entrega dos certificados, cartilha e uma lembrança fruto do trabalho dos alunos do artesanato, finalizando com um filme mostrando todo caminho traçado.

Na avaliação final realizada, confirmou-se o desejo da continuidade das oficinas com aprimorar os conhecimentos. A oficinas de Alfabetização de Adulto e Idosos, solicita calendário igual as escolas regulares. Acreditamos que o projeto está construindo uma importante conquista: a cultura de participação social e política na região, disseminada pela equipe do projeto e juntamente com o público das oficinas, que estão se constituindo em multiplicadores de iniciativa Foi fortemente marcado pela necessidade de se trabalhar a auto-estima e a sociabilidade dos integrantes com resultados muito positivos. Nela os relatos confirmou que identificaram a atividade como um elemento que as ajudou a superar a solidão e o desânimo. No relato uma participante conta que diminuiu consideravelmente a dosagem de antidepressivo, consumido há vários anos. Vale destacar, ainda, que a possibilidade de geração de renda foi apontada como um importante elemento motivacional.

O educador viu o resultado como muito positivo, e fala que um desdobramento é importante, uma vez que: vários pais acompanharam atentamente as atividades, e até participaram de algumas reportagens feita por alunos do projeto. Diversos alunos

da oficina de inclusão digital apontaram a importância do aprendizado e terminaram a oficina com muitas idéias e sonhos que postos em prática facilitaram a busca de geração de renda, utilizando essa nova tecnologia. Alguns foram encaminhados para a Associação Imagem Comunitária, ONG que trabalha na área de comunicação para a cidadania e é parceira do Comupra há muitos anos, visando a participação em uma oficina de produção audiovisual buscando colocar em prática suas idéias. Com objetivos claros: realizar um documentário sobre o Ribeiro de Abreu, aprender todo o processo de produção de vídeo, e ajudar criar, no telecentro do Comupra, um grupo de produção audiovisual.

Um aspecto relevante muito destacado nos relatórios é a construção por diversos participantes das oficinas, de novas referências sobre si mesmos e de suas capacidades e formas de atuar no bairro, na família e no mundo do trabalho. Educadores e participantes reconhecem, contudo, que este é um processo que apenas se inicia e são recorrentes as solicitações de novas oficinas e atividades, bem como a promoção de ações de desdobramento das primeiras oficinas, como exemplificam os depoimentos abaixo

A aluna Ana Lucia da oficina de Inclusão digital agradece pela oportunidade e aprendizado apresentando seu grupo. Elizabeth a mãe da aluna Sheila da oficina acima, relatou que ela desenvolve programas em computador tão bem quanto as suas irmãs que já tem curso de outro lugar e diz que o Comupra foi importante e ressalta a necessidade de apoio para o trabalho do Comupra explicando que dentro da instituição existem muitos profissionais competentes.

Angélica aluna do artesanato ressalta a importância que teve para à sua recuperação no momento de depressão e agradece emocionada a todos, principalmente a professora Nedina pelo carinho e amizade, incentiva e agradece a todos a participarem

Dorvina aluna da oficina de Produção de alimentos e Prestação de serviços, diz que não esperava que fosse tão amplo o alcance, embora saiba que tem sempre algo a aprender. Que a convivência tornou-se num espaço de terapia e amizade onde acabava se esquecendo dos problemas, coloca ainda a necessidade de valorizar o que temos no bairro e perceber a importância do que está perto de nós e ressaltou o bom humor da monitora Helena.

Agripina aluna da oficina comunitária de educação ambiental e cidadania relata uma historia para ilustrar que o curso não é só de ensino e conhecimento, que é

importante trabalhar com agricultura, conscientizando as pessoas da importância de cuidar do meio ambiente. Agradece pela oportunidade de ter participado e do apoio recebido, parabeniza. pelo projeto e ressaltou a importância de fazer multiplicadores. Sr Jose Rocha aluno da oficina de alfabetização de adultos e idosos parabeniza o Comupra e diz que conhece o Brasil inteiro mas que nunca viu uma experiência como esta, relata que foi como uma benção de Deus, agradece a professora Gisele pelo carinho e paciência e Itamar pela luta do Onça.

O aluno Marcos também da alfabetização relata que além do aprendizado ganhou muito com as amizades que fez, tornaram como se fosse parte de sua família. Fez um relato de sua vida sofrida e resalta a importância de querer conquistar, sonhar e que para isto precisamos de conhecimento e cultura.

Alexander aluno da oficina arte educação infantil relata o quanto a oficina o ajudou nas atividades do para casa e como despertou sua criatividade, tanto que pôde ajudar os colegas.

Este é o resultado do trabalho desenvolvido pela equipe do Comupra, uma rede de parcerias tendo os correios como patrocinador no período compreendido de 2006 /2007. Com certeza contribuímos para que os anseios de nossa comunidade, nossos amigos e parceiros tenham sido contemplados.A consolidação de sonhos passa por diversas etapas, esta que se finaliza é uma delas. Temos continuar a construção.

Sem mais nada no momento, nos colocamos à disposição para eventuais esclarecimentos.

Belo Horizonte, 30 de agosto de 2007

À

**Departamento de Comunicação e Marketing**

**A/C**

**Noaide Nery correia Alves**

**Assunto: Finalização do Projeto**

**Comunicamos a finalização do projeto RIBAS –Ribeiro Social com sucesso. E conforme acordado, o Comupra – Conselho Comunitário Unidos pelo Ribeiro de Abreu envia os relatórios de realização bem, materiais fotográficos e peças gráficas para comprovação dos itens das contrapartidas tratadas contratualmente.**

**Qualquer dúvida estamos a sua disposição.**

**Atenciosamente**

---

**Itamar de Paula Santos  
Presidente Comupra**